



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E
ENSINO

**ESCRIT(UR)A DE SI NOS EMARANHADOS DAS REDES
SOCIAIS: SENTIDOS E EFEITOS NA (RE)CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE DO ESTUDANTE DO ENSINO MÉDIO**

Maraiza de Moraes Valentim Araújo

Campina Grande, Dezembro de 2016.

Maraiza de Moraes Valentim Araújo

ESCRIT(UR)A DE SI NOS EMARANHADOS DAS REDES
SOCIAIS: SENTIDOS E EFEITOS NA (RE)CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE DO ESTUDANTE DO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguagem e Ensino.

Orientadora: Prof^a Dr^a
Rossana Delmar de Lima
Arcoverde

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

A663e Araújo, Maraiza de Moraes Valentim.
Escrit(ur)a de si nos emaranhados das redes sociais : sentidos e efeitos na (re)construção da identidade do estudante do ensino médio / Maraiza de Moraes Valentim Araújo. – Campina Grande-PB, 2017.
145 f. : il. Color.

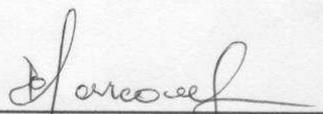
Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Rossana Delmar de Lima Arcoverde".
Referências.

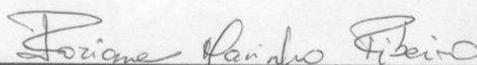
1. Cultura Digital. 2. Escrit(ur)a de si. 3. *Facebook*. 4. Identidade - Dialogismo. I. Arcoverde, Rossana Delmar de Lima. II. Título.

CDU 81'22:004(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO



Profª Drª Rossana Delmar de Lima Arcoverde
(Orientadora)



Profª Drª Roziane Marinho Ribeiro
(Examinadora)



Prof. Dr. Washington Silva de Farias
(Examinador)

A minha família, minha fortaleza e fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

“Sim, coisas grandiosas fez o senhor por mim, por isso estou alegre” (Salmo 126.3). Estou alegre porque chegou o momento de expressar a minha gratidão, a cada um que contribuiu para a realização do meu sonho: SER MESTRE.

Acima de tudo, agradeço a Deus pelo seu amor e por ter me dado sabedoria e discernimento nos dois anos de mestrado.

A minha orientadora, Profa. Dra. Rossana Delmar de Lima Arcoverde, pela confiança, amizade, parceria e pelos ensinamentos durante esse período, sobretudo, o de sermos seres humanos calorosos e acolhedores.

Aos professores doutores que participaram da minha banca: Dr. Washington Silva de Farias e Dra. Roziane Marinho Ribeiro, sou grata pelo direcionamento e pelos apontamentos, dados no momento da minha qualificação, os quais foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Ao professor Washington Farias pelo comprometimento com o ensino e dedicação com seus alunos. É um sujeito admirável.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade de Federal de Campina Grande, a todos os professores que contribuíram nessa minha caminhada de pesquisadora, em especial, a professora e coordenadora Sinara de Oliveira Branco, pelo carinho e presteza em sanar as dúvidas que apareceram durante a caminhada.

Aos sujeitos desta pesquisa, meus queridos alunos, e aos seus pais por terem liberado a colaboração dos mesmos, fator primordial para o desenvolvimento da pesquisa.

A Escola Estadual de Ensino Médio Irineu Joffily e a todos os meus colegas de trabalho pelo carinho e pelas discussões enriquecedoras nos nossos encontros pedagógicos.

Aos meus pais, José de Arimateia Valentim e Geneva Belmira de Moraes Valentim, pelo amor incondicional e pela parceria em cuidar dos meus tesouros (Bia e Elias) para eu estudar. Amo vocês!

Aos meus irmãos, Rodrigo e Herica pela torcida, pelo amor e pela cumplicidade. Amo vocês meus irmãos, não poderia ter irmãos melhores que vocês.

Grata aos amigos que fiz no mestrado, Cristiani, a quem carinhosamente chamo de Cris, a Sandra Carla, Evany, Luciana, Veranildo, Alanne, Ana Steinmüller, Camila, Raiana, Rebeca, Ana Cristina e Rennale pela amizade, pelas alegrias e

aflições compartilhadas durante esse período. A Cris, em especial, quem muito me ajudou a persistir quando achava que estava difícil de seguir.

As minha amigas, Lúcia, Dorinha, Amanda e Vanessa pela eterna amizade, vocês sempre acreditaram no meu potencial.

A minha amiga e parceira, Joana, por sua dedicação em cuidar dos meus filhos como se fossem seus. E a sua família por dividir com a minha família esse ser humano tão sublime.

A todos os meus familiares, cunhadas, cunhados, sobrinhos e sobrinhas, tios e tias que torceram e torcem pelo meu crescimento profissional.

Ao meu marido, Ângelo e meus tesouros, Bia e Elias, por todo amor e compreensão em todos os momentos em que me fiz ausente. Em especial, ao meu marido pela parceria de sempre. Amo vocês!

Enfim, agradeço a Deus toda vez que me lembro de cada um de vocês, porque sei que essa conquista tem um pedacinho (uma contribuição) de cada um.

Grata!

[...]
Costumo dizer que a nossa era é
a era da *ESCRITALIDADE*
a da *IDADE DA ESCRITA*
porque a nossa era é
a era da *ESCRIBATURA*
a *IDADE DA ESCRAVATURA DA ESCRITA*
A noção de *ESCRITA* alargou-se
a *TUDO*
a *QUASE TUDO*
porque a escrita é sinônimo de *IMAGEM*
imagem para se ver
para se ter
para se ser
Escrevo para compreender
para apreender:
a escrita é o que me revela
um mundo
o mundo [...]

(HATHERLY, Ana, 2005, p. 59)

RESUMO

Com a cultura digital antigas práticas de escrita, a exemplo da escrita de si, se reconfiguram e se propagam no ciberespaço. A escrita de si antes utilizada, apenas, para registrar, em letras ou em sons, os fatos da vida do eu e dos seus sentimentos, de forma privada, passa, na contemporaneidade, a ser constituída de múltiplas semioses e, com uma grande diferença, estar aberta a qualquer público. Logo, tomada pelas escrit(ur)as de si que os estudantes/adolescentes fazem na rede social *Facebook*, desejamos estudar a escrit(ur)a de si que esses aprendizes-adolescentes, de uma escola pública estadual fazem nessa rede. Almejando isso, estabelecemos duas questões para nortear essa pesquisa: i) Que sentidos são revelados na escrit(ur)a de si que o aprendiz-adolescente produz no *facebook*?; ii) Quais as repercussões de uma oficina pedagógica sobre o processo de (re)construção da identidade do aprendiz adolescente? Para tanto, concebemos como objetivo geral investigar os sentidos da escrit(ur)a de si na rede social *facebook* e seus efeitos de na (re)construção da identidade de sujeitos aprendizes-adolescentes. Quanto aos objetivos específicos, pretende-se identificar, descrever e analisar os sentidos dessa prática nessa rede social, bem como, avaliar os efeitos que a oficina “Escrita de si: a autorepresentação online” teve na escrit(ur)a de si, bem com, na (re)construção da identidade dos participantes, tanto no momento de sua ministração quanto um mês após a sua finalização. À luz dos estudos e diálogos com os autores, como Foucault (1992 e 2003), Bakhtin(1997[1979]) e (2002[1975]) e Volochinov/Bakhtin (2006[1929]) e Bauman (2005), sobre escrita de si, alteridade e identidade, analisa-se as escrit(ur)as de si, dos alunos, realçando o dialogismo eu com outro nas estratégias discursivas utilizadas na narrativização de si. No que se refere ao aspecto metodológico, realiza-se uma pesquisa qualitativa, de abordagem etnográfica e netnográfica e de natureza descritiva. A coleta de dados dá-se a partir da observação participativa na oficina, a qual teve a participação de dezoito aprendizes-adolescentes da rede pública estadual, de faixa etária entre 14 a 17 anos e todos atores-redes. Os encontros da oficina permitiram tecer uma discussão da realidade da escrit(ur)a de si na rede social *facebook*, evidenciando as múltiplas linguagens utilizadas para o registro da escrit(ur)a de si, bem como os perigos e os riscos nas exposições acentuadas de informações pessoais; a partir do método netnográfico observa-se, de forma direta, as postagens de seis aprendizes-adolescentes, participantes da oficina, no *facebook* durante os meses que ocorreu a ministração da mesma, como também um mês após a sua finalização. Mediante a análise surgiram três categorias em relação à escrit(ur)a de si, que a luz de Scherer(2010) é categorizada em: *revelação/encontro de si*; *captura de si* e *voos de si*. Os resultados apontam que a construção discursiva mais recorrente entre os alunos é a revelação/encontro de si, isto é, os sujeitos revelam para o outro, os melhores momentos do seu dia, os sentimentos, os seus gostos e seus estados físicos. É válido dizer que essa escrit(ur)a acontece, frequentemente, por meio do *selfie*. Por outro lado, percebe-se que sujeito é fluído, posto que, no momento da oficina, teve-se a oportunidade de ouvir as contribuições desse trabalho pedagógico em relação ao cuidado que se deve ter com a exposição do “eu”. No entanto, após a oficina, volta-se a acompanhar as *timelines* dos sujeitos e observa-se que, a maioria deles, continuam com a mesma prática de outrora. O que permite concluir que os aprendizes-adolescentes buscam no(s) outro(s) o acabamento para serem atores-redes visíveis na era digital, não importando mais os valores rígidos, tais como, resguardar a intimidade e informações pessoais.

Palavras chave: Cultura digital. Escrit(ur)a de si. Facebook. Identidade. Dialogismo.

ABSTRACT

Digital culture has brought back old writing practices like self-writing, reconfigured and propagated in cyberspace. Used then only to record, in letters or sounds, the sole facts *of the self and its feelings in a private way, self-writing is now, in contemporaneous society*, comprised of multiple meanings, with the great difference of being open to any public. The study of self-writing was motivated by self-writings that teen-aged apprentices from a state school perform mainly on *facebook*, exposing their bodies and sexuality in an aggravated way. Two questions were set forth to guide this research - i) What meanings are revealed in the self-writing that the teen-aged apprentices produce on *facebook*?, ii) What are the repercussions of pedagogical workshop on this process of (re)construction of identities on teen-aged apprentices? The general objective was to investigate the senses of the self in the *facebook* social network and its effects on the (re)construction of the identify of learning adolescent subjects. The specific objectives intended to identify, describe and analyze the meanings of the practice in the social network being considered, as well as to evaluate the effects that the workshop "Writing itself: self-presentation online" had on the with the (re)construction of the identity of the partivipants, both at the time of their ministry and a month later after its completion. In the light of the studies and dialogues about self-writing, alterity and identity with authors like Foucault (1992 and 2003), Bakhtin (1997[1979]) and (2002 [1975]) and Volochinov/Bakhtin (2006[1929]) and Bauman (2005), alterity and identity, we analyze the self (s) of the students, emphasizing dialogism with others in the discursive strategies used in the narrativization of self. The methodological aspect consisted of a qualitative research of ethnographic and netnographic descriptive approach. Data collection was based on the participant observation in the workshop entitled "Self-writing – the self-representation online", which had the participation of eighteen teen-aged apprentices coming from the state school system, aged between 14 and 17 years old, all being actors-network. The workshop meetings provided a discussion about the reality of self-writing on *facebook*, stressing the multiple languages used to register self-writing as well as the hazards and risks in the aggravated publicities of personal information. The netnographic method allowed to directly observe the posts on *facebook* of six of the teen-aged apprentices participating in the workshop during the months of its administration as well as a month after its completion. Posts referring to "the self" were captured and archived in the search database. The analysis resulted in three categories regarding self-writing, that the light of Sherer(2010) is categorized in: revelation/encounter of oneself; Capture of oneself and flight out of oneself. The results point out that the most recurrent self-writing style among teenagers is self-disclosure, where they reveal to others the best moments of their day, feelings, tastes and physical states, a practice that often happens through the sharing of the so-called *selfie* pictures. On the other hand, one can notice that the subject may be fluid, for he had the opportunity to listen to, while attending the workshop meetings, the contributions of this pedagogical work in relation to the care that one must have concerning his self-exposure. The *facebook* timelines of the subjects studied, however, registered that most of them continued the same practice as before right after the end of the workshop, which allows us to conclude that teen-aged apprentices seek in the others the complement to be actors-network who are visible in the digital age, despising strict values such as protecting privacy and personal information.

Key-words: Self-writing. Facebook. Digital Culture. Identity. Dialogism.

GRÁFICO

GRÁFICO 1 – Comparativo entre as escrit(ur)as de si durante e após a oficina 128

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Perfil dos alunos em função do uso da rede social <i>facebook</i>	57
QUADRO 2 - Horário de coleta no <i>facebook</i>	62
QUADRO 3 - Números referentes às postagens dos aprendizes-adolescentes no <i>facebook</i>	69
QUADRO 4 - Sistematização da Oficina <i>Escrita de si: a autorrepresentação online</i>	108
QUADRO 5 - Houve mudanças?	117
QUADRO 6 - Números referentes às postagens dos aprendizes-adolescentes no <i>facebook</i>	120

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Recorte do aprendiz-adolescente M1	78
FIGURA 2 – Novas reações para o <i>facebook</i>	80
FIGURA 3 – Recorte do aprendiz-adolescente F2.....	81
FIGURA 4 – Recorte do aprendiz-adolescente F1	83
FIGURA 5 – Recorte do aprendiz-adolescente F2.....	87
FIGURA 6 – Recorte do aprendiz-adolescente F1	92
FIGURA 7 – Recorte do aprendiz-adolescente F2.....	94
FIGURA 8 – Recorte do aprendiz-adolescente M1	95
FIGURA 9 – Recorte do aprendiz-adolescente F1	99
FIGURA 10 – Recorte do aprendiz-adolescente F2.....	99
FIGURA 11 – Recorte do aprendiz-adolescente M1	102
FIGURA 12 – Atividade feita pelos aprendizes-adolescentes	113
FIGURA 13 – Recorte do aprendiz-adolescente F2.....	122
FIGURA 14 – Recorte do aprendiz-adolescente M1	124
FIGURA 15 – Recorte do aprendiz-adolescente F1	126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
II. NAS TRILHAS DAS TEORIAS	23
2.1 A cultura escrita: da escrita grafocêntrica à escrita digital	23
2.2 As práticas sociais nas redes sociais.....	29
2.3 A escrita de si e a escrita para o outro	35
2.4 Identidade do sujeito/ator-rede.....	44
III. DELINEAMENTO DO PERCURSO METODOLÓGICO	49
3.1 Natureza e tipo de pesquisa	51
3.2 O contexto de pesquisa	56
3.3 Os sujeitos da pesquisa.....	57
3.4 Instrumentos da pesquisa	61
3.5 Organização do procedimento de coleta e de análise dos dados.....	62
IV. NAS MALHAS DA REDE SOCIAL: ESCRIT(UR)A DE SI	67
4.1 A escrit(ur)a de si dos atores-redes no <i>facebook</i>	68
4.1.1 Revelação/encontro de si	72
4.1.2 Captura de si.....	89
4.1.3 Voo de si	97
4.2 Revisitando a escrit(ur)a de si	104
4.2.1 A oficina pedagógica.....	105
4.2.2 Após a oficina pedagógica.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICES.....	139

INTRODUÇÃO

O cenário vigente marcado pela revolução tecnológica e todos os seus artefatos futuristas nos permite enxergar uma sociedade em que “(...) mais pessoas do que nunca antes passaram a escrever” (COULMAS, 2014, p. 167), mediante a propagação e popularização dos dispositivos móveis e do acesso à internet, fazendo com que a escrita, que teve sua origem na pedra, instaure-se na tela, revelando-se além do papel.

Logo, a cultura escrita da cibercultura, produzida no ciberespaço, está (re)desenhando antigas e novas práticas, delineando novos hábitos e costumes. Pois a função social e cultural da escrita vai muito além de registrar, armazenar dados ou preservar a história de um povo e de uma comunidade. Ela é uma tecnologia de participação política, social e cultural. É fato que sempre foi. Entretanto, “ganhou fôlego” e empoderamento com a revolução digital, uma vez que permitiu ao sujeito nativo ou imigrante digital participar e influenciar as práticas sociais, tanto na esfera *online* quanto na *offline*, ampliando o acesso e as possibilidades de se falar (escrever) em espaços diversos com o uso de linguagens (hiper/multi)modais.

Esse empoderamento do indivíduo é fruto da Web 2.0, a qual possibilitou aos sujeitos produzir, criar, partilhar, cooperar e publicar informações em hipermídias. Por consequência, a escrita ganha novos e distintos espaços, tendo em vista que parece se fortalecer e se instaurar pela via de outra organização sistemática, as redes sociais, que ,conforme Recuero (2009), são sistemas que possibilitam a criação e publicização de um perfil individual e a interação entre sujeitos participantes da rede.

Apesar dessas transformações, nos valemos da ressalva feita por Santaella (2003) ao afirmar que não podemos ter uma visão reducionista sobre as transformações culturais, isto é, não podemos dizer que elas foram acarretadas, exclusivamente, pelo surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação. As transformações que levaram à chamada “cultura da mídia” ou cibercultura foram

oriundas da linguagem multimodal, das mensagens e das interações que ocorrem nos ambientes virtuais. Além disso, conforme Street (2014), as práticas sociais é que colaboram para as mudanças e não a tecnologia por si própria, tendo em vista que o homem é um ser social constituído pelas permanentes trocas, inter/intra cultural, social, política, ideológica etc.

Entretanto, não podemos negar que a cultura escrita, nesse novo cenário, tem uma maior capacidade de adaptações, de flexibilidade, de criatividade, de hibridismo e de multimodalidade. Os sujeitos usam essa pluralidade de linguagens em prol da arte de produzir sentido, de se fazer ouvir, de ser visto pelos olhos do outrem e pela necessidade de falar ou escrever sobre si para o(s) outro(s)/Outro(s).

Em meio a esse turbilhão de possibilidades, com a tecnologia da escrita, uma velha prática se (re)desenha nessa conjuntura cibernética e chamou a nossa atenção: o fato da incessante escrita de si na rede social do *facebook*¹. Velha prática porque Foucault (1992) nos lembra de que a ação de registrar/escrever sobre si era uma prática muito usada e difundida na cultura ascética. No entanto, essa atividade da ordem da intimidade e do privado, não estava disponível para “todos”, havia restrições, o que difere da escrita de si no *facebook*, que se encontra livre para todos que estão na rede, como também se materializa em múltiplas linguagens nos perfis pessoais, não apenas na materialidade linguística.

Vale ressaltar, que devido ao uso dessas linguagens hiper/multimodais, achamos por bem denominarmos de **escrit(ur)a de si**, tendo em vista que não estamos diante de uma prática em que a escrita aconteça unicamente de maneira convencional, ao contrário, é caracterizada pela multimodalidade, plurilinguismo e pelas multisemioses, ingredientes que compõe o caldeirão da cibercultura.

¹ Segundo o site *Top 10 o facebook* é o site ou aplicativo mais acessando no país e no ranking dos países o Brasil está em terceiro lugar, perdendo apenas para os Estados Unidos e a Índia¹. Essa informação foi veiculada na matéria “As top 10 das redes sociais mais acessadas do Brasil”. Disponível em: <http://top10mais.org/top-10-redes-sociais-mais-acessadas-do-brasil/>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

O principal fator que corroborou, segundo Keiserman (2012, p. 31), para a disseminação dessa prática, nas redes sociais, foi o fato dela “proporcionar ao usuário a ilusão de popularidade”, principalmente, aqueles que possuem uma “vida social inativa ou limitada”. Isto é, muitos sujeitos saíram do “anonimato” escrevendo sobre si pensando no(s) outro(s).

Reforçando essas discussões Barton e Lee (2015, p. 229) afirmam que as “novas mídias oferecem novas virtualidades e maneiras para os usuários online escreverem sobre si mesmo, o que lhes oportuniza criar e atualizar constantemente suas autobiografias em tempo real”. As *timelines* do *facebook* são recheadas de confissões, de fotografias, de pensamentos e de vídeos pessoais, isto é, a escrit(ur)a de si se viralizou² e se popularizou nesse ambiente.

Logo, estamos diante de um sujeito dialógico, que, à luz dos estudos bakhtinianos e do seu Círculo é definido como um ser não individual, mas, sim, como uma relação dialógica entre o “eu” e o “outro”, isto é, o sujeito na condição de “eu” “(...) ver-se pelos olhos de outro” (BAKHTIN, 1997[1974] p. 37). Daí a necessidade de se expor nas redes sociais, seja compartilhando os lugares frequentados ou seus pensamentos, seja respondendo a pergunta que está lá no *status* do *facebook* (“*O que você está pensando?*” ou “*Gostaria de compartilhar algo?*”); seja, ainda, escrevendo na tela suas indagações, fatos do dia-a-dia ou mostrando-se como um produto mercadológico de beleza. Essas práticas, muitas vezes, são justificadas pelo desejo de tornar-se conhecido e aceito pelo que transitoriamente deseja ser ou pelo o que o(s) outro(s) quer(em) que o ator-rede seja ou venha a ser.

Tendo por base essas reflexões, investigamos os sentidos da escrit(ur)a de si e os efeitos de uma oficina pedagógica na (re)construção da identidade dos sujeitos em ambientes virtuais. Acreditamos que os sentidos produzidos nessas escritas

² A palavra *viralizar* é um termo oriundo do mundo digital. É usado quando que informar ou dizer que uma ação ou prática se espalhou rapidamente na rede, como um vírus.

ultrapassam e atuam no mundo *online* e *offline* do sujeito/usuário, visto que essa prática em redes sociais tem muito a dizer dos sujeitos cibernéticos.

Ao fazermos o estudo da arte, averiguamos que pesquisadores de diversas áreas de estudo, como Análise do Discurso, Linguística Aplicada, Educação e Psicologia têm se voltado para o estudo da escrita de si e para discussão sobre identidade em ambientes virtuais. Alguns desses estudos, tais como: Komesu (2010), Santiago (2010), Dias (2010), Ruiz (2011), Coracini (2011) e Keisermam (2012) buscam compreender a “escrita dos movimentos interiores”³ que vêm tomando as páginas pessoais na Web 2.0, seja em blogs, em salas de bate-papos, *Orkut* (rede de relacionamentos já suplantada pelo *facebook*), em *status* do *Messenger* etc. Como também estão interessados em interpretar e discutir os sujeitos que fazem uso desse tipo de escrita.

Em geral, esses estudos revelam que a escrita de si, antes marca de intimidade e de confissões secretas no “texto-papel”⁴, hoje, com os sites de redes sociais tornam-se públicas no “texto-tela”. Essas pesquisas, ainda, evidenciam que essa narrativização de si, na tela, é marcada por um narcisismo exacerbado, em que os perfis ou as *timelines* se configuram em um palco de dramatização da vida e da idealização da autoimagem.

Vale salientar, que o nosso interesse em estudar sobre a escrit(ur)a de si que os adolescentes fazem no *facebook* surgiu quando visualizamos as postagens de alguns aprendizes-alunos (menores de idade), de uma escola pública estadual da Paraíba, em que escritas de si acopladas a imagens sexuais e palavras imperativas, mais próximas de um discurso publicitário, nos chamava a atenção. Percebemos que se tratava de postagens que convidavam o(s) possível(eis) leitor(es) a interação, como por exemplo: “*Vem que vem novinho*”; “*que poder play então vem com a luxuosa*” e

³ Expressão usada como sinônimo de escrita de si, por Michael Foucault em seu texto “A escrita de si”. (Foucault, 1992)

⁴ Termo usado por Coracini (2011), no texto “A escrita de si na internet: histórias ao acaso e o acaso das histórias”, em que a autora utilizada “texto-papel” em distinção ao “texto-tela”.

“*garanto o serviço*” - eram motivo de discussões em sala de aula ou nos corredores da escola.

Vejamos um exemplo dessa prática, utilizada por um dos alunos dessa instituição de ensino, a qual nos despertou a estudar tal objeto:



Ao escrever na sua própria imagem, “*quer poder play então vem com a luxuosa*”, nos revela um sentido de sexualidade, em virtude da garota estar vestida apenas com roupa íntima. Além disso, a adolescente parece se oferecer como um produto a ser consumido, sentido desvelado pelo tom imperativo do enunciado “*vem com a luxuosa*”. Já, o termo “*luxuosa*” nos remete à palavra luxúria e prazer, que está diretamente relacionada à palavra “*poder*”, como se a condição para ele (“*play*”) possuir poder é ter “*a luxuosa*” (o sujeito que faz a postagem). É nítido, também que a composição da imagem com o enunciado foi escrito para um outro, o sujeito deseja travar uma relação dialógica com o interlocutor, que, chamado de “*play*”, redução da palavra *playboy*, vai sendo construída nos comentários/respostas (“*Bom dia mocinha linda*” e “*Bom dia gata*”).

Sentimo-nos atraídas e envolvidas para estudar esse fenômeno. E ao olharmos para essa postagem, como um exemplo entre tantas outras publicações da

escrit(ur)a de si, refletimos sobre a responsabilidade da escola em se preocupar com o que acontece com seus alunos na esfera *online*. O que a escola pode fazer para alertar os alunos quanto ao uso deliberado dessa narrativização do eu no ciberespaço? É válido mencionar, ainda, que essas escritas de si, revelam o que Coracini (2011) chama de “(des)comprometimento” do sujeito, tendo em vista que não há mais um limite ou valores a serem seguidos, estamos diante de uma sociedade egocêntrica, exibicionista e imediatista. Por isso, nos preocupamos em oferecermos uma oficina pedagógica, e a partir da ministração verificarmos os efeitos na (re)construção da identidade dos estudantes.

Com base nisso, buscamos então, nesse estudo, responder aos seguintes questionamentos, no intuito de elucidar nosso objeto de estudo:

a) Que sentidos são revelados na escrit(ur)a de si que o aprendiz-adolescente produz no *facebook*?

b) Quais as repercussões de uma oficina sobre o processo de (re)construção da identidade do aprendiz adolescente?

Em virtude dessas questões, estabelecemos como objetivo geral: *Investigar os sentidos da escrit(ur)a de si e os efeitos de uma oficina pedagógica na (re) construção de identidades dos sujeitos na rede social facebook.*

Elencamos os seguintes objetivos específicos:

a) Identificar e descrever os sentidos da escrit(ur)a de si na rede social *facebook*.

b) Descrever e analisar os sentidos que o aprendiz-adolescente atribui à escrita virtual.

c) Avaliar os efeitos da oficina pedagógica na (re)construção de identidades do aprendiz-adolescente.

Logo, utilizaremos como referencial teórico os estudos de Foucault (1992) e (2003) sobre a escrita de si e o discurso, como também os estudos de Bakhtin (1997 [1979]), (2002[1975]) e Volochinov/Bakhtin (2006[1929]) sobre a alteridade e a

constituição do discurso do cotidiano. O estudo segue os princípios da pesquisa qualitativa, assume uma abordagem etnográfica e netnográfica e é de natureza descritiva, posto que procuramos descrever a escrit(ur)a que os sujeitos fazem no ciberespaço e os sentidos revelados nessa prática.

Avaliamos que, com esse estudo, poderemos fornecer subsídios para conhecermos um pouco mais sobre as formas de subjetivação(identidades/identificações) dos sujeitos da contemporaneidade, da cultura digital, que, além de nativos digitais, são também estudantes/aprendizes. Sendo assim, talvez consigamos refletir sobre possíveis caminhos para o ensino da escrita, numa perspectiva discursiva, notadamente no tocante à importância de construir/travar com os aprendizes-adolescentes discussões de temáticas que se configuram no momento sociohistórico da contemporaneidade. Ao oportunizar o tratamento de temáticas atuais, poderemos conhecer os sujeitos, da era pós-moderna, bem como, poderemos contribuir para a (re)construção da identidade desses sujeitos.

Posto que, a maioria dos docentes de língua materna, ao tratar da cultura escrita, continuam a priorizar e evidenciar a estrutura da língua, a escrita no papel, não dando visibilidade à escrita que acontece na “tela”, e quando enfatizam é apenas para evidenciar e punir o uso do “internetês”.

Ademais, esse estudo também se justifica pela necessidade de se observar a importância, bem como as possíveis contribuições dos estudos da escrit(ur)a de si para a formação do sujeito enquanto cidadão letrado, o qual visa transformar o seu mundo social a partir das práticas sociais com a língua/linguagem.

Nessa perspectiva, inserida no campo de estudos da Linguística Aplicada, e vinculada à linha de pesquisa “Língua(gem) em Contexto de Ensino de Português – Língua Materna” do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, concordamos e assumimos que é responsabilidade do educador, inserido no campo referido, “desenvolver um senso linguístico que faça com que o aluno veja, sinta, interprete a linguagem não como uma

disciplina escolar, que dita normas do bem falar e escrever, mas sim como algo que está intimamente inserido na sua vida de cidadão, de ser humano” (CELANI, 2000, p. 22).

A presente dissertação está organizada em três capítulos: *Nas trilhas das teorias*, capítulo destinado à fundamentação teórica; *Delineamento do Percurso metodológico*, detalhamento de todo o percurso de coleta e geração de dados e *Nas malhas da rede social: escrit(ur)a de si*, capítulo analítico. Além desta, *Introdução*, temos ainda as *Considerações finais*, *Referências* e *Apêndices*.

O primeiro capítulo, *Nas trilhas das teorias*, está subdividido em três seções: *A cultura escrita: da escrita grafocêntrica à escrita digital*, em que tratamos da cultura escrita e suas mudanças no decorrer da história da humanidade; *As práticas sociais da escrita nas redes sociais*, momento em que contemplamos as diversidades de escrit(ur)as nesse espaço, entrelaçando com discussões sobre os conceitos de redes sociais e sobre o site de relacionamento *facebook*; *A escrita de si: para o outro/Outro*, na qual abordamos o conceito de escrita de si à luz das discussões de Michel Foucault, entrelaçando com as discussões conceituais sobre alteridade e dialogismo de Mikhael Bakhtin e seu Círculo. Por fim, temos a última seção, *Identidade do sujeito/ator rede*, em que trazemos a compreensão do que venha a ser identidade na era pós-moderna.

O segundo capítulo, *Delineamento do percurso metodológico*, apresentamos a natureza e o tipo da pesquisa; descrevemos o *corpus*, bem como os sujeitos da pesquisa, os instrumentos utilizados e os procedimentos de coleta e análise de dados.

O terceiro capítulo, *Nas malhas da rede social: a escrit(ur)a de si*, expomos a análise e a discussão dos dados, que foram organizadas em duas seções. Na primeira, identificamos e discutimos os sentidos desvelados na escrit(ur)a de si que os aprendizes-adolescentes fazem no site de relacionamento *facebook*, a partir de três categorias: a) *revelação/encontro de si* (o eu sendo eu); b) *captura de si* (o eu e sua melhor parte); e c) *voo de si* (projeções do eu). Por fim, refletimos sobre a repercussão

que a oficina pedagógica, desenvolvida com os aprendizes-adolescentes, teve na (re)construção da identidade, bem como, as possíveis contribuições desse prática na formação do ator-rede.

É claro que com esta pesquisa não esperamos dar conta/concluir sob um tema tão polêmico, em que tantos aspectos estão envolvidos, mas ensejamos, antes de tudo, propiciar abertura de espaços para reflexões mais profundas que incitem outros modos e atitudes sobre o uso da(s) linguagem(ns) nas redes sociais.

II. NAS TRILHAS DAS TEORIAS

Produzir um texto é um ato de escritura, ou melhor, de in-scrição – numa superfície vazia (papel em branco ou tela vazia) – de si, em si e no outro. (CORACINI, 2010, p.29)

Nas páginas subsequentes, iremos fazer um breve recorte da história da cultura escrita, da escrita grafocêntrica a escrita da era digital, para que possamos compreender as mudanças ocasionadas pela cultura digital.

Em seguida, vamos discorrer sobre as práticas sociais na rede de relacionamento *facebook*, bem como, a escrit(ur)a de si que se estabelece nessa rede e os sentidos revelados pela mesma. Essas discussões darão sustentação e conduzirão o nosso capítulo analítico. Ademais, iremos tratar da identidade na era da liquidez e da fluidez, mostrando como isso influencia nas práticas dos sujeitos.

Para tanto, trazemos considerações acerca da escrita de si à luz de Foucault e da alteridade à luz de Bakhtin e seu Círculo. Objetivamos, com isso, refletir sobre os sentidos da escrit(ur)a de si no *Facebook* e os efeitos dessa prática na identidade do sujeito/ ator-rede.

2.1 A cultura escrita: da escrita grafocêntrica à escrita digital

Antes de percorrermos a trilha que nos levará à discussão sobre a cultura escrita, trataremos brevemente da linguagem, uma vez que, a escrita é uma tecnologia que reproduz e (re)cria a linguagem. Sendo a escrita parte do todo, nada mais justo que seguirmos o caminho que nos levará a compreender a linguagem (o todo), para só assim partirmos para a(s) parte(s).

Sabemos que toda cultura é (trans)formada, revelada e disseminada pelo homem, o qual se constitui a partir da linguagem. Conseqüentemente, o homem é o ser social da linguagem.

O homem primitivo, mesmo sem fazer uso da linguagem oral e escrita, pelo menos da maneira como hoje produzimos, registrava em cavernas ou em pedras acontecimentos do seu cotidiano, utilizando uma linguagem pinturesca. Essa fase não só faz parte da história evolutiva, a qual passou o homem, como também revela a necessidade da humanidade para registrar, comunicar e interagir com outro e consigo mesmo, mostrando que o indivíduo não é só biológico e fisiológico, é, em essência, social.

Sendo um ser social, podemos afirmar que a sociedade e a linguagem são indissociáveis para a compreensão do sujeito dialógico. Posto que, o homem se constitui a partir da linguagem ao mesmo tempo em que a constrói, pois é responsável pelas transformações da língua(gem) e da sociedade.

A grosso modo, o que seria linguagem? A palavra oralizada ou escrita, a imagem estática ou em movimento, um vídeo analógico ou digital, gestos corporais etc. são linguagens. Apropriamo-nos dessas tecnologias para provocar ações/reações no outro. Estamos imersos nesse mundo de possibilidades multifacetadas e multimodais, a que a(s) linguagem(s) nos possibilita(m).

Entretanto, por certo período, a linguagem foi vista como expressão do pensamento. Conforme Oliveira e Wilson (2013), a concepção de linguagem, nesse momento, seria a representação simbólica do pensamento, ou seja, seria o mesmo que dizer que ela se manifesta independentemente das práticas sociais, culturais, históricas e políticas.

Em outro momento, a noção de linguagem é difundida como se ela fosse um instrumento de mera comunicação e expressão. Essa concepção surgiu, ainda conforme os autores supracitados, com os estudos propagados por Roman Jakobson sobre os elementos da comunicação e as funções da linguagem, em que se defendia que toda atividade de linguagem teria uma finalidade ou um propósito comunicativo, seja de referência, apelação, metalinguística, poética ou emotiva. Nessa visão, estão

diretamente relacionadas aos elementos da comunicação, tais como: emissor, receptor, mensagem, canal, código e referente.

Também, temos a concepção de linguagem sob a perspectiva interacionista, que defende que todo e qualquer texto, seja oral ou escrito, se constrói na interação, pois é pela linguagem que o homem se constitui sujeito. Para essa concepção as atividades humanas são consideradas, sempre, como mediadas simbolicamente. A linguagem, aqui, é vista como um produto histórico-social, por isso ela é heterogênea.

Sob o olhar da concepção discursiva Volochinov/Bakhtin (2006[1929]), concepção essa que assumimos nesse estudo, a linguagem é vista como interação social. Volochinov/Bakhtin (2006[1929]), precursores dessa perspectiva, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, ao defenderem a filosofia marxista da linguagem, refutam os estudos sobre a linguagem que desconsideravam o estudo da *parole* (fala) e as práticas sociais. Contrapondo-se a essa posição, afirmam que o estudo da linguagem “(...) deve justamente colocar como base de sua doutrina a enunciação como realidade da linguagem e como estrutura sócio-ideológica” (VOLOSHINOV/ BAKHTIN, 2006[1929] p.121).

Nesse sentido, o estudo da linguagem deve centrar-se em compreender o enunciado em contextos reais e concretos, inseridos em práticas sociais, as quais se realizam e são influenciados por diversos fatores sociais, políticos, econômicos, culturais, históricos etc.

Brandão (2004) no obra, *Introdução à análise do discurso*, especificamente na seção *glossário*, ao conceituar linguagem, a partir do viés discursivo, afirma que, ao compreendermos a linguagem como interação social, devemos perceber que estamos diante de um “(...) lugar de conflito, de confronto ideológico, em que significação se apresenta em toda a sua complexidade (BRANDÃO, 2004, p.108).

Diante disso, podemos dizer que a linguagem pode ser tida como uma tecnologia cultural, eficiente para o compartilhamento/transmissão de pensamentos, de fatos e para a obtenção de conhecimento, mas, sobretudo, é a unidade de

interação, pois, todo enunciado procede de alguém para um outro, os quais são regidos por fatores extralinguísticos.

Dentro desse todo multifacetado e heterogêneo, que é a linguagem, a escrita é considerada a maior tecnologia inventada pelo homem. Coulmans (2014, p. 12) afirma que se considerarmos a linguagem o traço que nos distingue dos outros animais, “a escrita é nossa mais importante invenção”. Coadunando com isso, Pierre Lévy (1994, p. 96) ressalta a relevância dessa tecnologia para a sociedade ao dizer que: “Sem a escrita, não há datas nem arquivos, não há listas de observações, tabelas de números, não há códigos legislativos, nem sistemas filosóficos e muito menos críticas destes sistemas”.

Ao evidenciar que a escrita é uma das manifestações mais antigas, Barbosa (2012) nos lembra de que o homem desde sempre buscou “(...) comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos”, seja pictográficos ou grafocêntricos.

Entretanto, a valoração da escrita na sociedade se modificou e se modifica conforme as práticas sociais do homem, as quais sofrem influências dos fatores históricos, políticos e culturais. A linguagem escrita, da qual nós nos apropriamos e utilizamos, passou por diversas transformações na história da cultura escrita. A escrita, segundo Sampson (1996), surgiu depois da *Revolução neolítica*, quando os homens primitivos sentem a necessidade de residir em um local fixo deixando de ser nômades, o que possibilitou ao homem a invenção da agricultura. Ademais, o autor ressalta que a história da escrita pode ser compreendida e dividida em três períodos: pictórica, ideográfica e alfabética.

A escrita pictórica se dá através da representação de registros do cotidiano e de pensamentos em forma de desenhos ou figuras simbólicas. A escrita ideográfica se dá a partir de sinais que exprimem uma ideia, a exemplo dos hieróglifos dos Egípcios. A escrita alfabética se assemelha ao que temos atualmente, o homem passa a usar um símbolo para representar cada som. Entretanto, a evolução da escrita não se deu em todas as civilizações da mesma forma.

Lévy (1994) aponta, em sua obra *As tecnologias da inteligência*, que a escrita passa a ser uma tecnologia do poder (das instituições das antigas civilizações) a serviço dos reis ou faraós para a organização e administração dos seus territórios. A escrita era restrita aos donos do poder.

Coadunando com esse posicionamento, Coulmans (2014, p. 25), ao tratar da escrita como prestígio, afirma que “(...) a escrita ocupa uma posição diferente nos recursos simbólicos das diferentes sociedades e é encarregada de funções diferentes relativas, de diversas maneiras, ao poder”. O poder, ao qual nos referimos aqui, é a capacidade do estado em controlar e limitar o conhecimento científico, cultural e administrativo dos povos subordinados.

Kato (1995) nos lembra de que na história da cultura escrita em algumas civilizações, em que a modalidade oral era a grande difusora dos conhecimentos e dos estudos dos filósofos e a escrita foi vista como uma forma de falsificar as informações. Segundo a autora, até Platão “(...) toma o aspecto impessoal da escrita como um traço inferior atribuindo a insuficiência dessa modalidade à falta de contato pessoal” (KATO, 1995, p. 34), como também a perda da memória.

Sobre isso Lévy (1999, p. 114) assevera

A escrita abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais, no qual tornava-se possível tomar conhecimento das mensagens produzidas por pessoas que encontravam-se a milhares de quilômetros, ou mortas há séculos, ou então que se expressavam apesar de grandes diferenças culturais ou sociais.

Dessa maneira, é inquestionável que a cultura escrita trouxe um ganho enorme para a história da humanidade e para as práticas sociais, pois possibilitou e favorece, ainda hoje, o acúmulo de conhecimento organizado e sistematizado.

A popularização da escrita deu-se com a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg, o que foi acompanhado da divulgação de livros. Nesse momento da história, muitas pessoas puderam ter acesso ao conhecimento, antes assegurado e

permitido apenas a um grupo minoritário, e, também, a própria educação tornou-se mais acessível.

As revoluções políticas, culturais, sociais, históricas e tecnológicas, pelas quais a sociedade passou e passa - a cada época, tempo, hora, minutos, segundos e milésimo de segundos - transformou os suportes da cultura escrita, do rolo para o códex impresso, do códex para o livro eletrônico (na tela), como também a própria escrita passou por modificações, de uma escrita grafocêntrica para uma escrita multi/hipermodal.

Entretando, Roger Chartier (2002, p.8) ressalta que “(...) as novas técnicas não apagam nem brutal nem totalmente os antigos usos, e que a era do texto eletrônico será ainda, e certamente por muito tempo, uma era de manuscrito e do impresso”. Ou seja, a cultura escrita no suporte impresso está longe de ter seu fim, as novas possibilidades de escrita e seus novos suportes vieram para somar as já existentes.

Em concordância com isso Coulmans (2014, p. 161) afirma que a cultura escrita está longe de ser superada, principalmente, em tempos de cultural digital, onde a “(...) a dependência da sociedade contemporânea para com a escrita é maior que nunca” (COULMANS, 2014, p. 162). Signorini (2013) acrescenta que a escrita é, ao mesmo tempo, objeto e ferramenta da era tecnológica, tendo em vista que os softwares funcionam a partir de uma lógica textual e o ciberespaço⁵ está voltado para práticas de escrita.

A cultura escrita corre nas veias do homem que a conhece. Ao conhecê-la não há como negá-la. Ao apropriar-se dela não há como não desejar usá-la. Escrita é sinônimo de poder e de ser. Numa sociedade em que muitos almejam sair do anonimato, a cultura escrita na tela é um passaporte para o empoderamento ou para

⁵ A luz de Pierre Lévy o ciberespaço pode ser compreendido “(...) como um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 92). Logo, é nesse espaço de interconectividade de redes que as mensagens se tornam interativas, que as informações se tornam plásticas ou acessíveis e que a boa parte da humanidade acontece ou faz acontecer.

um aparente empoderamento do sujeito na contemporaneidade, em grande parte simulados pelo ator-rede.

2.2 As práticas sociais da escrita nas redes sociais

Antes de partirmos para a discussão sobre as práticas de escrita nas redes sociais, objetivo dessa seção, é necessário apresentarmos o conceito de rede social.

Segundo Recuero (2009), a rede social deve ser compreendida como um agrupamento de *atores* e *conexões*, em que a *conexão* corresponde às *interações ou laços sociais* feito na rede e os *atores* correspondem às *pessoas, instituições ou grupos ou aos nós da rede*. Assim, o papel da rede não é apenas estabelecer ligação entre computadores, mas sim ligar pessoas (atores), o “eu” ao “outro” ou o “outro” ao “eu”, tornando os territórios e as fronteiras curtas ou até mesmo nulas entre esses atores.

Para Buzato (2016, p. 33), a palavra “rede” é polissêmica, visto que ela gera discursos variados e desconexos, que “(...) vão do científico ao estético, passando pelo técnico, pelo político, pelo psicológico e pelo social”. Ainda, conforme o autor há três concepções para o estudo de redes sociais *online*: *rede técnica*, concepção de cunho geográfico, tem por objetivo mensurar a eficiência no funcionamento e a propagação em maior escala dos *nós*, tendo em vista obter capital econômico; *rede social*, de natureza epistemológica, busca explicar o funcionamento estrutural de um conjunto social a partir de interações, essa concepção é adotada por sociolinguísticas variacionistas no estudo da linguagem. Por fim, o estudo como *redes monádicas* (atores-redes), “(...) a rede em si é um tecido ontológico constituído de atributos ou vínculos que “geram” os atores em diferentes escalas” (BUZATO, 2016, p. 40).

Entre as três concepções, vale destacar que ao estudarmos a escrit(ur)a de si na rede social *Facebook* assumimos a visão de *rede monádica*, uma vez que

entendemos que as práticas sociais construídas nas redes sociais são duplamente heterogêneas, pois tanto a rede quanto os atores são complexos e diversificados.

E os tipos de relações entre os atores-redes se dão por compartilhamentos ou não de atributos, uma vez que essa rede, heterogênea, agrega uma diversidade de segmentos humanos e não humanos, concretos e abstratos etc., fazendo com que as trocas ou não de informações se deem por uma dinâmica relacional, identitária e de alteridade.

Assim, imersos, no ciberespaço, precisamente nas redes sociais, espaço de heterogeneidade, os atores-redes buscam se conectar com o outro e com a diversidade de informações que estão armazenadas nas nuvens (*cloud computing*), a partir de uma linguagem *online*. Ao tratar da linguagem *online*, Barton e Lee (2015, p. 19) a definem como “(...) toda forma de comunicação realizada em dispositivos de rede”. Os autores não se restringem apenas ao *internetês*, eles congregam a essa linguagem as mais variadas práticas de escrit(ur)a, utilizadas para interagir no ambiente digital, como: o próprio material linguístico, seja ele escrito, conforme a norma padrão ou de forma reduzida (exemplo de “pq”, “vc”, “ksa”, “blz” etc.) ou através de imagens estáticas ou em movimento, vídeos, sons etc.

A popularização das redes sociais se deu mediante a acessibilidade às tecnologias móveis. Esse *boom* tecnológico, ao que Rojo e Barbosa (2015) denominam era da “hipermodernidade”⁶, possibilitou novas práticas sociais de escrita, que ocasionou novos letramentos (Multiletramentos⁷) e novas semioses. Vale destacar, que essas tecnologias móveis estreitaram o laço entre os atores-redes,

⁶ Rojo e Barbosa (2015), no livro “Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos”, à luz dos estudos de Lipovestsky (2004), definem hipermodernidade como sendo a cultura do excesso, do efêmero e do transitório. Em que as tecnologias têm um papel preponderante nessa nova cultura, tendo em vista que as mudanças tecnológicas acontecem de forma acelerada, ocasionando flexibilidade e fluidez nas relações estabelecidas humanas e não humanas.

⁷ O termo multiletramentos surgiu com os estudos do Grupo de Nova Londres, em uma época tomada pela intensificação das tecnologias de informação e comunicação. E pode ser compreendido como práticas que envolvem a multiplicidade de culturas e a multiplicidade semiótica em espaços híbridos, que permitem a colaboração ou cooperação entre sujeitos.

fazendo com que as redes sociais estivessem mais presentes na vida diária dos sujeitos.

Na contemporaneidade, é quase que impossível, em especial para os jovens, não estar *online* no decorrer das 24h do dia. A geração dos nativos digitais é tão dependente que ao sair de casa checa o *email*, olha o *whatsAap* para saber se não há nenhum compromisso adiado ou desmarcado; durante o dia, pode ler o jornal ou acessar a revista personalizada (*Flipboard*) ou se atualizar pelo *facebook*; olha a agenda eletrônica; paga conta pela internet, utiliza um site da empresa bancária ou simplesmente acessa a conta por um aplicativo da empresa e compra sem sair de casa, dentre muitas outras atividades possíveis.

Antes, para se fazer tudo isso era preciso haver deslocamento físico. E, até pouco tempo, muitas dessas atividades exigiam um computador conectado à internet. No entanto, essas e tantas outras funções estão na palma da mão, bastando só um toque (clique) na tela de um dispositivo móvel. Os *smartphones* e as tecnologias móveis, conjuntamente com as possibilidades advindas da Web 2.0, dinamizaram as práticas, unindo o telefone com a internet móvel, ao ponto que quase não se usa o aparelho para fazer uma ligação convencional, pois é utilizado muito mais para estar na rede⁸.

Essas profundas transformações, nas práticas sociais, aliadas a tecnológicas afetam diretamente os letramentos⁹, pois os sujeitos precisam acionar novos letramentos/ novas práticas para se relacionar com o outro, consigo e com o mundo globalizado. Ao tratar das mudanças ocasionadas pela revolução tecnológica,

⁸ A pesquisa desenvolvida pela ComTech e o estudo do PiniOn e Hiboupor, divulgada no site Aldabra, mostra que fazer ligação é a 4ª atividade realizada no *smartphone*. Em primeiro lugar está acessar internet, em segundo redes sociais e a terceira é usar a câmera. Disponível em: <http://aldabra.com.br/artigo/smartphone-mais-usado-para-internet-que-para-telefonar>. Acesso em: 08 de maio de 2016.

⁹ Utilizamos o termo “letramentos”, no plural, porque concordamos com Machado (2010, p. 429) ao afirmar que o termo plural (letramentos) “permite compreender a complexidade e a variabilidade de usos que os sujeitos fazem da escrita e da leitura na vida social”.

Coulmans (2014) assevera que a comunicação escrita está cada vez mais dominando a vida nas relações interpessoais no ciberespaço.

Entretanto, Machado (2010) já apontava que a internet não se limita a fornecer apenas aos usuários a representação gráfica da escrita convencional. Ela potencializa as práticas e os usos, criando novas linguagens. Vejamos o que o autor nos diz sobre o impacto das tecnologias nas práticas sociais dos sujeitos:

(...) a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimentos, novas maneiras de ler e de escrever, enfim um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela. (MACHADO, 2010, p. 431)

Refletindo sobre essas transformações, Rojo (2009, p.105) aponta que há quatro mudanças que devem ser elencadas com o uso dos recursos digitais: (i) “a intensificação e a diversificação da circulação da informação”; (ii) “a diminuição das distâncias espaciais”; (iii) “a diminuição das distâncias temporais ou a contração do tempo” e (iv) “a multissemióse”.

Por isso que Rojo (2012) defende a pedagogia dos multiletramentos na escola, assegurando que esse novo olhar pedagógico envolve “a multiplicidade cultural das populações” e a “multiplicidade semiótica”. Isto é, estamos imersos em atividades que requerem dos sujeitos linguagens hibridizadas, colaboração e dinamicidade, pois a hegemonia tradicional é desfeita, porque na cultural digital não se tem hierarquia ou fronteiras culturais pré-estabelecidas, todos os atores-redes podem participar, colaborar, construir e reconstruir.

Logo, imergindo nessa cultural digital, somos tomados pela multimodalidade ou multissemióses, isto é, nos deparamos com “(...) textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semióses) que exigem de nós capacidades e práticas de compreensão e produção de uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (ROJO, 2012. p. 19). Para Rojo e Barbosa (2015) essa multimodalidade ou

multisssemiose se consolida na era da hipermodalidade ou hiperssemiose, haja vista a transgressão da modernidade e a avalanche de ferramentas disponíveis para a interação e produção de significados no mundo cibernético, cada dia mais colaborativo e instável.

A escrita hipermodal é formada pela junção de “(...) recursos de escrita (fonte, tipografia), som (palavras, faladas, músicas, imagens, desenhos, fotos reais) gestos, movimentos e expressões faciais” (DIONÍSIO & VASCONCELOS 2013, p. 21). Isso quer dizer que estamos diante de uma escrita não apenas convencional, em que letras alfabéticas são utilizadas para a construção de palavras e conseqüentemente sentidos, estamos diante de uma escritura que se mistura a outras linguagens. Ela é híbrida e multifacetada.

Em razão disso, ao nos voltarmos para a narrativização de si no *Facebook* sabemos que não podemos nos restringir ou tratar apenas da escrita de si em modos convencionais, isto é, não podemos nos deter apenas ao material linguístico. A escrita de si nas redes sociais e a própria prática de escrita nas redes sociais se manifesta a partir da multimodalidade ou hipermodalidade e, por isso, preferimos chamar de escrit(ur)a de si, uma vez que está prática abrange um leque de possibilidades que vai da letra ao pixel.

Os atores-redes não só usam a linguagem escrita para informar ou relatar o que estão fazendo ou para transmitir informações em geral, utilizam também à escrita multimodal para expressar emoções diversas. Ao tratar dos “desafios da escrita”, Roger Chartier (2002) nos traz á memória que os textos eletrônicos ou texto na tela, apresenta certa semelhança com o manuscrito, ao buscar uma linguagem simbólica para representar o pensamento, a exemplo dos *emoticons*, carinhas ou desenhos que revelam o estado emocional do sujeito ou o que ele está fazendo no momento em que posta.

A multimodalidade ou hipermodalidade pressupõe três aspectos, conforme Carey Jewit (2003 *apud* Dionísio, 2014): o primeiro aponta que todos os elementos

representados (sons, imagens, vídeos, material linguístico) são utilizados para produzir sentido; o segundo aponta que os recursos utilizados são moldados pelo tempo e pela necessidade da comunidade, isto é, não são estáveis; e por fim os sujeitos utilizam os recursos a partir “de normas e regras” impostas pelo contexto em que estão inseridos.

Ao voltamos nosso olhar para as práticas sociais da escrita nas redes sociais, podemos ver essa multimodalidade tomando forma nos novos usos que os sujeitos fazem da escrita, os quais estão atrelados ao desejo de tratar de si, ao desejo de visibilidade, ao compartilhamento de informações, sons, imagens, vídeos e transmissão ao vivo, que nos leva a uma sociedade semiotizada, a “(...) uma nova cultura visual, tirando a imagem de seu patamar artístico e trazendo-a para o cotidiano, “vulgarizando-a” e popularizando-a como uma forma de expressão, uma forma de escrita” (GOMES, 2016, p.87).

No entender de Sobrinho (2014) o uso da imagem alcançou o seu poderio com o surgimento do *selfie*, um autorretrato ou uma imagem de si. É incrível acompanhar o poder transformador dessa tecnologia e a sua influência avassaladora na sociedade como um todo. Com a propagação do *selfie* o mercado passa a oferecer serviços destinados a melhorar a qualidade dessa tecnologia, ou porque não dizermos “nova escrita”. Criaram o “pau do *selfie*”, um cabo prolongador no qual há espaço para encaixar o *smartphone* e com o controle remoto há a captação da imagem, também desenvolveram aparelhos com câmeras frontais de excelente qualidade para que a imagem (nova forma de escrever) seja legível aos olhos do outro.

Assim, podemos aferir que a escrita, seja ela convencional ou as novas formas existentes, são mais que uma tecnologia. Ela é social e cultural, uma vez que ela é constituída social e coletivamente, ela se adapta as vicissitudes impelidas pelo momento sócio-histórico. Por isso, que ao escrever sobre si na rede social de relacionamento *facebook* o ator-rede responde, das mais variadas formas (multi ou hipermoldal) as necessidade do novo *ethos* e das novas ideologias que se configuram no espaço digital.

2.3 A escrita de si e a escrita para o outro

“Eu não sou o eu nem sou o outro
 Sou qualquer coisa de intermédio:
 Pilar da ponte de tédio
 Que vai de mim para o outro”
Mário de Sá Carneiro

É fato que estamos vivenciando o *boom* da escrita na “modernidade líquida”¹⁰ e digital. E nesse cenário, é fácil depararmos com sujeitos que possuem um discurso egocêntrico, narcisista, individualista e volúvel. Essas modalidades discursivas nos fazem retomar a afirmação de Foucault (2014) ao discorrer sobre a formação discursiva, quando nos diz que o discurso não representa simplesmente os sistemas de dominação, mas é a partir dele que o sujeito pode ocupar o poder que tanto almeja, tendo em vista que o discurso está entre os domínios do poder e do desejo de conquistar um lugar de prestígio dentro da sociedade operante.

No entanto, esse estudioso francês nos diz que a formação discursiva é controlada pela sociedade que está no poder, logo, nem todos são aptos a ocupar certos lugares discursivos. Buscando, também, dar conta dos homens que estão à margem do poder, denominados de “infames”, pelo filósofo, são homens que

[...] estão destinadas a não deixar rastro; que, nas suas infelicidades, nas suas paixões, naqueles amores e naqueles ódios, houvesse algo de cinzento e de ordinário aos olhos daquilo que habitualmente temos por digno de ser relatado. (FOUCAULT, 1992, p. 97)

O sujeito infame, à luz de Foucault (1992), é o homem subjugado a morrer sem fama, predestinado a morrer sem ser visto e sem ser ouvido. Perecer no anonimato e sem notoriedade é sua sina. Desse modo, entendemos que infames são

¹⁰ O sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, no livro “Modernidade líquida”, diz que essa nova era suplantou a modernidade sólida, a qual foi marcada pela manutenção e defesa dos referenciais morais éticos. Nessa nova era esses valores são deixados de lado e dão lugar a lógica do consumismo desenfreado, a artificialidade nas relações sociais e a identidade como mercadoria. É uma época marcada pela incerteza, pela volatilidade e pela fluidez nas relações e práticas sociais.

os escravizados e silenciados pelo poder da sociedade, como no caso dos aprendizes-adolescentes, que se olharmos para os seus aspectos socioeconômicos estão à margem do poder. Mas, “nasce, para a vida ordinária, uma nova encenação” (FOCAULT, 1992, p. 112). Conforme o autor, essa “nova encenação” está ligado ao fato da sociedade abrir espaços para os sujeitos - “a massa anônima do povo”- falar de si.

Voltando nosso olhar para pós-modernidade, podemos afirmar que é com a virtualização, que os homens subjugados a uma vida sem rastros, ganham espaço de glória, onde o poder dizer o *já dito* passa de certa forma a ser visível, isso é um dos efeitos das tecnologias de comunicação. Para Lévy (1996), a virtualização além de dar esse acesso aos sujeitos, também produz efeitos: nos corpos, na economia, na sensibilidade e na inteligência dos atores-redes. A cultura digital, principalmente, as redes sociais permitem que o sujeito migre do anonimato, a partir da escrita e da escrit(ur)a de si, para a notoriedade, mesmo que sua participação seja efêmera e líquida.

Como consequência da virtualização temos a espetacularização da vida, que para Sibila (2008) está longe dos valores apregoados pela década de 80 e 90, em que as confissões ou narrativas de si eram guardadas a sete chaves, em diários secretos. Em entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos, a autora nos revela as novas necessidades dos seres humanos sobre a atual conjuntura sócio-histórica, em que o privado e interno tornam-se público e externo. A vida que antes era resguardada torna-se visível de forma escancarada para o(s) outro(s).

O que Sibila (2008) atesta é de fato a realidade que paira sobre as práticas sociais da sociedade da/na cibercultura, em que a busca pela notoriedade e a aceitabilidade pelo o(s) outro(s), seja em grupos restritos de amigos ou em grupos livres, em que todos têm acesso ao seu perfil ou *timeline*. Essas manifestações egocêntricas se materializam nas redes sociais na forma da técnica da escrit(ur)a de si.

Santiago (2010) sinaliza isso em sua tese *A escrita dos nativos digitais*, ao verificar as escrituras dos nativos digitais na rede, a partir de uma pesquisa de cunho etnográfico, presencial e online¹¹, com cinco jovens, os quais usavam rotineiramente a internet. Os resultados da pesquisa levam a autora a afirmar que estamos diante de

[...] sujeitos ativos na “cultura da participação” experimentando novas formas de comunicação instantânea, sociabilidade, popularidade, liberdade, visibilidade e autoria para construção de identidades de modo performático. Buscam continuamente o contato e reconhecimento entre pares, encontrando nas tecnologias “extensões para seus corpos”. (SANTIAGO, 2010, p. 109)

Komesu (2010, p. 146), ao tratar da escrita de si em blogs, faz um estudo comparativo entre o gênero diário e o blog, e mostra-nos que diferentemente do diário, o blog tem produções de si veiculadas abertamente para o público internauta e buscam a circulação e audiência na rede, isto é, “a necessidade do Outro para a constituição do sujeito é imprescindível” no ciberespaço, o “eu” só existe se for visto pelo “outro”.

Ao fazermos o estudo sobre o estado da arte acerca do objeto dessa pesquisa - **a escrit(ur)a de si** -, pudemos observar, como já assinalamos na parte introdutória deste trabalho, que o filósofo e historiador Michel Foucault (1992) dedicou-se a estudar a técnica da escrita de si à luz da cultura ascética, caracterizada pela necessidade de bloquear ou reprimir os prazeres mundanos e nefastos, buscando-se o equilíbrio e a austeridade.

Para o autor, esse tipo de escrita possui uma função *etpoiética*¹². “*Ethopoein* significa: fazer o *êthos*, produzir o *êthos*, modificar, transformar o *êthos*, a maneira de ser, o modo de existência de um indivíduo. É *ethopoiós* aquilo que tem a qualidade de transformar o modo de ser de um indivíduo” (FOUCAULT, 1992, p. 176).

¹¹ Presencial, quando a pesquisadora ia para a casa dos jovens, observar as suas rotinas e entrevista-los. Online, visto que a mesma participava de comunidades em sites, como Orkut, propondo enquetes ou participando de enquetes propostas pelos jovens.

¹² Segundo Foucault (1994), esse termo é utilizado por Plutarco e Dionísio de Halicarnasso.

Ainda com base nos estudos do autor, podemos compreender *ethos* como o modo de ser do sujeito, suas crenças, seus costumes, sua cultura de si revelar ao outro, tendo em vista que era comum entre povo ascético falar de si para o(s) outro (s) mediante o relato de suas experiências diárias. Isso é materializando em vestimentas, no falar, nas ações, na escrita, no cuidado de si etc.

De forma geral, a técnica da escrita de si ou escrita *etopoiética* tinha por funcionalidade transformar a si e o outro através de narrativas escritas em primeira pessoa. Conforme o autor, a escrita aqui não era vista apenas como maneira de guardar registros, ela estava a serviço do “eu” que escreve e do “outro” que se deleita na leitura, ou como forma de amenizar a solidão ou como modo de preencher os espaços vazios deixados por alguma perda pessoal ou de buscar a recuperação de alguma doença física ou da alma.

Foucault (1992) apresenta duas formas utilizadas, pelos greco-romanos, no exercício da “escrita etopoiética¹³”: a *hypomnemata*, que se tratar de um livro destinado a anotações de leituras lidas, ouvidas, registros de pensamentos, tendo a finalidade de “[...] captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (FOUCAULT, 1992, p. 131); e a correspondência, cadernos de notas ou cartas marcadas por relatos pessoais, os quais são destinados a outras pessoas.

Notamos certa semelhança entre a correspondência/cartas, estudadas pelo estudioso francês, com as práticas de escritura na rede social de relacionamento *Facebook*. Assim, da mesma forma como as cartas proporcionam um olhar do outro sobre as experiências de vida do remetente, proporcionando um “face-a-face”, no *Facebook*, o ator-rede, também, tem a intenção de se mostrar ao outro, pois deseja os olhares do outro para si.

Foucault (1992) salienta, ainda, que a prática de escrever sobre si está relacionada diretamente a cultura do cuidado de si, da alma e da mente. “O si é algo

¹³ Termo também utilizado por Foucault (1992) como sinônimo de escrita de si.

sobre o qual há assunto para escrever, um tema ou um objeto (um sujeito) da atividade da escrita” (FOUCAULT, 1992, p.8). Desse modo, o ato de tratar de si proporciona ao sujeito uma introspecção/reflexão sobre sua vida, é uma leitura da sua alma. No entanto, o estudioso, ressalta que não se trata de uma prática solitária, tendo em vista que ela é, antes de tudo, coletiva e social, pois os escritos de si (as experiências vividas) podem ajudar o outro.

Na cultura grega, essa prática era um ato de vigilância, que se materializava em cartas, a partir da prática da escrita de si. Para o estudioso, os sujeitos viviam no “laço dialético”, pois estavam amarrados entre a contemplação de si, tendo em vista que registravam todos os seus feitos diários e suas sabedorias, e o cuidado de si, pois refletiam sobre suas ações buscando se aperfeiçoar cada dia mais a sua alma. Aqui encontramos um eu que escreve sobre si para si mesmo. Isto é, ele escreve porque busca refletir sobre suas práticas ou escreve, para o outro, pensando que o outro possa aprender baseado em suas experiências pessoais.

Há aqui, também, certa semelhança entre a carta, da qual trata Foucault (1992) - uma forma de se colocar sob o olhar do outro, seja através da narração dos fatos do cotidiano, das atividades aferidas, dos triunfos e das derrotas - com as redes sociais de relacionamentos, como o *Facebook*, uma vez que, esse ambiente digital oferece oportunidade para as sujeitos registrarem suas vidas cotidianas, utilizando a escrit(ur)a de si, na forma de escrita convencional ou multissemiótica. O que muda é que a carta é restrita a um remetente específico (íntimo), e as publicações dos *Facebook* estão abertas ao público, o que revela um exacerbado desejo de ser notado e avaliado pelo outro na sociedade contemporânea.

Todavia, conforme aponta Foucault (2003) ao estudar a técnica da escrita de si, desde a cultura ascética até a cultura do cristianismo, a escrita de si não permaneceu com os valores apregoados pelos ascéticos, isto é, essa prática do conhecimento de si sofreu modificações quanto aos seus objetivos com a chegada e estabelecimento da cultura cristã.

Na idade média, tal prática passa a ter o objetivo de revelação de si, buscando não um autoconhecimento, mas sim “confissão”, essa subjugada a penitências pelos pecados cometidos pelo “eu” que narra de si. Para o estudioso, a escrita de si condena o homem, nesse momento, a destruição de si e da sua identidade, porque tal ato está ligado à teatralização, ao ritual e a uma construção simbólica ditada pelos donos do poder, mas, precisamente, do clero. O autor chama esse fenômeno de “governamentalidade”, ou seja, é o encontro entre as técnicas de dominação, penitência e confissão, exercidas sobre os outros e sobre as técnicas de si.

Logo, é natural do sujeito fantasiar ou criar um(ns) “eu(s)” para não sofrer a punição exercida pelo outro(s). Ou seja, não há aqui uma transparência, aquela cunhada pela cultura ascética. Há, agora, um mascaramento do “eu” como forma de fuga ou subordinação a ideologia dominante, pois “o si deve se constituir em si pela obediência” (FOUCAULT, 2003, p. 19) ao(s) outro(s) ou Outro(s).

Para o estudioso, essa nova técnica de si alcançou e marcou a constituição da subjetividade do sujeito ocidental. Essa presença dos outro(s) e do Outro(s) nos faz pensar na concepção de alteridade, em Bakhtin e seu Círculo. E sobre isso, Faraco (2009, p. 96) atesta que “(...) quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho, não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo – estou possuído pelo outro”. Assim, o discurso de si, materializado na escrit(ur)a, é um “universo das palavras do outro”, porque as palavras que constituem o discurso do “eu” é permeada das palavras do outro.

Notamos que a relação do “eu-para-mim”, relação essa evidenciada em Bakhtin (1997[1979]) ao tratar da concepção literária, precisamente da relação narrativa entre autor e herói, o qual ele chama de *introspecção-confissão* não é nula da presença do outro. Assim, na técnica da escrita de si na cultura ascética o sujeito buscava a purificação mediante uma autoanálise, mas na nova cultura imposta pelo

cristianismo o discurso do eu está sobre os domínios do juízo de valor do outro. Bakhtin (1997[1979] p. 159) nos lembra desse poder influenciador da igreja sobre a constituição do sujeito ao dizer que,

a negação de uma razão de ser neste mundo se transforma em necessidade religiosa de uma razão de ser – necessidade de um perdão e de uma redenção concedidos com um dom puro, absoluto (sem levar em conta os méritos), necessidade de uma graça e de uma absolvição cujos valores são integralmente os do outro mundo.

Entretanto, é evidente que na contemporaneidade a igreja não permanece como a detentora do poder. A pós-modernidade é governada, de certa forma, pelo individualismo e pelo egocentrismo, pelas leis do mercado e do mundo digital. E os efeitos disso é uma *alteridade absoluta*, isto é, o “eu” nunca é um sujeito solitário e unívoco, ao contrário é solidário ao outro, em que refrata e projeta seu(s) eu(s).

Coracini (2011, p.44) atesta isso ao dizer que “as narrativas de/sobre si na internet são marcadas pelo forte (des)comprometimento: ao mesmo tempo, compromisso com o outro – a quem (re)vela as sua intimidades, frustrações, ideias a quem confessa suas dúvidas (...)”. O que é relevante para o sujeito/ator-rede é evidenciar em suas postagens a sua vida e a sua história, se projetando no outro que está por trás da tela.

Assim, poderíamos dizer que o sujeito da cibercultura, ator-rede, é um sujeito dialógico, o qual é constituído na relação do “eu” com o “outro”- “o eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-outro” (BAKHTIN, 1997[1979], p.38) - em que o eu não tem uma identidade fixa, uma vez que está assujeitado ao outro, que pode ser a sociedade e a cultura. Sem alteridade não há sujeito, tendo em vista que o sujeito é constituído e transformado pela relação com outro(s), isto é, não existe o eu individual/autêntico.

Notamos que a alteridade evidenciada por Bakhtin (1997[1979]) na biografia ou autobiografia está presente na escrit(ur)a de si apresentada nas redes sociais, pois o acabamento valorativo do autor só lhe é dado quando ele se projeta no outro. “Esse outro que exerce seu domínio sobre mim não entra em conflito com meu eu-para-mim,

uma vez que, no plano de valores, continuo a ser solidário com o mundo dos outros” (BAKHTIN, 1997[1979], p. 168). Desse modo, a similaridade está no fato de que nas redes sociais o sujeito ao discursar sobre si é tomando pelo discurso do(s) outro(s)/Outro(s) de forma, talvez, inconsciente, mas com desejos claros de ser aceito pelo outro, seja esse outro conhecido ou não.

Para Bakhtin (1997[1979] p. 169) o eu (autor) que narra sua história de vida não é “eu” é o “outro” que vive dentro do eu, pois o “*eu-para-mim é inapto para narrar seja lá o que for*”. Assim, a alteridade é marcada pela autoridade do outro no eu, posto que o sujeito só é formado na sua relação com outro.

Para o estudioso há dois tipos de biografias: *a aventura-heroica*, marcado pelo individualismo espontâneo e ingênuo por parte do herói e *o sócio-doméstico*, marcado pelo espírito crítico e o distanciamento dos valores impostos pelo outro. Ao voltamos para a prática da narrativização de si existentes no *Facebook* percebemos que os valores biográficos próprios da biografia de *aventura-heroica* se fazem presente nas escrit(ur)as de si, tais como: o desejo de ser herói e de obter o estado de glória, pensando em rede podemos dizer o desejo de ser conhecido e de sair do anonimato e de “ter importância no mundo dos outros” (BAKHTIN, 1997[1979], p. 170).

Entretanto, Bakhtin alerta que essa marca de individualismo não se estabelece numa relação eu-para-mim solitária, o eu nunca será o seu eu mesmo, posto que tudo funciona numa relação dialógica parasitária e espontânea com o outro, posto que o eu buscar “(...) crescer e engradecer no outro e para o outro, e não em si mesmo e para si mesmo (BAKHTIN, 1997[1979], p. 171).

Notamos que tanto Foucault (1992) quanto Bakhtin (1997[1979]) dão importância ao reconhecimento do(s) outro(s) no processo de compreensão do eu(s), vendo esse processo como colaborativo, solidário e, sobretudo, dialógico, mas, com nuances diferentes. Foucault (1992) (2003) aponta dois momentos na história da humanidade em que a figura do outro apresenta peculiaridades divergentes: *na cultura ascética* o outro aparecia como um possível leitor do eu (sujeito que escrevia sobre si),

alguém com quem poderia compartilhar sua experiência ou seria destinado a alguém que busca se aperfeiçoar ou aprender a partir dos registros, já na *cultura cristã* a escrita de si estava ligada a confissão, essa voltada para a penitência. Logo, o eu tratava de si sob os olhos do outro, apresentando não o eu transparente, mas sim o eu mascarado, devido à necessidade de ser o que o outro deseja que ele fosse.

São os resquícios dessa cultura cristã, ruída com o fim da idade média, que ainda permeiam e constituem a subjetividade do homem ocidental, que é representada e tratada por Bakhtin (1997[1979]) ao discorrer sobre o dialogismo e sobre alteridade no processo de autoria, uma vez que o sujeito dialógico ver o mundo e age no mundo a partir dos valores do outro. Para ele, "(...) o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo" (BAKHTIN, 1997[1979] p. 55), isto é, o eu só existe porque o outro o faz existir, é uma relação de completude solidária, posto que essas as posições do "eu" e do "outro" são intercambiáveis.

Diante disso, ao voltarmos para o espaço da rede social, espaço esse muito utilizado para a constituição da imagem de si/tessitura de si, podemos afirmar que essa narrativa não é neutra, tendo em vista que a presença do(s) outro(s) se dá antes mesmo de se construir um perfil nas redes sociais, "(...) o indivíduo precisa construir-se de maneira atraente, a ponto de conquistar a confiança e o interesse dos outros ocupantes daquele espaço" (ARAÚJO, 2016, p. 59). A *timeline* do ator-rede é o mundo alheio do outro e está no território de outrem.

Ao estudar a escrita de si no site de relacionamento *Orkut*, Ruiz (2011) aponta que há duas características presentes nesse tipo de escrita: o primeiro seria a confirmação do que foi defendido por Foucault (1992) e Bakhtin (1997[1979]), que o sujeito (Eu) não é dono do seu dizer e, posto que ele é tomado pelo *já-dito*, e como bem salienta Foucault (2014) esse discurso emana poder ou está dentro do que a sociedade vigente atesta como aceitável.

O segundo aspecto atestado por Ruiz (2011), é que o sujeito “(...) instaura um movimento de narrativização que ficcionaliza uma identidade para si” (RUIZ, 2011, p. 107). Observamos, aqui, vestígios da escrita de si dos cristãos, elencada por Foucault (2003), pois o sujeito cria uma identidade aceitável para o outro (que observa, o julga e o oprime). Encontramos ainda, a relação de alteridade discutida por Bakhtin (1997[1979]) na constituição do diálogo do enunciador, neste caso do indivíduo que escreve sobre si. Dessa maneira, a escrit(ur)a de si, na contemporaneidade, é duplamente afetada pelo outro, dado que

(...) é pelo e no olhar do outro que me vejo como um outro que internalizo como sendo o ‘eu’ [...] pelo discurso que diz o que e quem sou, como e por que sou. E é na medida em que assumo o esse dizer, que a ele me submeto (inconscientemente), que dele me aproprio, digerindo-o, tornando-o ‘carne’, que me torno sujeito. (CORACINI, 2007, p.143)

Nesse sentido, para compreender a tessitura de si, no mundo pós-moderno, é preciso olhar através do universo “MULTI” e “HIPER” (multiletramentos, multimodalidades, hipermídias, hipermodernidade etc.), visto que “a linguagem nessa ‘nova ordem da comunicação’ compreende um amplo sistema semiótico, no qual são combinados os signos, os símbolos, as imagens, as palavras e os sons” (CARVALHO, 2012, p. 229), tudo isso misturado a subjetividade do(s) outro(s)/Outro(s).

A escrit(ur)a de si nos emaranhados do *Facebook* talvez tenha mais a dizer desse outro que se encontra no eu do que o próprio eu em si mesmo. No entanto, sabemos que ao compreendermos esse dialogismo eu-outro poderemos ter informações sobre a identidade do eu, mesmo que ela seja transitória.

2.4 Identidade do sujeito/ator-rede

Foucault (2003) ao tratar da prática do cuidado de si questiona sobre o significado da palavra “si”. Nesse sentido, refletindo sobre essa questão, o estudioso francês diz que o “si” é um pronome reflexivo, contudo, semanticamente, possui um

significado dúbio, posto que remete tanto ao “eu em si mesmo”, bem como, à noção de identidade, noção essa que será discutida nesta seção, pois não há como estudar a prática da autorrepresentação - escrit(ur)a de si - que os atores-redes tecem no *Facebook* sem nos debruçarmos sobre o conceito de identidade.

Foucault (2003) afirma ainda, que ao tratarmos da identidade não podemos buscá-la no movimento dialético *corpo* e *alma*, uma vez que o corpo está para o exterior (para o que é visível) e a identidade estaria no examinar da alma, na introspecção. É evidente, que esse posicionamento do estudioso nos remete a cultura ascética, em que os homens estavam preocupados com a purificação da alma, numa relação dialógica do eu-para-eu.

Concordamos com apontamento do estudioso quando diz que o “*si*” possui uma significação dúbio. Entretanto, em tempos de pós-modernidade, é preciso fazer uma releitura dessa duplicidade de sentido do “*si*”, uma vez que esse “*si*” pode, também, nos remeter ao eu em si mesmo, mas, sobretudo, à relação eu-para-outro. Esse dialogismo do eu com o outro, outro que influencia tanto o discurso como a própria constituição da identidade do indivíduo, pode ser confirmado quando Bakhtin (2002 [1975], p. 86), ao tratar da constituição do discurso, precisamente, da relação do discurso com o objeto, nos diz: “(...) entre ele e a personalidade do falante interpõe-se um meio flexível, frequentemente difícil de ser penetrado, de discursos de outrem, de discursos “alheios” sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo tema”. Isso nos faz perceber quão grande é a vulnerabilidade da identidade, na qual o sujeito “eu” é acometido pela alteridade/outridade.

Nesse sentido, assevera Hall (2000 *apud* Ghiraldelo, 2010, p. 236) que a *identidade* é a “relação entre o sujeito e as práticas discursivas, o que significa dizer que tal relação se dá sempre no laço social com o Outro”. Logo, a constituição identitária do sujeito é um processo sempre em (re)construção e, por isso, não podemos falar em identidade, no singular, devemos tratar de identidades, no plural, principalmente, em tempos de hipermídias, onde os atores-redes podem assumir

diferentes identidades no *facebook*, no *instagram*, no *twitter*, no *snapchat*, entre outras redes sociais ou sites que permitam a criação de perfis pessoais.

À luz de uma perspectiva discursiva, Coracini (2010) define *identidade* como instável, heterogênea, conflituosa e fragmentária, pois, como bem, salienta Bauman (2005, p. 19), na modernidade líquida a existência do sujeito é marcada por fragmentos que formam “episódios fragilmente conectados” e instáveis, tendo em vista que o indivíduo pode apresentar diferentes facetas durante sua trajetória de vida ou até mesmo em pequenos espaços de tempo.

Entretanto, é evidente que há aspectos da identidade que são relativamente estáveis, como o nome, a nacionalidade, a idade e atributos que faz do sujeito um ser diferente/particular. Palfrey e Gasser (2010) ao estudar a identidade dos nativos digitais, chamam essa identidade de *pessoal*. Esses estudiosos dizem que a identidade pessoal difere da identidade social, pois essa é moldada conforme as práticas sociais em que o sujeito participa e está inserido. Entretanto, essa divisão talvez não dê conta da dinâmica do espaço *online*, pois, sabemos que o ator-rede tem a possibilidade de criar um nome falso para seu perfil, diferente do seu nome verdadeiro.

Quando nos voltamos para a escrit(ur)a de si no espaço do *Facebook*, e em toda a possibilidade que o sujeito tem de (re)criar e atualizar os seus dados pessoais e sua própria identidade - seja informando atividades executadas no dia, sentimentos e estados físicos ou emocionais, por meio da escrita convencional ou por meio das multissemióticas - percebemos que, em tempos de redes sociais a noção de identidade parece ser diferente.

Goffman (1959 *apud* Barton e Lee, 2015, p. 94) parece prever a problemática da identidade do sujeito pós-moderno ao afirmar que “as identidades são, às vezes, entendidas como máscaras que podem ser postas e retiradas em diferentes contextos de interação social”. O uso de máscaras pode estar relacionado, então, ao desejo de representar.

Bauman (2005) confirma isso, ao evidenciar que o sujeito do mundo líquido possui a necessidade de transgredir com os valores estabelecidos (sólidos) pela sociedade moderna, porém já ultrapassados pelos movimentos fluídos da atualidade vigente. Conforme o autor, a sociedade pós-moderna estabelece que para o sujeito permanecer no “jogo” da vida é preciso ter “fichas suficientes para permanecer jogando” (BAUMAN, 2005, p. 58). A metáfora de Bauman (2005), nos diz que é preciso romper com a identidade aparente e utilizar-se de disfarces para conquistar a virtualidade e a aceitação do outro. É preciso, nessa perspectiva, criar várias identidades pessoais. É necessário construir e reconstruir a identidade para garantir a sobrevivência.

No entender de Bauman (2005, p. 21-22) isso se justifica porque

“(…) a “identidade” só nós é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando”.

Ainda, para o sociólogo polonês, nos tempos dos estados modernos isso estaria ligado à necessidade de *pertencimento* – do inconsciente e das redes de significações-, isto é, a demarcação estável de uma identidade nacional. Entretanto, Bauman (2005) ressalta que essa necessidade de pertencimento já não é mais válida na contemporaneidade, uma vez que vivemos no mundo multicultural e multilíngue, onde as fronteiras já não existem.

Sendo assim, ao avaliarmos a(s) identidade(s) na cultural digital, podemos perceber que ela(s) não está(ão) ligada(s) a um processo de introspecção e de demandas individuais e neutras. A(s) identidade(s) está(ão) ligada(s) ao jogo dialógico do(s) eu(s) com o(s) outro(s), principalmente, no ambiente da cibercultura, em que a “(...) identidade *online* não diz respeito apenas a *quem somos*, mas também, a *quem queremos ser para os outros*, a *como os outros nos veem*” (BARTON e LEE, 2015, p. 94).

Ao tratar da problemática da identidade *online*, Palfrey e Gasser (2010), apontam, ainda, dois paradoxos vividos pelos nativos digitais: o primeiro seria a facilidade que o sujeito tem de atualizar sua identidade social na rede, em contrapartida ela está muito mais vulnerável, pois a capacidade do sujeito para controlar os dados nas nuvens – a(s) sua(s) identidade(s)- é bem menor comparado tempos anteriores; o segundo é o fato que os atores-redes possuem múltiplas identidades *online*, e cada uma dessas faces são moldadas para objetivos e desejos específicos. Dessa maneira, essa ideia de liberdade que o sujeito possui é paradoxal, pois o espectador, os seguidores ou amigos na rede, podem rastrear e confrontar essas identidades mutantes.

Todavia, essa ideia de “liberdade”, emergida com as novas práticas da cibercultura, faz com que o sujeito se deixe governar pelo outro, permitindo-o encenar vários outros, várias faces que ele não teria vivenciado no mundo *offline*. A identidade do sujeito/ator-rede está relacionada ao que ele é no mundo *offline* - fora da tela -, mas, sobretudo, ao que ele aparenta ser e ao que ele quer ser, todo isso imbricado na relação eu-outro.

Em suma, podemos depreender que o modo de relação da identidade é fluída e multifacetada, em que fragmentos do(s) outro(s) e dos Outro(s) se junta(m) aos fragmentos do eu, formando um sujeito híbrido e instável na era digital, pois na medida em que o eu se relaciona com outro e tantos outros, no decorrer da sua vida, sua(s) identidade(s) é (são) afetada(s).

III. DELINEAMENTO DO PERCURSO METODOLÓGICO

Etimologicamente, o vocábulo ciência vem do latim *scientia* que significa conhecimento ou atividade sistemática. Ferreira (2004, p. 162), no dicionário Aurélio, define ciência como um “conjunto metódico de conhecimento obtido mediante a observação e a experiência”.

Entretanto, além de ser uma prática sistematizada, Lakatos e Marconi (1991, p. 32) acrescentam que a ciência é “um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar”, sejam oriundos de fenômenos naturais ou sociais.

Ademais, Kuhn (2003), um dos estudiosos que contribuiu para o desenvolvimento da ciência, aponta o caráter subjetivista da ciência, ao afirmar que o fazer científico está condicionado às questões, debates e interesses estabelecidos pela sociedade e o momento histórico. Mediante isso, coadunamos com as palavras de Freire e Leffa (2013, p. 63) quando afirmam que o paradigma tradicional é “impotente para responder às demandas e questionamentos do mundo contemporâneo, tornando-se epistemologicamente ineficaz para alicerçar a compreensão da intrincada realidade atual”.

Por isso, a relevância de se olhar para a escrit(ur)a de si que os atores-redes tecem na rede social *facebook*, objeto de estudo desta pesquisa, a partir das lentes de um outro paradigma, o da complexidade, o qual Morin (2005 *apud* Freire e Leffa, 2013, p. 66) diz está pautado no tripé *complexidade – instabilidade – intersubjetividade*.

Esse olhar se faz relevante, nesta pesquisa, visto que a prática da escrit(ur)a de si é um objeto instável, não linear e ao mesmo tempo desafiador e de natureza complexa, pois tanto é praticada por seres humanos heterogêneos, passíveis de transformações e tomados por emoções e por particularidades, como também ela se realiza em um ambiente (a ciberesfera) que se re(cria) constantemente a passos largos.

Sendo assim, estudar a escrit(ur)a de si, a autorepresentação *online*, é tentar dar respostas a fenômenos oriundos do (no) ciberespaço, espaço esse que é marcado pela complexidade. Nesse sentido, reconhecemos, à luz de Vasconcellos (2002, p.129), “a impossibilidade de um conhecimento objetivo” do mundo das redes sociais e dos indivíduos envolvidos, uma vez que esse ambiente é marcado pela volatilidade, tanto do sistema quanto dos sujeitos em rede, e pela subjetividade dos atores-redes. Logo, essas peculiaridades impossibilitam uma sistematização estável do ciberespaço e das práticas sociais presentes no ambiente digital.

Talvez possamos compreender a maneira como os sujeitos usam a(s) linguagem(s) para se revelar ao(s) outro(s) e os efeitos das mesmas na sociedade contemporânea. Além disso, como bem coloca Gabriel (2013, p.90), é relevante os educadores buscarem compreender a geração dos nativos digitais, em consequência de suas práticas, pois só assim poderemos entender as transformações sociais, para que saibamos investir em “processos educacionais efetivos e adequados”, que respondam às necessidades dos novos tempos.

Para tanto, toda pesquisa científica está imbricada em algum método, que estabelece diretriz e procedimentos para a investigação do objeto em estudo. Desse modo, apresentamos nas próximas seções o detalhamento do percurso metodológico adotado nesse trabalho. Inicialmente, descrevemos a natureza e o tipo de pesquisa, em seguida o contexto da pesquisa, os sujeitos envolvidos, os instrumentos utilizados e, por fim, os procedimentos de coleta e de análise dos dados.

3.1 Natureza e tipo da pesquisa

O ciberespaço é uma esfera propícia à complexidade, pelo simples fato de ser um espaço marcado por constantes mutações, inovações e pelas multiplicidades de linguagens e ferramentas que colocam os sujeitos em permanente interação discursiva. Estamos, portanto, diante de um ambiente fértil, movediço e dialógico.

Ante esse terreno instável, concordamos com Ghedin e Franco (2008, p. 173) quando afirmam que o pesquisador "(...) tem de dirigir o olhar para as profundezas das relações a fim de ler o que está escondido por trás das aparências, e não ficar apenas na superficialidade". Essa deve ser a postura de qualquer pesquisador, principalmente, daqueles que estudam fenômenos *online* e os sujeitos, atores-redes, pois esses estão mais suscetíveis ao que está visível, e essa visibilidade poderia nos levar a conclusões precipitadas e equivocadas.

Logo, adentramos em direção a escrit(ur)a de si com o devir de refletir, de reconhecer o contraditório, de contra argumentar e de avançar, porém sem diminuí-la, como bem salienta Vasconcellos (2002) ao enfatizar a postura de um(a) pesquisador(a) diante da complexidade.

Em vista disso, ao contemplarmos o nosso objeto de pesquisa, a escri(ur)ta de si, no site da rede social *facebook*, objetivamos investigar *os sentidos da escrit(ur)a de si na rede social facebook e os efeitos de uma oficina pedagógica na (re)construção da identidade dos sujeitos aprendizes adolescentes* e, especificamente:

- i. Identificar e descrever os sentidos da escrit(ur)a de si na rede social facebook;*
- ii. Descrever e analisar os sentidos que o aprendiz-adolescente atribui à escrita virtual e*
- iii. Avaliar os efeitos da oficina pedagógica na re(construção de identidades do aprendiz-adolescente.*

Por isso, depreendemos que o método qualitativo nos possibilitou descrever e interpretar o fenômeno em estudo, mesmo sabendo que as intempéries se fizeram presentes no percurso, pois como já dissemos, somos tomados pela complexidade, instabilidade e subjetividade.

Tendo em vista a natureza multifacetada do nosso objeto e do espaço em que está inserido (o ciberespaço das redes sociais), acreditamos que a diversidade de caminhos ou práticas que o método qualitativo nos ofereceu fez-se imprescindível para chegarmos as possíveis respostas dos questionamentos elencados nesse trabalho.

A abordagem qualitativa assume, segundo Gredin e Franco (2008, p. 31), “(...) uma concepção dialética da realidade, em que homem e objeto são constituídos por uma relação dialógica, na medida em que o homem modifica suas esferas/práticas sociais, essas modificam o homem”. Deslauriers e Kéristit (2008, p. 131) aportam três elementos importantes para a pesquisa qualitativa: “o contexto, a história (ou a diacronia) e a mudança social”, visto que, esses elementos estão diretamente relacionados à constituição do homem. Assim, na pesquisa de natureza qualitativa não há como suprimi-los.

O método qualitativo pode ser entendido, ainda, segundo Pires (2008), pela: flexibilidade, isto é, se adapta facilmente as etapas de desenvolvimento do objeto de pesquisa; pela abertura em estudar e descrever objetos complexos e heterogêneos de diferentes esferas da sociedade e pela possibilidade de “combinar diferentes técnicas de coletas de dados” (PIRES, 2008, p.90).

Tomando por base essas particularidades da pesquisa qualitativa, salientamos que o delineamento metodológico que traçamos para chegarmos à compreensão da escrit(ur)a de si na rede social *facebook* teve, em alguns aspectos, a rota alterada dentro do que estabelecemos a princípio. Elucidamos isso à frente, mas esclarecemos que, esse fato já era previsível, uma vez que lidamos com sujeitos complexos em espaço *online (facebook)* e *offline (sala de aula)*.

Além disso, vislumbramos que a abordagem etnografia direcionada para a educação¹⁴, nos permitiria perceber, conforme aponta Gredin e Franco (2008), o universo dos alunos, bem como, nos possibilita depreender o como eles se veem.

¹⁴ A abordagem etnográfica é oriunda da antropologia, mas a partir da década de 70, conforme André(1995), as universidades começam a desenvolver trabalhos etnográficos na educação, na busca de compreender o contexto de sala de aula e a avaliação curricular.

Posto que, a etnografia é um processo interpretativo tanto do sujeito quanto das práticas sociais que eles desenvolvem.

A etnografia buscar, segundo Green, Dixon e Zaharlick (2005, p. 28), “(...) compreender os padrões culturais e as práticas das vidas diárias dos integrantes do grupo estudado”. Logo, a compreensão da cultura e das práticas dos sujeitos, em suas nuances, nos permite depreender a dinâmica e as relações envolvidas para a constituição da identidade dos sujeitos.

A abordagem etnográfica no sistema educacional, como nos ensina Oliveira (2014), deve adequar as técnicas próprias dessa pesquisa, como questionários, entrevistas e a observação participativa, ao objeto em estudo, sendo bem flexível quanto a isso. No entanto, a autora afirma ainda que é imprescindível a efetiva participação do pesquisador durante todo o processo de interação e observação dos sujeitos.

No caso dessa pesquisa, a referida abordagem possibilitou-nos conhecer os sujeitos e discutir na Oficina, “*Escrita de si: a autorrepresentação online*”, sobre a escrit(ur)a de si, que eles fazem no *facebook*, e os sentidos que ela tem, pois observamos e registramos o que eles diziam sobre essa prática de escrita.

Ademais, como estamos estudando uma prática inserida no ciberespaço e utilizada por aprendizes-adolescentes, imersos na cibercultura, adotamos também uma abordagem netnográfica ou etnografia virtual que, conforme Dominguez (2007 apud Sales, 2012, p. 116), é uma “forma específica da etnografia”. A diferença é que “se dá em ambientes virtuais”. Com base nisso para se estudar, a escrit(ur)a de si na rede social, é necessário navegar/mergulhar nos espaços virtuais para se vivenciar e refletir sobre as escritas registradas no site de relacionamento *facebook* pelos atores-redes.

Essa abordagem netnográfica possui algumas particularidades, de acordo com Sales (2012), tais como: é mediada pela internet; os dados estão disponíveis a qualquer momento e são gerados em forma de textos verbais e não verbais, e as

identidade dos atores-redes são mais difíceis de serem reconhecidas. Por isso, o autor recomenda articular as informações obtidas nas observações *off-line* com as recolhidas no ambiente *online*, pois só assim poderemos ter uma compreensão mais ampla do fenômeno em estudo.

Quanto ao tipo, a nossa pesquisa pode ser considerada como descritiva, porque buscamos descobrir e observar o fenômeno da escrit(ur)a de si na rede social facebook, buscando descrevê-lo, classificá-lo em categorias analíticas e interpretá-los. Conforme Oliveira (2014), a abordagem descritiva objetiva descrever de maneira detalhada o fenômeno em estudo, de forma que possibilite conhecer a realidade investigada.

Logo, parece impossível descrever o objeto de estudo em suas múltiplas formas e não interpretá-lo. Interpretar, assim, torna-se uma prática imbricada ao ato de descrever. Principalmente, quando o fenômeno de estudo está relacionando a linguagem, em nosso caso, a escrit(ur)a de si no *facebook*, uma linguagem que se fortalece com o emergir da cultura digital.

Não podemos atribuir sentido a essa manifestação da linguagem pesquisada se não nos propormos a interpretá-la e, mesmo cientes de que essa interpretação não dá conta de toda a sua complexidade. Avaliamos que, essa abordagem, nos possibilitou caminhos para compreender a escrit(ur)a de si de aprendizes-adolescentes.

Elucidamos ainda que, considerando os objetivos traçados, adotamos como procedimentos de coleta de dados a observação participativa e a observação direta. A observação participativa, segundo Oliveira (2014, p. 81) permite ao pesquisador interagir com os sujeitos, “interrogando-os sobre os atos e seus significados por meio de um constante diálogo”. Logo, essa técnica foi extremamente relevante para a condução da Oficina, “A escrita de si: autorrepresentação online”, bem como, para o esclarecimento de algumas dúvidas e para o cruzamento de informações e interpretações que surgiam na observação direta, que acontecia no ambiente virtual.

Isso só foi possível, porque a Oficina possibilitou o contato direto do pesquisador com os sujeitos participantes/colaboradores da oficina e da pesquisa, mediante o exercício de dialogar sobre os atos/práticas e os significados das escrit(ur)as de si que os aprendizes-adolescentes tecem no *facebook*.

É válido informar que utilizamos do procedimento da observação direta durante o período em que observamos a prática de escrit(ur)a de si, tanto no momento da oficina quanto após o seu término, buscando e coletando os dados necessários para constituir nosso *corpus*.

Além disso, como observadores diretos podemos ter acesso às escrit(ur)as de si que os alunos faziam na rede social, isto é, a prática em seu contexto de uso e as reações que ela causava no interlocutor, isso materializado em comentários e em curtidas.

Ademais, para engendrar a pesquisa, cadastramos o projeto na Plataforma Brasil, submetendo-o ao Comitê de Ética, que foi aprovado em tempo¹⁵. Esse é um procedimento substancial e indispensável quando estamos dispostos a desenvolver uma pesquisa em que seres humanos são colaboradores, haja vista a necessidade de um acompanhamento ético.

Munida da aprovação do projeto, solicitamos a autorização da diretora da instituição escolar, esclarecendo e reforçando as finalidades do nosso trabalho e, principalmente, da Oficina que ministramos para os alunos naquele espaço escolar. Vale salientar que a proposta da Oficina já era conhecida pela gestora por ocasião das reuniões departamentais.

3.2 O contexto da pesquisa

Os nossos questionamentos sobre o fenômeno da escrit(ur)a de si, os quais surgiram, inicialmente, nas reuniões pedagógicas, na escola onde somos professora, o

¹⁵ O projeto foi aprovado pelo CEP/ HUAC – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sobre o número do processo 54063716.4.0000.5182.

estudo da arte empreendido, a coleta piloto que fizemos para conhece a prática da narrativização de si, sobretudo, as linguagens multimodais presentes nas escritas, nos levaram a esboçar caminhos para o desenvolvimento da pesquisa.

Assim, comprometidos em estudar essa prática escolhemos a escola para ofertarmos a Oficina "*Escrita de si: a autorepresentação online*". O nosso objetivo era discutir e problematizar com os alunos a exposição exacerbada no site de relacionamento *facebook*, mediante a escrit(ur)a de si e, sobretudo, levar o aluno a refletir sobre essa prática.

Como os questionamentos sobre esse fenômeno surgiram nos encontros pedagógicos, na escola em que lecionamos, optamos em oferecer essa oficina aos alunos desta instituição Escola Estadual do Ensino Fundamental e Ensino Médio Irineu Joffily. Para tanto, traçamos uma forma de intervirmos, em pequena escala, para provocar na comunidade escolar a discussão dessa prática, que acontece no espaço *online*, mas ultrapassa as fronteiras cibernéticas e adentra os muros da escola.

Essa instituição localiza-se na cidade de Esperança. É a unidade educacional mais antiga da cidade, tem 88 anos de história, contribuição e serviços prestados à comunidade. Ela recebe um público bem eclético, isto é, alunos da zona rural e zona urbana, do centro e das periferias, apresentando, assim, uma diversidade de linguagens e culturas.

A primeira ação foi apresentar o objetivo da pesquisa para a comunidade escolar, diretor e os responsáveis pelos alunos. Na oportunidade, apresentamos um esboço, em slides, da nossa proposta, ressaltando e justificando os motivos que nos levaram a desenvolver essa pesquisa na instituição. Também foi esclarecido como seria a participação deles para o desenvolvimento e realização desse trabalho.

A oficina "*Escrita de si: a autorepresentação online*" começou no dia 05 de abril do corrente ano e terminou no dia 07 de junho. Foi organizada em seis encontros e aconteceu no período da manhã, nas aulas de língua portuguesa. Intentamos trabalhar com a leitura de vários gêneros discursivos e a escrita da(s) linguagem(ns)

própria da esfera digital, levando em conta as multiplicidades, com a intenção de discutir/dialogar, problematizar e refletir sobre a prática da escrit(ur)a de si na rede social *facebook*.

Com esses encontros pudemos conhecer as razões que levam os atores-redes a praticarem a escrit(ur)a de si, o que acham dessa prática, e, principalmente, averiguar os efeitos das discussões, ocorridas em sala de aula, no contexto *online*, isto é, no site de relacionamento *facebook*. Isso mediante aos debates tecidos na oficina, aos comentários espontâneos e aplicação de atividades, que eram respondidas pelos aprendizes-adolescentes.

3.3 Os sujeitos da pesquisa

Liberadas para darmos início à pesquisa, tendo em vista a aprovação pelo Comitê de ética, convidamos os responsáveis pelos alunos para se fazerem presentes na escola, no dia 02 de abril, para darmos informações legais sobre o projeto, bem como pedimos a autorização para participação dos seus filhos no estudo, haja vista esses alunos serem menores de idade. Dos vinte e cinco (25) alunos regularmente matriculados na 1ª Série do Ensino, recebemos a autorização de dezoito (18) alunos, por intermédio da assinatura dos responsáveis dos termos de consentimento livre e esclarecido e do termo de assentimento para adolescentes (ver Apêndices A e B). Todos os pais ficaram cientes sobre a participação dos alunos na oficina, bem como tomaram conhecimento que a pesquisadora poderia acompanhar as publicações de alguns adolescentes no perfil individual no site de *facebook* (<https://www.facebook.com/>), estando autorizada para capturar as postagens de interesse da pesquisa.

Dos 18 (dezoito) alunos autorizados a colaborar, escolhemos 03 (três) meninos e 03 (três) meninas, por meio de um sorteio realizado no dia da reunião com os pais. Esse procedimento foi necessário, porque seria quase impossível

acompanharmos as publicações de todos os colaboradores. Os adolescentes sorteados tiveram seus perfis observados e suas publicações capturadas e armazenadas num banco de dados, durante o período em que realizamos a Oficina e após o seu término.

Para mantermos uma organização dos arquivos do *corpus* constituído, como também para facilitar a análise, denominamos os sujeitos em M1, M2 e M3 (“M” de sexo masculino) e, em F1, F2 e F3 (“F” de sexo feminino).

O Quadro 1, resultante da análise dos questionários (ver Apêndice C), o qual foi aplicado no primeiro momento da oficina, o qual tinha por objetivo conhecer as práticas mais comuns dos aprendizes na rede social facebook, nos revela dados sobre a idade dos colaboradores e as atividades que realizam com frequência no *facebook*. Elucidamos, neste momento, os dados quantitativos sobre o perfil dos alunos referente ao uso do facebook. Vejamos a seguir:

Quadro 1: Perfil dos alunos em função do uso da rede social facebook

QUESTIONAMENTOS Nº de alunos= 18	INFORMAÇÕES COLETADAS	
DADOS QUANTITATIVOS		
Idade dos alunos/colaboradores.	14 anos	55,56%
	15 anos	38,89%
	17 anos	5,55%
Conta no <i>facebook</i>	100%*	
Frequência de acesso ao <i>facebook</i> durante a semana	Todos os dias	61,11%
	Mais de uma vez por semana	22,22%
	Raramente	16,67%
Frequência de horas por dia no <i>facebook</i>	Menos de 1h	44,45%
	Mais de 1h	33,33%
	Mais de 5h	22,22%
Atividades que realizam com frequência no <i>facebook</i>	Curtir	100%
	Publicar fotos	70%
	Conversar	70%
	Comentar postagens	65,21%
	Compartilhar	43,47%
	Enviar mensagem	43,47%
	Publicar textos	30,43%
Publicar vídeos	13,04%	

* Desses 100% que possuem uma conta no *facebook*: 44% também usam com frequência o *whatsapp*; 35% possuem além do *facebook* conta no *Whatsapp, Instagram, Twitter e Snapchat*, 17% usam também o *Whatsapp e Instagram*, apenas 4% usam exclusivamente o *facebook*.

Os dados mostram que os alunos correspondem a uma faixa etária entre 14 e 17 anos. Os números registram, ainda, que 100% dos aprendizes-adolescentes são atores-redes, isto é, possuem um perfil ou uma conta na rede de relacionamento *facebook*.

Podemos observar que 61,11% acessam o seu perfil todos os dias, comprovando o que Paiva (2016) diz ao afirmar que o *facebook* ainda é a rede social mais usada, principalmente, porque a cada dia esse site de relacionamentos aprimora suas ferramentas, como: transmissão ao vivo, manifestação de vários sentimentos, a possibilidade de responder ao comentário etc., tornando-se atrativo aos atores-redes.

Quando perguntamos sobre o tempo que os aprendizes-adolescentes passam interligados no *facebook*, percebemos que: 44,45% passam menos que 1h; 33,33% passam mais de 1h e 22,22% mais de 5h. Um dos fatores que podem levar os atores-redes a gastarem ou passarem mais tempo na rede social diz respeito à popularização dos *smartphones* ou telefones móveis - os quais são oriundos de uma tecnologia híbrida, isto é a junção de ferramentas próprias dos celulares convencionais e dos computadores - e da conexão à internet. Essa conjugação de tecnologias possibilitou aos sujeitos ter, na “palma da mão”, o acesso a sites que antes só poderiam se estivessem conectados a um computador. Logo, eles estão interconectados quase que 24h por dia.

O *facebook* pode ser caracterizado pela multiplicidade ou pluralidade de práticas que possibilitam ao seu usuário, desde escrever convencionalmente uma mensagem no seu *status* até uma transmissão ao vivo de qualquer atividade. Entretanto, há práticas que são mais rotineiras do que outras. Podemos perceber isso quando perguntamos aos aprendizes-adolescentes sobre as atividades que realizam com maior frequência, constatamos, com essa indagação, que 70% utilizavam suas contas pessoais para publicar fotos, indo ao encontro do que afirma Gomes (2016), quando aponta sobre a dimensão da imagem na cultura digital, frisando que sua popularização se estabelece na cultura digital como uma forma de escrita.

Percebemos que as práticas desenvolvidas nesse site são bastante diversificadas, e uma das escrituras/publicações que mais ocorrem está relacionada à exposição de imagens pessoais, com o objetivo, segundo eles, de obter mais curtidas e mais seguidores. Esse fato confirma a nossa presunção de que a grande maioria utiliza a rede para postar “a escrit(ur)a de si”.

A aplicação do questionário, antes de iniciarmos a Oficina, nos possibilitou uma riqueza maior de detalhes e impressões dos envolvidos na pesquisa, e foi bastante relevante para conhecermos e traçarmos o perfil desses alunos.

3.4 Instrumentos da pesquisa

De acordo com os objetivos de nosso estudo, os instrumentos utilizados foram típicos da pesquisa qualitativa, os quais constituem em: *questionário e diário de pesquisa*.

Conforme Oliveira (2014) o *questionário* é um instrumento para a coleta de dados que pode abordar variadas temáticas quanto ao fornecimento de informações sobre o objeto de estudo ou de grupos sociais. Para Gerhardt e Silveira (2009), o questionário pode ser constituído de perguntas fechadas, abertas ou mistas e de uma linguagem clara e objetiva, devendo ser respondido sem a presença do pesquisador. Como também se recomenda a não identificação dos informantes.

Posto isso, salientamos que o tipo de questionário que utilizamos foi composto por questões abertas e fechadas (ver Apêndice C), uma vez que tratamos de um tema polêmico, escrit(ur)a de si em redes sociais. Fizemos os dados estatísticos das perguntas fechadas e uma leitura das respostas abertas, organizando em sequências os *feedback* que foram mais recorrentes.

O *diário de pesquisa* é um instrumento próprio da etnografia ou netnografia, que tem por objetivo o registro dos fatos que ocorrem no ambiente de pesquisa com os sujeitos e as impressões do pesquisador. Foi, assim, da mesma forma que os outros, um recurso de pesquisa relevante para auxiliar no estudo e análise do *corpus*, posto que nos permitiu um aprofundamento das questões que aconteciam no contexto *online* e no da sala de aula.

Dessa maneira, a cada encontro concluído, produzimos relatos em arquivos do *word*, denominados de “diário da oficina”, para que todos os detalhes que ainda estavam presentes na memória fossem registrados com clareza, para que não se perdesse nenhum registro que pudesse comprometer a leitura posterior dos dados. Esses registros nos ajudaram a esclarecer e completar nossas interpretações sobre o fenômeno estudado.

3.5 Organização do procedimento de coleta e de análise dos dados

Inicialmente, aplicamos o questionário (ver Apêndice C) para os alunos, deixando-os a sós na sala de aula, respondendo às questões, de forma que eles não se sentissem constrangidos com a nossa presença. Responderam ao questionário 18 (dezoito) alunos.

A aplicação do questionário com os sujeitos da pesquisa antes do início da oficina foi relevante para se ter um conhecimento prévio sobre os mesmos e saber se os encontros planejados precisariam de ajustes. A escolha em aplicá-lo antes mesmo do primeiro contato com a oficina surgiu do interesse de fazermos uma leitura inicial dos sujeitos que iríamos conviver, tanto no espaço *online* do *facebook* como também no espaço *offline* da sala de aula.

No intuito de identificar e descrever as múltiplas linguagens utilizadas por adolescentes-aprendizes na narrativa de si, na rede social *facebook*, bem como descrever e analisar os sentidos dessa escrita para os atores-redes, sentimos a necessidade de mergulhar no universo virtual. Por isso, utilizamos a abordagem netnográfica ou a etnografia na internet para nos dar subsídios e propriedades para estudar e compreender as práticas sociais no ciberespaço, bem como nos auxiliar no processo de coleta dos dados.

Para isso, nos tornamos *facebookeiros*, pois, só assim, teríamos condições de refletir sobre as múltiplas linguagens e os sentidos que constituem tal prática social, tão comum na cibercultura. E na medida em que estávamos conectadas na *timeline* dos sujeitos envolvidos, desenvolvemos, na escola da rede pública selecionada, a oficina que buscava refletir sobre a escrit(ur)a de si no mundo *online*.

Logo, a coleta de dados deu-se no site de relacionamentos *facebook*, onde acompanhamos e vivenciamos as práticas/atividades desenvolvidas nos perfis de alguns alunos da rede pública estadual durante dois meses e três dias. Vale ressaltar que o acompanhamento dos *feeds de notícias* ocorrem no mesmo período em que

ocorreram os encontros da oficina, e que seguimos apenas as páginas pessoais de seis aprendizes-adolescentes/atores-redes.

Para o acompanhamento das postagens, dos atores-redes, determinamos dias fixos para observar as publicações dos sujeitos em análise: terça, quinta e sábado. Sendo assim, com uma duração de 1h fizemos uma observação direta no *facebook*, durante o mesmo período em que realizamos a observação participativa nos encontros da oficina, em sala de aula, precisamente entre os meses de abril, maio e junho do corrente ano. Tivemos a oportunidade de interagir/dialogar com os alunos sobre o discurso de si, uma prática que vem se tornando comum nas redes sociais.

Para a observação no *Facebook*, conforme o quadro, a seguir, estabelecemos três dias, tendo em vista que teríamos que rever as postagens dos dias anteriores. É válido ressaltar que a observação direta também aconteceu um mês após o término da oficina e que seguimos os mesmos horários estabelecidos na primeira coleta.

QUADRO 2: Horário de coleta no *facebook*

Netnografia no <i>facebook</i>	
DIAS DA SEMANA	HORÁRIOS DE COLETA
Segunda	10h às 11h
Quarta	14h às 15h
Sábado	20h às 21h

Procuramos, assim, distribuir os horários de observação de uma maneira que possibilitasse acompanhar as postagens, de nossos sujeitos, do fim de semana e as semanais. Isto é: na *segunda-feira*, tivemos a oportunidade ver as publicações do sábado (após as 21h), do domingo e até às 11h da segunda-feira. Na *quarta-feira*, pudemos observar tudo que foi publicado entre os dias da segunda-feira (após às 11h), da terça-feira até às 15h da quarta-feira. Por fim, no *sábado*, tivemos acesso às

postagens da quarta-feira (após às 15h), quinta-feira, sexta-feira até às 21h do sábado.

Levando em conta nosso objeto de estudo e que a escrita de si, conforme Foucault (1992), é a narrativa de pensamentos e ações do sujeito, fizemos o *printscreens* das postagens que apresentavam essas características.

Criamos pastas digitais específicas, para cada sujeito, com o intuito de organizar e armazenar esses *prints screens*, visto que, “[...] do mesmo modo que as informações são publicadas na rede, algumas delas podem ser deletadas sem aviso prévio, configurando, assim, a necessidade de salvar e arquivar as informações obtidas” (SALES, 2012, p. 122). Entretanto, salvaguardamos que toda e quaisquer marcas pessoais, precisamente, nomes e imagens fossem preservadas ao anonimato. Para isso, cuidamos de desfocar os nomes pessoais e os rostos dos sujeitos.

Após um mês do término da oficina voltamos à *timeline* dos seis atores-redes para verificar se as discussões feitas nos encontros, em sala de aula, tiveram efeitos na prática da escrit(ur)a de si, e conseqüentemente na identidade assumida por eles no ambiente digital. Assim, passamos o mês de agosto acompanhando e coletando as postagens desses aprendizes-adolescentes.

Logo no primeiro momento de coleta no *facebook*, observamos como a prática da escrit(ur)a de si acontecia e os sentidos revelados por ela, na medida em que ministrávamos os encontros da oficina. No segundo momento, já sem a influência direta da pesquisadora, haja vista a finalização dos encontros (precisamente, um mês depois), voltamos ao ambiente virtual para averiguar se as discussões ocorridas na oficina haviam causado efeitos de (re)construção na identidade dos sujeitos pesquisados, isso mediante a observação do objeto em estudo.

Quanto à oficina, registramos o andamento de forma minuciosa em anotações cotidianas. Sendo assim, produzimos nosso diário usando o editor de texto *Word*, e salvamos os arquivos em uma pasta no computador, que foi denominada de “diário de oficina” e cada arquivo foi denominado pela data em que executamos cada encontro.

Quanto à oficina, desenvolvidas com os alunos, podemos afirmar que a mesma gerou dados, alguns que ajudaram a ampliar nossa análise, como as atividades realizadas e comentários/falas no decorrer dos encontros. Com relação às atividades produzidas pelos aprendizes-adolescentes durante a Oficina, é válido frisar que recolhemos todas as atividades escritas e arquivamos em pastas, isso, para que pudéssemos ter acesso ao material escrito, produzido pelos alunos, tantas vezes fossem necessários. E para a compreensão da escrit(ur)a de si e, sobretudo, das reflexões que os sujeitos faziam mediante as discussões nos encontros.

Também utilizamos os “comentários” que os alunos iam apresentando durante a realização da oficina, no intuito de, neles, encontrar explicações sobre o fenômeno estudado. Esses “comentários” eram registrados no “diário da oficina”.

Para tanto, só iremos utilizar, nesse estudo, as atividades e comentários feitos pelos seis alunos que foram acompanhados na rede social *facebook*, isso com o intuito de complementar nossa análise e entendimento sobre a escrit(ur)a de si.

O método de abordagem para a geração de dados foi o dedutivo, método esse que permitiu chegar a uma conclusão pela observação e repetição de regularidades do fenômeno estudado. Ancoradas em Lakatos e Marconi (1991), partimos das seguintes etapas: observação do fenômeno, descoberta de regularidades (caso haja) e generalização da relação.

Iniciamos nossa análise pela interpretação do questionário, das anotações no diário, pelas atividades e pelas postagens arquivadas, buscando as regularidades que nos possibilitaram a construção de categorias analíticas. Assim, categorizamos o que os sujeitos escreviam sobre si no site de relacionamento *facebook*, construindo os sentidos que eles dão a esse tipo de escrita. Também procuramos elucidar, a partir dos dados e de todas as informações que dispomos, os efeitos nas escrit(ur)a, tendo em vista as discussões propostas na oficina.

Para dar conta de responder nossas questões de pesquisa, os dados foram agrupados, à luz das bases teóricas que sustenta a pesquisa, nas seguintes categorias, mencionadas abaixo e melhor discutidas no capítulo de análise:

- ✓ *revelação/encontro de si* (o que o Eu é ou parece ser);
- ✓ *captura de si* (O Eu e sua melhor parte);
- ✓ *voo de si* (o Eu e seus sonhos e desejos).

Por fim, visando descobrir os efeitos, tratamos de discutir sobre importância da comunidade escolar em trabalhar com temáticas que reflitam e aproveitem às vivências dos alunos fora dos muros da escola, principalmente, as práticas sociais desenvolvidas no ciberespaço. Para isso, trazemos, no capítulo analítico, as discussões ocorridas nos encontros, às anotações feitas no diário de pesquisa, como também algumas atividades desenvolvidas pelos alunos em sala de aula. E, sobretudo, o acompanhamento os registros dos aprendizes-adolescentes no facebook, depois de um mês do término da oficina.

IV. NAS MALHAS DA REDE SOCIAL: A ESCRIT(UR)A DE SI

“Não é uma recolha de retratos que aqui iremos ler: são armadilhas, armas, gritos, gestos, atitudes, astúcias, intrigas, de que as palavras foram o instrumento. Vidas reais foram “representadas” nestas poucas frases”.
(FOUCAULT, 1992, p. 96)

O estudo da escrit(ur)a de si, nesta dissertação, está centrado em identificar, descrever e interpretar produções discursivas geradas no e para o ciberespaço. Nessa direção, iremos esmiuçar a maneira pela qual discursos de si se materializam na rede social de relacionamento *facebook*. Bem como, buscaremos elucidar as contribuições de uma abordagem dialógica de ensino-aprendizagem da linguagem e da escrita, promovida na ação docente, que foi desenvolvida pela pesquisadora-professora.

Sendo assim, trazemos à baila discussões sobre a prática da escrit(ur)a de si, prática essa que parece se tornar costumeira no contexto digital, principalmente, no seio das redes sociais, bem como elucidaremos os efeitos da oficina *“A Escrita de si: autorepresentação online”* na prática da narrativização de si no *facebook* e na (re)constituição da identidade do aprendiz-adolescente, durante a realização e após o término da oficina.

Acreditamos, para tanto, que a importância de nosso empreendimento, ao nos debruçarmos sobre esse objeto de estudo, consiste no fato de que lançamos um olhar reflexivo sobre a escrita que se caracteriza como um processo multimodal e híbrido, que não está restrita aos aspectos estruturais e formais da língua portuguesa, mas à escrit(ur)a de si materializada na/pela linguagem online. Trata-se, portanto, de práticas discursivas que ganham espaço numa ambiência digital, privilegiando manifestação e construção(ões) identitária(s), ainda que efêmera(s).

Assim, com vistas a responder as questões que nortearam este trabalho: i. *Que sentidos são revelados na escrit(ur)a de si que o aprendiz-adolescente faz no facebook?*; ii) *Quais as repercussões de uma oficina sobre o processo de*

(re)construção da identidade do aprendiz adolescente?; e, visando atender aos objetivos estabelecidos, apresentamos neste capítulo as nossas interpretações, pautando-nos numa postura analítica que intenciona desvendar, nos meandros dessas postagens, os sentidos subjacentes a narrativização de si que os sujeitos tecem no *facebook*.

4.1 A escrit(ur)a de si dos atores-redes no *facebook*

Assumimos o dizer de Scherer (2010) como palavras alheias/nossas para retornarmos à compreensão do que vem a ser a escrit(ur)a de si, bem como elucidar que este apontamento, feito pela autora, sobre os significados impelidos no processo de escrit(ur)a de si, foi motivo de inspiração para a denominação de nossas categorias de análise: *revelação/ encontro de si, captura de si e voo de si*. De acordo com Scherer (2010) na escrit(ur)a de si o sujeito

(...) se revela por ela, escrevendo. Escrever significa, também mexer em identidades remotas, futuras, fraturadas, opacas, reveladas de algo que foge a nos controle enquanto sujeito que escreve. Identidade que se esburaca pela porosidade do próprio ato de escrever. Porque escrever diz respeito ao revelar-(se). Uma parte de um todo. Qual parte e qual todo? Revelar, revela-se, de um lado, é encontrar, é encontrar-se. Por sua vez, nesse encontro, capturamos, capturamo-nos. Mas capturamos instantes indefinidos de compreensão de cada ato de escritura. Por outro lado, capturar, capturar-se é também voar no sentido de soltar as amarras. No entanto, todos esses momentos (revelar, encontrar, capturar, voar) precisam de uma longa preparação, de um aprendizado ao longo da vida (SCHERER, 2010, p. 109).

Conforme a autora, a escrita de si é marcada por caminhos que produzem a revelação, encontro, capturas e o voo de si e é materializada por uma escrita em primeira pessoa. Escrita essa que nos desvela os sentidos subjacentes na narrativização de si, que são constituídas pelo e para o(s) outro(s). Assim, podemos dizer que três construções discursivas marcam o processo de escrit(ur)a de si: o ato de **revelação/encontro de si**, pois o sujeito, o “eu”, quando expõe seus sentimentos e as ações que executou durante o dia, revela-se para o outro (possível leitor) e exhibe

uma revelação mais próxima da realidade do eu; o ato de **capturar**, a escrita como captura de si está ligada a ação de recortar a si mesmo, que o “eu” faz, pensando no(s) outro(s) e no que é relevante mostrar para esse(s) outro(s), e, por fim, esse tipo de escrita também pode proporcionar **voos de si**, em que o “eu” projeta o que desejaria ser, ainda e sempre, pensando no(s) outro(s).

Levando em conta, ainda, os estudos de Foucault (1992, 2003 e 2014), sobre a escrita de si e a formação discursiva e de Bakhtin (1997[1979] e 2002[1975]) sobre dialogismo e alteridade na constituição do sujeito e, sobretudo, desejosas pela busca de esclarecimentos sobre nosso problema de pesquisa, dimensionado pela pergunta “*Que sentidos são revelados na escrit(ur)a de si que o aprendiz-adolescente faz no facebook?*”, adotamos o princípio de que, pela escrit(ur)a (postagens) os sujeitos se desvelam. Nesse desvelar de si, constatamos que, ao postar na rede social do *facebook*, os sujeitos se ins(es)crevem na/no:

- a) *revelação/encontro de si*, em que o revelar-se, é o eu mais próximo da realidade, isto é, do mundo *offline*;
- b) *captura de si*, que se mostra pela captura de algo ou um detalhe específico, no sentido de “parecer ser”, e mostrar o “eu” pela particularidade;
- c) *voo de si*, em que se revela a escrita do desejo de ser.

Vale destacar, que chegamos a essas categorias analíticas, as quais sinalizam características da escrit(ur)a de si no *facebook*, no momento em que mergulhamos nas práticas dos aprendizes-adolescentes/atores-redes. Dessa maneira, a observação cuidadosa das publicações dos sujeitos, M1, M2, M3, F1, F2 e F3 foram importantes, pois delas provinham respostas para o que indagamos. Segue abaixo, o quadro que demonstra em números as quantidades de postagens que sinalizam a recorrência de cada categoria, bem como o total de postagens por sujeitos e no geral:

QUADRO 3: Números referentes às categorias dos aprendizes-adolescentes no *facebook*

QUANTIDADE DE POSTAGENS DOS APRENDIZES-ADOLESCENTES					
SEXO	SUJEITO	NÚMERO DE POSTAGENS POR CATEGORIA			TOTAL DE POSTAGENS
		Revelação/ Encontro de si	Captura de si	Voo de si	
MASCULINO	M1	16	10	20	46
	M2	7	3	1	11
	M3	6	3	1	10
Subtotal		57			
FEMININO	F1	220	93	33	346
	F2	80	52	2	134
	F3	53	16	1	70
Subtotal		550			
TOTAL GERAL (M E F)		617			

Diante desses dados, podemos verificar que os sujeitos do sexo masculino quase não utilizam a sua conta em comparação com as meninas no site de relacionamento *facebook*, para postar mensagens ou escrever sobre si. Observamos, no entanto, que eles a utilizam para outros fins, como curtir postagens e acessar a *timeline* de outros amigos, o que parece confirmar a tese de Santiago (2010), quando constatou que os meninos não se sentem à vontade para escrever sobre si. A autora mostra que eles preferem uma linguagem mais ríspida, sintética e jocosa, talvez por “associar essa prática de escrita ao universo feminino, precisando se distanciar em nome do fortalecimento da sua identidade sexual” (SANTIAGO, p. 71)¹⁶.

Os números, portanto, nos relevam uma diferença, relativamente grande, quanto ao número de postagens entre os sujeitos do sexo masculino e feminino,

¹⁶ Não adentramos sobre essa questão, por não se trata do foco de nosso estudo, mas avaliamos ser válido para investigações futuras, sobretudo, para confrontar esses achados.

enquanto as escrit(ur)a de si de M1, M2 e M3 totalizam uma soma de 57 publicações, os sujeitos F1, F2 e F3 somam 550 postagens em que narram sobre si.

É importante destacarmos, no entanto, que Santiago (2010) evidencia e focaliza o *corpus* de análise investigado, apenas sobre os casos restritos e específicos à escrita de si. No nosso caso, quando sistematizamos esses números, estamos olhando para o todo, isto é, buscamos nos ater em *posts*, tanto às práticas que revelam a escrita de si, propriamente ditas (ex: postagens de *selfies*), bem como sobre aquelas que, não sendo “explicitamente” de si, instigam e provocam, de alguma forma, uma referência a si próprio (ex: no compartilhamentos de vídeos, de imagens de times de futebol, de cantores ou cantoras ou de outras imagens para “falar/escrever” de si).

No Quadro 3 podemos observar, ainda, que há predominância da escrit(ur)a de si por *revelação/encontro de si*, totalizando uma soma de 380, o que corresponde há 62,60%. Isso nos revela o desejo do eu para se mostrar ao outro, a partir da exposição dos seus sentimentos, estados físicos ou emocionais e o registro de suas atividades ou práticas diárias. Contudo, por mais que essa revelação esteja próxima do uma realidade existente, tendo em vista que o sujeito tem a impressão de mostrar a verdadeira face do seu “eu”, é válido frisar que a figura do(s) outro(s) inconsciente o oprime, fazendo com que o “eu” revele sobre si, apenas, o que é plausível, aceitável ou o que promova comoção e visibilidade no(s) outro(s).

Bakhtin (1997[1979], p. 388) evidencia isso ao tratar da relação do eu e do outro, especificamente, da influência que o outro tem sobre o “eu”, mesmo que inconscientemente ao eu, e nos diz que “o *eu* se esconde no *outro*, nos *outros*, quer ser o outro para os outros, entrar até o fim no mundo dos outros como outro, rejeitar o fardo do *eu* único no mundo (*o eu-para-mim*)”. Logo, por mais autêntico e original que o sujeito deseje ser, ao praticar a escrit(ur)a de si por *revelação/encontro de si*, registrando numa espécie de diário, neste caso um diário em rede, as ações feitas durante o dia e os sentimentos e emoções que está sentido de forma instantânea, é fato que ele (o eu) sempre está sobre os efeitos da figura do(s) outro(s).

A escrit(ur)a de si, seja relevando, capturando ou alçando voos de si, passa sempre pelo crivo do outro, haja vista que, como bem destaca Bakhtin (1997[1979]) o eu precisa do acabamento do outro para existir.

É sobre isto que nos debruçaremos, a seguir, discutindo a escrit(ur)a de si na relação “eu/outro”, organizadas em três categorias.

4.1.1 *Revelação /encontro de si*

O dicionário Aurélio (2004) define a palavra revelar como: “Tirar o véu a; descobrir. 2. Fazer conhecer; divulgar. 3. Ser sinal evidente de; mostrar, denotar. 4. Fazer conhecer por revelação (2) (...) 8. Mostrar-se, dar-se a conhecer”. Essas definições sobre verbete “revelar” estão muito próximas ao que Foucault (1992) compreende por funcionalidade da escrita, que é “mostra-se” e “dar-se a ver” para o(s) outro(s).

Dessa forma, a escrit(ur)a de si, enquanto *revelação/encontro de si* acentua uma escrita em que o eu busca tornar-se conhecido pelo outro, mediante a tessitura do discurso de si, que pode retratar a realidade concreta ou, talvez, o que esse “eu” aparenta ou deseja ser na realidade publicada, uma vez que “(...) o mundo da escritura tem o poder extremo de encarnar o mundo real e de traí-lo ao mesmo tempo” (SCHERER, 2010, p.108), posto que o “eu” pode forjar a(s) sua(s) identidade(s) para ser aceito pelo o(s) outro(s).

O sujeito que discursa sobre si revela, pouco a pouco, os fios de sua vida. E, o “outro”, numa relação interdiscursiva, procede à leitura, visualiza e tece os fios dialógicos que permitem dar ao “Eu”, daquele sujeito es(ins)crito, o acabamento que ele tanto precisa para se constituir como o sujeito do discurso. Logo, ao lermos as escrit(ur)as de si, como *revelação/encontro de si*, vamos juntando os “fios da vida” de cada sujeito. Percebendo as preferências, os gostos, os estados físicos e emocionais,

as manias, os desejos e a(s) identidade(s) assumida(s) por cada sujeito/ator-rede na rede de relacionamento *facebook*.

Ao nos debruçarmos sobre a escrit(ur)a de si dos sujeitos M1, M2, M3, F1, F2 e F3, notamos que no geral os sujeitos buscam revelar suas crenças, assumindo uma religião. Para isso, utilizam-se, frequentemente, de um discurso religioso, como os exemplos a seguir:

“Se tua vontade é me ver cair, então esquece, pois quem me sustenta é Deus” **(Escrit(ur)a de F1)**;

“Meu mundo pode cair, mas eu não solto a mão de Deus” **(Escrit(ur)a de M2)**;

“Sou aquela pecadora que Cristo insiste em chamar de filha” **(Escrit(ur)a de F3)**.

Essa necessidade de confessar ou publicizar a sua fé ou crença, lembra-nos a ressalva feita por Foucault (2003), ao afirmar que a técnica de si no cristianismo passa a ser um ato confessional e de profissão de fé.

Notamos também, que a *revelação/encontro de si* também se materializa em posicionamentos, isto é, em opiniões que os sujeitos tecem sobre temas polêmicos ou acontecimentos locais que revelam sobre sua personalidade, tipo:

“E aê, convarde...tô usando roupa curta. Vai tentar me estuprar?” **(Escrit(ur)a de F2)**,

Essa escrita nos revela um posicionamento frente à discussão da cultura do estupro, muito discutida em rede nacional. Além de enunciar seu julgamento de valor, “**covarde**”, contra o abuso sexual, deixa claro que o fato de usar roupa curta “**(tô usando roupa curta)**”, não significa que está dando liberdade para o homem a violentar sexualmente.

Outro exemplo com que poderíamos comprovar essa revelação de si em posicionamentos diante de temas polêmicos são:

“Fora Dilma” (**Escrit(ur) de F1**);

“Tchau querida” (**Escrit(ur) de F2**);

“Eu quero que Dilma se exploda” (**Escrit(ur) de M1**).

Esses escrit(ur)as revelam o posicionamento frente à questão política nacional. São discursos que carregam um tom político, em que os sujeitos declaram-se contrários ao mandato da ex-presidente Dilma. Notamos que os sujeitos apoderam-se de um discurso “já dito” para reverberar e demarcar sua identidade ideológica, mediante uma questão polêmica.

Como bem nos ensina, Foucault (1992), ao proferir o “já dito” esses sujeitos revelam o desejo de possuir *status* e visibilidade e, na rede social, utilizando de discursos que estão em voga na mídia, como intuito de serem notados e demonstrarem ao outros que possuem uma opinião frente ao problema político que o país passa. Vale ressaltar que essas escrit(ur)as de si, geralmente, vêm acompanhadas de linguagens multimodais ou hipermodais, como *emoticons*, imagens disponíveis na internet, vídeos etc.

As estratégias discursivas que os aprendizes-adolescentes/atores-redes utilizam para deixar rastros da revelação de si são diversificadas. Além de se apropriarem de discursos religiosos e políticos para revelarem suas crenças e assumirem uma opção política, os sentidos apresentadas nos parágrafos acima, eles relevam/ demonstram sentimentos de apreço e amor em relação aos seus pais, amigos e namorados(as).

Desvelam, ainda, a partir de discursos irônicos, intrigas e desentendimentos com amigos ou parceiros(as), como também, revelam, nas narrativizações de si, hábitos e comportamento diários, a exemplo de: gostar de acordar tarde, de bebidas alcoólicas, a necessidade de estar *online* sempre, não gostar de estudar e o gosto em dançar forró.

Ressaltamos, também, que o mergulhar na *timeline* dos nossos sujeitos nos possibilitou colher várias informações sobre cada um deles e que foram relevantes para a compreensão dos sentidos revelados nas publicações investigadas. E, principalmente, as estratégias disponibilizadas pelo *facebook* conjuntamente com outros sites, tais como: <http://www.toptestes.com> e <https://pt.scrapee.net/>. Esses sites permitem que os atores-redes façam testes, os quais revelam possíveis informações sobre os usuários, como a alma gêmea, filmes que gostam, traços da personalidade entre outras curiosidades.

Para a geração da resposta, nesses testes, não é preciso responder nenhuma pergunta, basta apenas estar conectado no *facebook*. Conforme o site *techtudo*¹⁷, as respostas são geradas através da análise das interações/conexões que os usuários estabelecem com seus amigos, números de curtidas e mensagens trocadas na rede social. O teste tenta revelar o estado físico ou psicológico ou a própria identidade do usuário no momento do teste. Dando ao sujeito a possibilidade dele compartilhar a informação na sua linha do tempo, fazendo com que seus amigos também se utilizem do site, e, sobretudo, permite a eles conhecer mais sobre o indivíduo, tendo em vista que ao ator-rede tem a possibilidade de concordar ou não com o resultado do teste.

Ademais, uma prática bastante comum entre os sujeitos colaboradores dessa pesquisa é a utilização da ferramenta que marca, no *facebook*, o que está sentido ou fazendo, como: *sentindo-se muito feliz; sentindo-se apaixonada; sentindo-se determinada; sentindo-se animada; sentindo-se divertida; ouvindo Marília Mendonça; sentindo-se abençoada; sentindo-se legal; ouvindo Anitta; sentindo-se doente; sentindo-se com saudades*. Essas declarações revelam estados emocionais ou físicos e as atividades que os sujeitos estão realizando. Geralmente, esse tipo de escrit(ur)a

¹⁷ Disponível em:< <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2015/05/vonvon-testes-para-facebook-revelam-sua-alma-gemea-e-outras-curiosidades.html>. >Acesso em 05 de julho de 2016.

vem acompanhada de imagens de si, de artistas famosos ou de imagens disponíveis na internet.

Notamos que essa voz narrativa, disponibilizada pelo site de relacionamento, marca e declara o estado emocional em que se encontra o sujeito, como também demarca, em alguns casos, a ação que está praticando no exato momento da postagem, “(...) dando visibilidade a um sujeito que constrói modos de subjetivação pela/nessa escritura” (DIAS, 2010, p. 184).

Podemos observar, ainda, que é muito frequente o uso de ícones para expressar sentimentos, tantos nos *status* quanto nos comentários. Por exemplo, é comum o uso de uma carinha cheia de corações, para demonstrar que está apaixonada, uma carinha com uma lágrima caindo, corações, entre outros. São imagens que apresentam certa discursividade, pois, acrescentam sentido a materialidade linguística, contribuindo “para superar a ausência das expressões faciais e dos elementos paralinguísticos” (PAIVA, 2016, p. 68). Vejamos abaixo uma tabela com os *emoticons* ou *smileys* mais usados no *facebook* e que, de certa maneira, revelam como os atores-redes desejam ser vistos pelo outro na rede social:

Ícone	Significado	Atalho	Ícone	Significado	Atalho
	Feliz	:-) :) :] =)		Boquinha	:3
	Muito feliz	:-D :D =D		Anjo	O:) O:-)
	Triste	:-(:(:[=(	Diabo	3:) 3:-)
	Magoado	:’(	Óculos	8-) 8) B-)
	Perplexo	o.O O.o		Coração	<3
	Língua de fora	:-P :P :-p :p		Olhos orientais	^_^
	Surpreendido	:-O :O :-o :o		Beijo	:-* :*
	Irritado	>:(>:-(	Óculos de sol	8- 8 B-
	Inseguro	:/ :-/ :\ :-\		Robô	:]
	Piscando	;-) ;)		Pinguim	<(")
	Rindo	>:O >:-O >:o		Tubarão	(^^^)
	Tranquilo	-_-		Putnam	:putnam:
	Pacman	:v		42	:42:
	Curti!	(y)			

(FONTE: Disponível no site: <<http://artigos.softonic.com.br/todos-emoticons-facebook>>. Acesso em 05 de maio de 2015.

Vejamos, então, três recortes dos adolescentes-aprendizes em que pontuamos as construções discursivas e os sentidos revelados na escrit(ur)a de si. Desses recortes, duas são dos sujeitos F1 e F2, do gênero feminino, uma vez que publicam mais na rede e uma de M1, do gênero masculino.

Ao analisarmos os recortes do sujeito M1 notamos que uma das suas práticas mais habituais é publicar o local em que está, principalmente, nos fins de semana, uma vez que o fim de semana está relacionado à prática do descanso e do lazer. Esse tipo de estratégia discursiva em que o sujeito tenta registrar suas ações diárias e os locais que frequentou possui certa semelhança com as características da carta que Foucault (1992) elenca, tendo em vista que a prática de apresentar ao interlocutor o decorrer da sua vida cotidiana, marcando as suas atividades, seja ela numa carta ou no *facebook*, mostra-nos que os sujeitos parecem se apresentar, de certo modo, não para “ser igual a todos os outros” (FOUCAULT, 1992, p. 155), mas sim, revelar a “qualidade de um modo de ser” (FOUCAULT, 1992, p. 155), posto que, eles selecionam o que dizer ao outro sobre os acontecimentos da sua vida diária, “dizendo” quem ele “é”.

Esse desejo de ser vislumbrado pelo outro parece ser algo frequente na rede de relacionamento *facebook*, tendo em vista a necessidade do sujeito em demarcar, para o outro, a localidade em que está ou o evento em que se encontra no exato momento da postagem. Esse tipo de informação, presume certo poderio. Pontuamos que essa não é apenas uma prática comum em M1, encontramos também nos sujeitos F1 e F2 o registro informando as festas que foram no fim de semana “**Simbora curtir Márcia Felipe**” (Escrit(ur)a de F2). Segue, abaixo, um exemplo de uma postagem que comprova esse tipo de revelação/encontro de si:



FIGURA 1: Recorte do aprendiz-adolescente M1

Podemos notar no recorte de M1, que o adolescente-aprendiz utiliza-se da função *check-in*, disponibilizada pelo site, que permite enunciar aos amigos e seguidores onde está e, conseqüentemente, possibilita ao(s) outro(s) inferir sobre o que está fazendo. A usar a construção discursiva de marcar “**em Shopping Boulevard**”, esse sujeito nos revela possíveis acontecimentos ou atividades que naquela localidade são pertinentes.

Nessa marcação, observamos que o local não é qualquer lugar, é o *shopping*, um dos lugares mais desejados e frequentados pela “galera” jovem. Há nesse tipo de escrit(ur)a de si uma intenção de mostrar poder e *status* ao outro, e à luz de Foucault (2014, p. 10), constatamos, nesse caso, que ao afirmar que “o discurso não é

simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

Essa necessidade de revelar poder e *status* econômico, ainda, pode ser ratificado quando observamos outras postagens em que o mesmo sujeito, M1, e outros, F1 e F2, também utilizam para marcar *check-in* em restaurantes ou em festas. Podemos notar com isso que o sujeito não revela qualquer lugar, é preciso que o local exalte poderio. Assim, parece que, inconscientemente, o sujeito revela de si os fatos que geraram no(s) outro(s) aprovação(ões) ou inveja(s) - por não pertencer(em) ou frequentar(em) os mesmos lugares que ele.

Logo, assinalamos, à luz de Voloshinov e Bakhtin (2006[1929]), que da mesma forma que o poeta utiliza-se de palavras do cotidiano para traçar seu discurso artístico, em que as palavras selecionadas são “embebidas” e “impregnadas de julgamento de valor” do(s) outro(s) que agem de modo espontâneo no “eu”. Vemos que, assim acontece na prática da escrit(ur)a de si no *facebook*, pois, por mais revelador que o sujeito seja ou procure ser, essa *revelação/encontro de si* passa pelo olhar ou julgamento do(s) outro(s).

Percebemos também nessa postagem, que o sujeito M1, utiliza-se do aplicativo *instagram*, “um aplicativo gratuito para smartphones (**disponibilizado pelo facebook**) para tirar fotos, escolher filtros e compartilhar o resultado nas redes sociais”, conforme o site *techtudo*¹⁸. É muito comum os atores-redes utilizarem desse aplicativo para tirar *selfie* (autorretrato), como o exemplo do recorte do adolescente-aprendiz, M1, isto é, uma imagem tirada de si mesmo. Para Sibila (2010) essas imagens dão vida à realidade, possibilitando a qualquer sujeito, até aos mais infames, como diria Foucault (1992), visibilidade, reconhecimento e existência no mundo.

No *selfie*, o aprendiz-adolescente transparece felicidade, estampada em seu sorriso, em que podemos enxergar de certo modo uma autopromoção, o sujeito faz

¹⁸ O que é o *instagram*? Disponível em:< <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/07/o-que-e-instagram.html>.> Acesso em: 09 de julho de 2016.

revelações da sua vida real ou do que está fazendo instantaneamente. Para Foucault (1992), isso seria uma “revista do dia”, em que o Eu se coloca sob o olhar do outro, almejando reconhecimento, que é materializado em curtidas e reações como “amei”, simbolizada por um coração. Em 2016, o facebook disponibilizou outros botões que podem ser usados para demonstrar reações:



FIGURA 2: Novas reações para o *facebook*¹⁹

A revelação/ encontro de si também sinaliza a presença da autopromoção pela autoimagem, “fazendo do perfil um palco, um espaço de espetacularização do eu” (RUIZ, 2011, p. 100). Nessa direção, vejamos o recorte do sujeito F2:

¹⁹ Disponível em: <<http://agenciaseuconteudo.com.br/como-aproveitar-as-novas-reacoes-do-facebook/>>. Acesso em 09 de julho de 2016.

27 de maio · At

Tooh Aproveitando kda Segunda! ☺
 #Pitty 🍷🍷🍷
 BOUM DIA AMORES 🍷🍷🍷🍷



👍 Curtir · 💬 Comentar · ➦ Compartilhar

👤 [Redacted], 👤 [Redacted] e outras 622 pessoas

Visualizar comentários anteriores 4 de 205

👤 [Redacted] Nuçe
 Curtir · Responder · 1 · 12 de junho às 15:40

👤 [Redacted] Lindo 🍷🍷🍷🍷
 Curtir · Responder · 2 · 12 de junho às 19:30

👤 [Redacted] Haw sweets
 Curtir · Responder · 13 de junho às 03:05

👤 [Redacted] Ooh Mais Lindo G-zuize 🍷🍷🍷🍷
 Curtir · Responder · 1 · 29 de maio às 09:23

👤 [Redacted] Esses. Peitinhos. Bocet. Do. Cara.
 Curtir · Responder · 2 · 29 de maio às 13:06

👤 [Redacted]

Curtir · Responder · 1 · 29 de maio às 14:58

👤 [Redacted] 🍷🍷🍷
 Curtir · Responder · 1 · 29 de maio às 15:05

👤 [Redacted] Nemo Marley Emicii Gatuuh 🍷🍷🍷🍷
 Curtir · Responder · 1 · 29 de maio às 21:36

👤 [Redacted] Nossa esta linda
 Curtir · Responder · 1 · 30 de maio às 13:03

👤 [Redacted] Linda
 Curtir · Responder · 1 · 30 de maio às 16:07

👤 [Redacted] Morena gostosa.
 Curtir · Responder · 1 · 30 de maio às 18:38

👤 [Redacted] Vooc Que Tá My Amore 🍷🍷🍷🍷
 Curtir · Responder · 30 de maio às 22:13

👤 [Redacted] Lindo D+ 🍷🍷🍷🍷
 Curtir · Responder · 30 de maio às 22:14

FIGURA 3: Recorte do aprendiz-adolescente F2

No recorte a aprendiz-adolescente F2 deixa revelar que está aproveitando a vida, verbalizado nas palavras **“Tooh Aproveitando Kda segundo! #Pitty”**. Esse enunciado faz parte do rock *“Na sua estante”*, da cantora Pitty. Para dar mais ênfase à revelação de si, o sujeito publica esse discurso juntamente com uma *selfie*, em que se mostra aos outros de maneira sensual. Verificamos aqui que estamos diante de um sujeito, segundo Ruiz (2011), multifacetado, pois, se ins(es)creve no ambiente digital multissemiótico, uma vez que não se utiliza apenas das palavras escritas para marcar sua identidade. Para isso, utiliza-se de múltiplas significações, a exemplo da imagem de si e de *emoticons*, tais como o relógio que remete ao tempo, **“(…)Kda segundo”**, corações, baton e unhas pintadas.

Entretanto, observamos que a imagem de si, o *selfie*, é o registro que ganha mais evidência aos olhos dos outros. Isso se torna nítido nos comentários, pois ao escrever **“BOUM DIA AMORES”**, seria natural que os interlocutores tivessem uma atitude responsiva de sauda-lá, também, com um “bom dia”. No entanto, a relação dialógica, travada entre o “eu” e o “outro”, centra-se apenas no discurso/revelação da escrit(ur)a de si, vários são os comentários que comprovam isso: **“linda”**, **“morena gostosa”**, **“nossa está linda”**. Percebemos nisso, uma atitude responsiva em direção à escrit(ur)a de si, publicada por F2.

Ainda em relação aos comentários, um, em especial, nos chama à atenção: **“Esses. Peitinhos. Bocet. Do. Cara.”**, isto é, o interlocutor revela a sensualidade provocada pelo sujeito F2, resultando surpresa em outro interlocutor, que, abaixo do comentário, inscreve com um *emoticons* que simboliza surpresa.

Esses modos de se revelar na rede, de ser e de estar no mundo, desvelados nos *posts* de F2, como também em outras postagens dos outros sujeitos, colaboradores dessa pesquisa, nos mostra a necessidade que o “eu” tem de ser reconhecido no mundo virtual e real como um sujeito sensual, dono(a) de um corpo desejável e aceitável pelos padrões de beleza impostos pela sociedade. Para isso, os

atores-redes utilizam-se de imagens/*selfies* quase sem legenda, e mesmo que a materialidade linguística esteja presente, parece que ao ser conjugada com a imagem, ela passa a ser secundária, visto que o discurso/a escritura imagética revela por si próprio o(s) desejo(s) e a(s) identidade(s) do “eu”.

Outro exemplo da categoria analítica *revelação/encontro de si* pode ser vislumbrada na Figura 4, recorte do aprendiz-adolescente F1, em que há o registro do estado físico:



FIGURA 4: Recorte do aprendiz-adolescente F1

Nesse *post* podemos observar que F1 revela para os seus amigos ou seguidores o estado físico em que se encontra, com as seguintes escrit(ur)as de si: **“Melhoras para mim”** acompanhada de uma carinha sinalizando sorriso e um *emoticons* de uma mão que marca **“ok”** e uma “carinha” sinalizando realização e um *hashtag* **“#zica”**. É interessante pontuar que, ao mesmo tempo em que o sujeito revela que está doente, a partir de todas as estratégias discursivas, descritas acima, o ator-rede ao enunciar, **“Melhoras para mim”**, pode revelar dois sentidos para o(s) outro(s) – possível(is) leitor(es) – o primeiro seria, o fato de desejar a si mesmo melhoras; o segundo seria um convite ao(s) outro(s), seus seguidores ou amigos da rede, para deseja-lhe o restabelecimento da sua saúde, pois mesmo o verbo estando no presente do indicativo, nesse contexto assume o tom imperativo, convidando o interlocutor à interação.

Há nessa segunda interpretação do enunciado, **“Melhoras para mim”**, certa simetria com a escrita de si presente na carta, que Foucault(1992) analisa. Precisamente, quando o estudioso aponta que a carta possibilita o reconhecimento, a “presença física” mesmo que o leitor esteja distante, posto que essa presença pode ser sentida quando se envia a carta para o destinatário. Entretanto, há particularidades, pois enquanto que na carta esse reconhecimento e sentimento de presença física não podem ser vistos pelo “eu” instantaneamente ao ato de leitura do outro, devido à distância geográfica; no *facebook*, enunciados com essas características tendem a provocar, como podemos ver na Figura 4, inúmeras reações de curtidas ou de tristeza e comentários instantaneamente ao ato da publicação, o que permite ao sujeito visualizar esse reconhecimento do outro de forma rápida, pois, diferentemente da carta, na rede não há fronteiras, todos os atores-redes estão interconectados.

Contudo, vale ressaltar que a figura do outrem está presente antes mesmo do ato de registrar/materializar em palavras ou em escritas multissemióticas o que o “eu” está sentindo, isto é, a existência e reações do “outro” (possível leitor) é sentida antes

mesmo que ele leia. Pois cada palavra usada pelo “eu”, para formar o discurso, solicita do interlocutor uma atitude responsiva, já esperada pelo “eu”, como bem aponta Bakhtin (2002[1975]) ao tratar do discurso do cotidiano, como elemento vivo e dinâmico.

Podemos observar também, nesse recorte, que F1 utiliza-se da ferramenta do *facebook*, na qual o ator-rede pode adicionar o que está sentido ou fazendo, e vemos que ele marca “**sentindo-se doente**”, que vem acompanhado de uma *emoticon* (uma carinha) de cor verde, sinalizando doença. Pela Figura 4, podemos observar que esse discurso de si gera no leitor, no(s) outro(s), sentimentos de apreço. Várias são as manifestações de empatia e de demonstração de carinho ao aprendiz-adolescente F1, o que comprova que o leitor leu a mensagem, demonstrando uma compreensão ativa e interpreta como um convite.

Em um dos comentários, nos é revelado grau de parentescos e intimidade entre os sujeitos, precisamente, quando F1 responde “**É muito ruim. Obrigada tia meu amor (emoticons de um coração)**”. Percebemos que a relação dialógica estabelecida pelo eu e outro é de sintonia, uma vez que, o discurso do “eu” encontra-se com o discurso do “outro”, provocando uma interação viva, como aponta Bakhtin (2002[1975]), ao tratar do dialogismo, a partir da manifestação de enunciados com palavras de conforto, tais como: “**melhora amiga**”, “**melhoras negah**”, “**melhoras para vc**”, “**melhoras pra você linda**” etc., quase sempre acompanhadas de *emoticons* de coração ou carinhas de tristeza.

Outro aspecto que chama à atenção nessa postagem é o número de curtidas, são 138 curtidas, apenas quatro seguidores de F1 marcam a reação de tristeza, representada pelo *emoticons* de carinha triste. O que nos leva a perguntar: essas curtidas correspondem ao número de pessoas que desejam melhoras? Ou corresponde ao número de pessoas que leram o *post*? Ou talvez as pessoas curtam saber que F1 está doente?

Com o intuito de buscarmos respostas a esses questionamentos, procuramos saber na central de ajuda do *facebook*²⁰ o significado da função curtir. Conforme o site, é informar aos outros que gostou da publicação. Com base nessa informação, poderíamos inferir que os 138 curtiram a postagem porque apreciaram a revelação que F1 fez sobre o fato de está doente. Contudo, seria um tanto paradoxal, posto que muitas das pessoas que curtem também escrevem um comentário desejando melhoras. Vale salientar que foi exatamente essa confusão discursiva que levou o *facebook* a criar outros botões para sinalizar reações, como tristeza, raiva, alegria, amor etc.

Encontramos em Rojo e Barbosa (2015) uma justificativa para esse fato. As autoras ao evidenciarem sobre a superficialidade nas relações dos atores-redes, comprovam essa dissimulação/artificialidade a partir dos números de curtidas em publicações, tipo essa apresentada na Figura 04, afirmando que a prática de curtir/comentar trata-se de uma relação de troca, “eu te curto hoje e você me curte amanhã” (ROJO, 2015, p. 122). É uma espécie de negociação entre o “eu” (locutor) e o “outro” (interlocutor), visto que as posições são cambiáveis na relação dialógica, e ambos buscam essa visibilidade nas rede sociais. Logo, a função curtir na cultura digital é mais que sinalizar aprovação, é, sobretudo, uma moeda de troca entre os atores-redes.

Percebemos, também, escrit(ur)as de si em que os sujeitos, principalmente, as meninas, tendem a se revelarem ou a se mostrarem de forma sensual ou revelam sob os gostos sexuais. Vejamos, um exemplo abaixo:

²⁰ Endereço eletrônico da central de ajuda do facebook: <<https://pt-br.facebook.com/help/>>.

compartilhou a foto de
10 de maio · 21

Pra Mim Tem que Ser Oss Dois Juntos!! Kskksk



17 de maio · 4 > Namoro Amizade ou Pegacao 4
10 de maio · 4

Pra mim carinhoso

Curtir Comentar Compartilhar

Saiva wtf - Stezziah e outras 44 pessoas

Ver mais 18 comentários

Fabio - Opa diga isso não gata rrrs
Curtir - Responder · 1 · 13 de maio às 13:49

... Ai ta certo
Curtir - Responder · 1 · 15 de maio às 08:49

... Por mim... depende se ela vai suportar o selvagem!!
Curtir - Responder · 1 · 15 de maio às 17:03

... Pra mim tem que ser os dois também! rrrs
Curtir - Responder · 2 · 10 de maio às 10:31

... kskksk
Curtir - Responder · 1 · 10 de maio às 10:34

... Opa... Né não?
Curtir - Responder · 1 · 10 de maio às 10:34

... Eh claro que eh... Só o Ouro kskk
Curtir - Responder · 1 · 10 de maio às 10:38

... Né isso... Adorooo
Curtir - Responder · 1 · 10 de maio às 10:36

... Que isso jovem
Curtir - Responder · 1 · 10 de maio às 20:43



Curtir - Responder · 1 · 10 de maio às 20:44

Saiva wtf - Stezziah
Curtir - Responder · 1 · 10 de maio às 20:56

... Carinhoso
Curtir - Responder · 10 de maio às 21:44

... até parece que transa !
Curtir - Responder · 1 · 11 de maio às 17:33



Curtir - Responder · 11 de maio às 18:02

FIGURA 5: Recorte do aprendiz-adolescente F2

Na Figura 05, a aprendiz-adolescente F2 compartilha um texto multissemiótico de configuração sexual, em que há um questionamento, materializado no seguinte enunciador: **“Sexo selvagem ou carinhoso?”**. Todavia, o sujeito, não apenas compartilha a postagem, pois ao partilhar responde ao questionamento presente na imagem: **“Pra Mim tem que ser Oss Dois Juntos!! Kskksk”**.

Nessa postagem, percebemos que o sujeito revela para os seus amigos/seguidores o tipo de prática sexual que gosta. O interessante é o uso da letra em maiúscula como forma de marcar e reafirmar a sua individualidade (**“Pra Mim”**), como também a sua maneira de praticar sexo (**“Oss Dois Juntos”**). Ao lermos os comentários, podemos observar o quanto esse discurso de si provoca, no(s) outro(s), vários efeitos de sentido, tais como: de concordância (**“Aí tá certo”** e **“Pra mim tem que ser os dois também! rsrs”**, **“Né isso...adoroooo”** etc.); de dúvida (**“Opa...Né não?”**, **“até parece que transa!”**); de punição ou ironia (**“Que isso jovem”**; **Absorvente de camomila pra acalmar a ppk (sic”)**) e de resposta ao questionamento presente na imagem (**“carinhoso”**).

Assim, ao revelar a forma como gosta de praticar o sexo, pontuamos que o discurso de F2 é, inconscientemente, influenciado pelo “discurso da resposta antecipada” (BAKHTIN, 2002[1975], p. 89). Isto é, o sujeito/ator-rede prevê as possíveis reações do outro, tendo em vista desejar a visibilidade e o reconhecimento do outro (interlocutor) como um sujeito sensual.

O aprendiz-adolescente rompe com o que Bauman (2005) chama de *identidade ao estilo antigo*, marcada pelos valores rígidos, em que os sujeitos deveriam resguardar sua sexualidade ou confessar os seus desejos impuros, como, também, aponta Foucault (2003) ao tratar da escrita de si na época do cristianismo. Esses valores antigos são transgredidos, porque em tempos de fluidez o que impera são as demonstrações de prazeres fugazes e voláteis.

O sujeito *online* releva a constituição singular, perpassada pelo(s) outro(s) e que parece revelar também o *offline* deles (do eu), pois nos deparamos com um

sujeito/ator-rede tomando e afetado por um discurso atravessado pelo outro ou todos os outros, que

[...] permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda dos outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade” (FOUCAULT, 1994, p.17).

Desse modo, ao fazer revelação sobre si, o sujeito cria para o(s) outro(s) uma imagem próxima do real ou simplesmente transgride a realidade do seu cotidiano, objetivando com essa ação gerar, nos interlocutores, reações, que no *facebook*, são quantificadas em números de curtidas, comentários e compartilhamentos, tudo em prol do desejo de legitimação coletiva.

Sem dúvidas, podemos dizer que o ato de se revelar é mostra-se ao outro, pois só existimos quando estamos sob os olhos do outro, e porque não dizer “(...) da sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo” (BAKHTIN, 1997[1979], p. 55). E esse acabamento externo é o que permite ao sujeito existir, mesmo que sua existência ou identidade(s) seja(m) forjada(s).

4.1.2 Captura de si

Capturar, para o dicionário Aurélio (2004), significa prender e aprisionar. Partindo dessa definição, o que seria “captura de si”? De que maneira um sujeito, ator-rede, através da narrativa de si promove a captura de si? Muitas são as questões que permeiam as novas práticas sociais advindas das diferentes interações estabelecidas com/nas diversas plataformas e sites de relacionamentos.

Para Scherer (2010) o ato de capturar está relacionado ao fato de selecionar/recortar uma parte do todo. À luz disso, podemos afirmar que na rede a

escrit(ur)a de si como *captura de si* é a prática de reter/cortar e publicizar a parte do “eu” que é mais interessante ao(s) outro(s).

Barton e Lee (2015, p. 229) dizem que escrever sobre si no ciberespaço é ter a liberdade de “criar e atualizar constantemente suas autobiografias em tempo real”. Todavia, ao criar um perfil o indivíduo busca “(...) construir-se de maneira atraente, a ponto de conquistar a confiança e o interesse dos outros ocupantes daquele espaço” (ARAÚJO, 2016, p. 59), colhendo/capturando nos “fios da vida” o que há de mais relevante e particular ou mesmo extravagante para compor sua autobiografia digital.

Essa captura de si, também, pode ser compreendida a luz das palavras de Bakhtin (1997[1979], p. 36-37) ao afirmar que o autor, o sujeito “eu” deve-se distanciar de si mesmo, para se aproximar do outrem. Logo, o “eu” quando faz um recorte de si é acometido pela figura do outrem, que o julga pelos seus atos ou que cobra certa postura ou identidade perante a sociedade.

Desse modo, ao capturar um pedaço da sua realidade, o “eu” recorta ou cria uma realidade sob a lente do(s) outro(s), pois o seu escopo é ser notado, é causar reações ou ações de aprovação ou reprovação no outrem, importando para o sujeito o modo como interlocutor o enxerga. Assim, como bem assinalam Barton e Lee (2015, p. 94), a identidade de um ator-rede “não diz respeito apenas a *quem somos*”, isto é, a *revelação/encontro de si*, pontuada na seção anterior, “mas também a quem queremos ser para os outros, a como os outros nos veem”.

Ao analisarmos as 177 escrit(ur)as de si que sinalizam a prática da captura de si, podemos constatar uma similaridade entre essas postagens, pelo fato de que os sujeitos usam, em grande parte, a estratégia discursiva de publicar um autorretrato, o chamado *selfie*. Essa recorrência demonstra que o sujeito busca o que há de melhor em si, a exemplo de características físicas, tais como: corpo esguio, malhado, abdômen sarado, seios avantajados etc. Isto é, o sujeito/ator-rede procura mostrar o que é aceitável e o que está em conformidade com os padrões convencionais

atribuídos e impostos pela sociedade, porque lhe é dado, no mundo digital, a possibilidade de ser conhecido e notado a partir das suas peculiaridades.

À luz de Foucault (1992) isso se justifica pelo simples fato dos sujeitos desejarem o poder, posto que, segundo o estudioso, uma das artimanhas usadas, pelos “sujeitos infames”, para conquistar o prestígio seria a sedução, tornar-se tanto objeto de cobiça como objeto de sedução. É evidente que, no mundo digital, principalmente, nas redes sociais, *facebook*, por exemplo, o desejo de obter o poder é ampliado, o que afeta a identidade do “eu”.

Bauman (2005), ao refletir sobre a constituição da identidade, nos tempos pós-modernos, nos diz que ela passa a ter a liberdade de um pássaro, pois é dada ao sujeito a autonomia de capturá-la em pleno voo e de manifestá-la em várias linguagens, a exemplo da prática do *selfie* e de outras maneiras de se mostrar.

No entanto, fazemos, aqui, uma ressalva, não registrada por Bauman (2005), mas compreendida por meio do diálogo com Bakhtin (1997[1979]). Entendemos que, da mesma forma que a liberdade do pássaro é posta em risco por predadores, a aparente liberdade dada ao sujeito, na pós-modernidade, para (re)construir sua identidade, será sempre afetada pela figura do(s) outro(s), que podem, muitas vezes, ser “os predadores” de presas fáceis na era digital.

Quanto à prática do *selfie*, Araújo (2016, p. 64) assinala que essa é umas das práticas sociais próprias do ciberespaço, evidenciando que essa prática só ganha significação se estiver nessa “ambiência digital na qual possa se disseminar instantânea e ubiquamente”.

Logo, a forte disseminação dessa prática no espaço digital, caracteriza-se como umas das estratégias discursivas mais utilizada para marcar a escrit(ur)a de si como *captura de si*. Materializadas em imagens íntimas, pois o que mais se evidencia, nas postagens dos sujeitos, é a nudez ou seminudez do corpo, observada pela necessidade da hipervisibilidade, posto que

(...) o fato de que hoje essas imagens possam ser vistas por seres alheios ao círculo familiar – ou, inclusive, pelo máximo de gente possível –, não desperta pudores nem constrangimentos. Ao contrário disso, costuma até provocar uma agradável sensação de sucesso em quem as produziu ou protagonizou. (SIBILA; DIOGO, 2011, p. 134)

Para representar esse universo da escrit(ur)a de si como *captura de si* no *facebook* analisaremos, o recorte de três sujeitos, um dos sexo masculino, F1, e dois recortes do sexo feminino, especificamente de F1 e F2.



FIGURA 6: Recorte do aprendiz-adolescente F1

Percebemos, levando em conta os números de curtidas, que o desejo de visibilidade do aprendiz-adolescente F1 é alcançado. Verificamos, ainda, que a postagem causa, além de curtidas, reações no(s) outro(s), as quais se materializam em enunciados como: “**amei**”, “**linda**”, “**mais tá lindaah**” etc., juntamente, com *emoticons* de um coração, de “espanto/surpresa” (o “rostinho” com os olhos arregalados).

Um dos interlocutores faz um comentário que nos chama à atenção, “**pokopeito**”, em que sinaliza o que apreendeu seu olhar sobre a escritura publicada. O ator-rede, F1, construindo uma relação dialógica com esse interlocutor responde: primeiramente, usando dois *emoticons*, um que demonstra que ela riu tanto com o comentário, feito pelo outro, que chorou, representado pela carinha com o sorriso e lágrimas saindo nos olhos. O outro *emoticon* informa que o aprendiz-adolescente amou o comentário, simbolizado pela carinha com dois corações no lugar dos olhos; e seguida, F2 posta “**ninguém viu**”, o que chega a ser irônico, haja vista a postagem circular em um espaço aberto e livre.

Observamos que a escrit(ur)a de si como *captura de si* é muito usada, pelos sujeitos, na prática de atualizar a capa ou de selecionar a foto do perfil *no facebook*. Observemos os exemplos, a seguir:



FIGURA 7: Recorte do aprendiz-adolescente F2



FIGURA 8: Recorte do aprendiz-adolescente M1

A ação representada, na Figura 7 e 8, assinalam uma *captura de si*, tendo em vista que, como bem registra a própria central de ajuda do *facebook* a foto da capa “é a chance de mostrar uma imagem única que representa **quem você é** ou do que você gosta (grifo nosso)”²¹. E a imagem do perfil é a foto que seus amigos veem ao lado do seu nome em qualquer lugar no Facebook e como “**as pessoas reconhecem você**”.

Logo, a foto da capa nos fornece informações sobre o sujeito, produzindo o discurso de si, como se quisesse dizer, “esta sou eu”, mediante o ato de selecionar, entre tantas imagens, apenas uma, para representar sua identidade na rede.

Entretanto, a seleção, ou melhor, a captura da imagem (dessa escrit(ur)a de si imagética) não está ausente da figura do outrem, pois “(...) não temos, a respeito dessa imagem, a abordagem emotivo-volativa adequada que poderia dar-lhe vida e incluí-la na unidade exterior do mundo plástico-pictural” (BAKHTIN, 1997[1979], p. 51). Caso houvesse a inexistência do(s) outro(s), a escrit(ur)a de si seria *vazia, ilusória e solitária*, pois, conforme ressalta Bakhtin(1997[1979], p. 51), a validação do discurso do “eu” só acontece a partir da sua existência.

Notamos que a captura de si, no espaço das redes sociais, parece ser indissociável da imagem do corpo, pois as imagens são fragmentos do todo, procurando significado nos olhos alheios à hipervisibilidade, como verificamos no recorte de F2 (Figura 7), representada na quantidade de curtidas (335) e de comentários(63), todos sublinhando a beleza ou a sensualidade de F2. Na figura 8, notamos que o sujeito M1 só consegue 31 curtidas e apenas um comentário, “**Meu amigo**”.

Contraopondo-se a captura de F2 e de M1, podemos perceber que a representação de um “corpo despido” e sensual consegue uma maior visibilidade e aprovação do(s) outro(s) na rede, se compararmos com a virtualidade alcançada pelo

²¹ Retirado da Central de ajuda do facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/169743063106603?locale=pt_BR>. Acesso em: 02 de junho de 2016.

sujeito M1, na Figura 8, pois ao se inscrever com o “corpo vestido”, o aprendiz-adolescente, se mostra como um sujeito recatado, o que não permite tamanha notoriedade. Talvez pelo fato dessa escrit(ur)a está mais próximo da sua realidade diária ou talvez pelo fato de sua captura possuir resquícios dos valores rígidos, já não mais valorizados na pós-modernidade, como bem nos lembra Bauman (2005) ao tratar da fluidez e da transgressão dos antigos valores na formação da(s) identidade(s) do sujeito pós-moderno.

Quanto a isso, Sibila (2015), ao tratar da *performance* na construção de um sujeito visível na contemporaneidade, no diz que o “eu” precisa se construir como um personagem atraente para obter um público infinito de seguidores ou amigos. Com isso, podemos depreender que o “corpo despido” tenderá a chamar mais atenção, pois, na medida em que, o “eu” se mostra ele aparece e se torna visível para o(s) outro(s).

Assim, a aprendiz-adolescente F2 captura uma imagem de si que a marca enquanto um sujeito atraente e sexy, pois ressalta na composição da escrit(ur)a de si o que lhe parece esteticamente belo, os seus seios avantajados. Assim, na tentativa de se tornar visível seu “corpo despido” passa a ser uma tecnologia de escritura no ambiente virtual.

Vale ressaltar que essa prática é recorrente no *facebook*, o que aparenta configurar-se em um novo narcisismo. E, nos, confirma que a relação dialógica entre os sujeitos (eu e o outro) é de dependência (o que se dá de forma inconsciente), sem limites, sem fronteiras e sem controle.

Logo, na medida em que o sujeito publica um captura de si, munido de linguagens multimodais, ele se perde, entre os emaranhados da rede, em favor de um “presenteísmo exacerbado e da idealização da autoimagem” (CORACINI, 2011). Talvez estejamos diante de um novo retrato da sociedade digital, ao qual parece priorizar a superficialidade das relações humanas e a valorização exacerbada do ego.

Uma vez que, não importa quão forjada a identidade seja na vida *online*, o que parece ser válido para o adolescente atual é o deslumbramento em ser notado pelos outros, conhecidos ou desconhecidos, em alcançar uma popularidade superficial, todavia, agora, possível, haja vista que essa popularidade antes estaria restrita as celebridades.

Diante disso, *a captura de si* nada mais é que extrair da realidade, da vida social o que pode ser mais reluzente aos olhos do outro ou o que pode ser a mera criação de uma imagem a partir da subjetividade do(s) outro(s). Assim, a escrit(ur)a de si como *captura de si* se constitui, na rede de relacionamento *facebook*, em fragmentos de um “eu” multifacetado, que busca, visivelmente, nesse mundo cibernético, o espetáculo de si de diversas formas, dentre elas, a valorização do corpo.

4.1.3 *Voo de si*

Ao ser perguntado o que é poesia, o poeta Manuel de Barros, responde de forma metafórica: “Poesia é voar fora da asa”. Meditando sobre essas palavras, compreendemos que a escrit(ur)a de si nas redes sociais corresponde, em alguns momentos, ao voo de si. Pois, assim como a poesia não está presa às asas, o que concede ao poeta a possibilidade de voar (de usar a imaginação e o poder da linguagem/ns) sem limites, a narrativa de si também proporciona, aos atores-redes/ aos sujeitos, se mostrarem pelo alçar de voos, mesmo que os voos, as projeções futuras, sejam impossíveis ou fora da realidade em que se encontram.

O voo de si, conforme observamos, estaria relacionando, ao *hypomnemata*, uma das formas de escrita etopoiética, uma espécie de agenda ou guia/livro da vida, cuja finalidade é “(...) ler, reler, meditar, entretar-se a sós ou com outros, etc.” (FOUCAULT, 1992, p. 136). Sendo, aqui, a escrita uma tecnologia para libertar o sujeito da preocupação do futuro, pois é como se os devaneios, os sonhos e os

projetos futuros materializados na e a partir da linguagem eliminassem a ansiedade, angústia e a incerteza ao vislumbrar o porvir.

É usando a escrit(ur)a de si como o *voo de si* que o sujeito mostra/anuncia os seus anseios futuros sem culpa e revela o que deseja ser no futuro próximo. Geralmente, esta escrit(ur)a de si é usada para anunciar a profissão almejada, isto é, está relacionada à carreira que se pretende assumir, como se quisesse dizer – “eu sou”- pela profissão que deseja ocupar.

Sabemos, que estamos lidando com identidades fluídas e esses voos podem ser cancelados ou desfeitos pelo sujeito, a qualquer momento, tendo em vista que, nas redes sociais, há a transitoriedade do discurso. Contudo, o que é relevante, nessa era, é o instantâneo, não importando para o(s) outro(s) se o “eu” vai conseguir chegar ao lugar pretendido ou não, o que interessa é o dito e o que é desvelado “agora”.

Do total de 617 escrit(ur)as de si dos aprendizes-adolescentes encontramos 58 que apresentam uma escrit(ur)a própria de um *voo de si*. Pudemos observar que essa escrita acontece no jogo do real e da fantasia, pois, na medida em que, temos sujeitos que evidenciam ou sinalizam sonhos/desejos mais concretos, isto é, mais próximo da vida *offline*; há atores-redes que se projetam em imagens dos outros buscando com isso fantasia ou almejar uma glamourização do real, pois utilizam-se de pessoas que fazem sucesso e revelam poder ou *status* na sociedade.

Vejamos abaixo dois recortes que representa a escrit(ur)a como voo de si, respectivamente dos sujeitos F1 e F2, em que ambas possuem sonhos/voos semelhantes:



FIGURA 9: Recorte do aprendiz-adolescente F1



FIGURA 10: Recorte do aprendiz-adolescente F2

Os atores-redes nas Figuras 09 e 10 marcam e projetam os seus sonhos para o futuro, ambas desejam ser polícias. F1 compartilha a publicação da página “Tudo sobre policial” (<<https://www.facebook.com/tudopelapolicia/?fref=ts>>) que é constituída pela imagem de mãos femininas segurando armas. Podemos observar que as mãos, não se apresentam de qualquer modo, revelam toda a feminilidade da mulher, pois se apresentam com unhas grandes e pintadas de vermelho, o que é símbolo de culto a beleza.

Essa escrit(ur)a multissemiótica, também, apresenta um discurso verbalizado **“Algumas princesas não usam vestidos usam armas”**, esse enunciado só confirma e reforça o jogo construído na imagem. Esse o fato do sujeito brincar com o real e a fantasia dos contos de fadas, confirma o que Bauman (2005) nos diz sobre a necessidade que os jovens têm de transgredir com o passado.

Ao se afirmar como “princesa”, imaginaríamos que a adolescente desejasse todo o glamour dos contos de fadas, belos **“vestidos”**, joias e um príncipe encantado. No entanto, esse discurso faz uma nova releitura do que seria uma princesa, na contemporaneidade, isto é, estamos diante de princesas que priorizam a independência profissional, representada nesse enunciado por “usar armas” e que nos remete a profissão de policial. Entretanto, é válido ressaltar que esse empoderamento não a faz perder a feminilidade, daí a imagem trazer as unhas pintadas de vermelho.

O sujeito F2, na Figura 10, também, enuncia esse desejo e, escreve de si, ao compartilhar uma imagem de uma jovem policial, que está conforme os padrões de beleza instituídos pela sociedade, corpo magro e bem modelado, cabelos cumpridos etc., particularidades evidenciadas na imagem. A imagem, ainda, trás um enunciado **“Nem toda mulher quer ser modelo”**, juntamente com uma mulher fazendo poses e parecendo ser uma modelo profissional.

O aprendiz-adolescente não só se apropria do discurso já dito, como fez F1, mas também o reafirma escrevendo sobre si: **“Se Deus Quiser Vou Realizar Meu Sonho (emoticons de coração) PM/ Isso Que Eh Foda Pra Mim”**. Podemos nota

aqui, que além do jogo evidenciar o discurso da beleza, posto que não se almeja ser qualquer policial, deseja ser a polícia “gata”, com traços de modelo. Há também, aqui, o discurso religioso (“**Se Deus Quiser**”), o que nos revela que a figura de Deus parece de certo modo controlar o voo de si. O futuro não estaria em suas mãos, mas na mão de Deus, cabendo apenas o sujeito sonhar.

Tanto no recorte de F1 quanto no de F2 observamos que elas saem do desejo de apenas serem vislumbradas pelo(s) outro(s) em suas superficialidades, pois sinalizam a possível profissão que almejam ser. Embora, contraditoriamente, a profissão apareça como um lugar de glamour, posto que as imagens das policiais, apresentadas nas Figuras 9 e 10, fogem um pouco da realidade comum, poderíamos até imaginar que são policiais do universo cinematográfico. Logo, há um misto de desejo em alcançar a profissão de policial, mas ao mesmo tempo de ser uma policial de televisão, da forma como é a do mundo artístico e midiático.

Notamos que os sujeitos, como nós diz Bakhtin(1997[1979]) se apropriam das palavras dos outros e as transformam em “palavra minha-alheia”, na medida em que compartilham esses post (palavras dos outros), que circulam abertamente na internet, eles as tomam para si e acabam revelando, nesses casos, escrit(ur)as de si que sinalizam voo de si.

Ao observarmos as escrit(ur)as de si desses sujeitos, notamos que outra forma que eles fazem para registrar a *voo de si*, é o fascínio por celebridades ou práticas esportivas representadas em vários recortes de alguns atores-redes, como também, nas páginas que seguem e compartilham em sua *timeline*, seja no status, o na capa do facebook ou na foto do perfil. Vejamos abaixo um exemplo desse tipo de voo de si:



FIGURA 11: Recorte do aprendiz-adolescente M1

O sujeito M1, em suas postagens, nos revela ser um fã da cantora Anitta, mas, além de desvelar seu gosto musical, os seus recortes transparecem o desejo que o sujeito tem em ser um cantor famoso. Ao divulgar em seu perfil pessoal, seja compartilhando, seja inscrevendo a cantora em seu perfil ou capa, é como se ele se projetasse e alçasse voos nas asas do outro e dissesse “aqui, sou eu”, representado por uma celebridade. Esse voo de si seria marcado pela fuga do real para o mundo do deslumbramento do outro, que já aceito e dono de um lugar de prestígio na sociedade.

O entrelaçamento da imagem de si com a sua imagem do outro (representada pela foto da cantora), colocando-a como capa do seu perfil e nos diversos *posts* do sujeito M1, é um indício que há uma forte identificação do “Eu” com o outro (cantora) a ponto dele querer substituir sua imagem pela dela. A identificação é tão forte que o sujeito se vê representada pelo outro.

É fato que não temos mais informações/pormenores da vida pessoal, desse ator-rede, contudo, conforme Dias (2010) são essas partes, os recortes, materializadas no *facebook*, que se instauram enquanto peças importantes para a constituição e revelação do sujeito e da escrit(ur)a de si. São esses rastros que nos permitem construir um conceito de identidade para o “eu” desses sujeitos, mesmo sabendo que eles podem nos enganar, uma vez que, a sua identidade é volátil e mascarada pela figura do outro.

Em suma, os números demonstrados no **Quadro 3** (voltar à página 70), “Números referentes às postagens dos sujeitos no *facebook*”, evidenciam que a construção de escrit(ur)a de si mais utilizada e mais recorrente, entre os sujeitos dessa pesquisa, foi a *revelação/ encontro de si*, com 382 recortes. Isso nos mostra que os sujeitos utilizam a sua *timeline* para registrar, como numa espécie de diário, nesse caso, em ambiência digital, os seus sentimentos, estados físicos e emocionais, as ações executadas, a participação em eventos festivos ou em ambientes de lazer etc. No entanto, só revelam de si fatos que são ou podem ser motivos de aceitação e reconhecimento do(s) outro(s), pois almejam com essa escrit(ur)as à visibilidade.

Em seguida, está a escrit(ur)a como *captura de si*, representando uma soma de 177 postagens, e como, já foi dito essa escrit(ur)a é marcada, sobretudo, pela imagem de si, o *selfie*. E, por fim, com 58 postagens temos a narrativização de si como *voo de si*, esses números nos faz pensar que estamos diante de uma sociedade em que os aprendizes-adolescentes sonham e idealizam, mas esse ser, “eu do sonho”, do voo é, também, perpassado pela era do imediatismo, volatilidade e ubiquidade da era pós-moderna.

Para tanto, encontramos nas escrit(ur)as de si seja como *revelação/encontro de si*, *captura de si* ou como *voo de si* um sujeito revelado pela escritura de um dizer particular, decifrável pelo uso de múltiplas semioses, transfigurado em um sujeito público que, inevitavelmente, está inscrito pelo que supostamente “**é, pelo que quer ser e pelo que deseja ser**”. Porém, esse sujeito é sempre solidário com a imagem

do(s) outro(s), uma vez que o reconhecimento da figura do outrem é parte primordial para a percepção de si mesmo, ou seja, para o acabamento e existência do “Eu”.

Esses aprendizes-adolescentes/atores-redes, num movimento discursivo constante, parecem tratar de manifestar e legitimar a si próprios, no processo colaborativo com o(s) outro(s), haja vista que, nessa escrit(ur)a de si reconhecemos o flagrante desejo de “não perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (FOUCAULT, 1992, p.131).

Também, podemos observar mediante a recorrência das produções das escrit(ur)as de si, principalmente, na *revelação/ encontro de si e captura de si* que estamos diante do que Gomes (2016) chama de “nova cultura visual”, momento em que a imagem deixa o lugar artístico e se populariza no cotidiano, “como forma de expressão, uma forma de escrita” (GOMES, 2016, p. 87).

Porquanto, a imagem de si, acoplada as funções disponibilizadas nos *facebook*, como compartilhar, postar, curtir, demarcar o local e comentar, potencializaram o poder da escrita, marcando o avanço da escrita hipermodal e assumindo em muitos casos - como os apresentados nas figuras, aqui analisadas como nos outros recortes que formam o *corpus* dessa pesquisa - a função central na construção dos sentidos no discurso de si, principalmente para se revelar e para capturar o melhor fragmento de si.

4.2 Revisitando a escrit(ur)a de si

Com o intuito de respondermos ao segundo questionamento dessa pesquisa - *Quais as repercussões de uma oficina sobre o processo de (re)construção da identidade do aprendiz adolescente?* – adotamos dois caminhos. Primeiramente, fizemos um planejamento didático, a partir da criação de uma oficina intitulada *Escrita de si: a autorrepresentação online*, como, já, mencionamos no capítulo metodológico.

Em seguida, depois de um mês do término dessa oficina voltamos ao *facebook* dos sujeitos, colaboradores desse estudo, para averiguarmos os efeitos do trabalho desenvolvido em sala de aula na escrit(ur)a de si na rede *facebook*.

Essa duas trilhas nos levam a refletir sobre os possíveis efeitos dessa oficina pedagógica na prática da escrit(ur)a de si, tendo em vista que, na primeira etapa da coleta os estudantes/adolescentes, estavam sobre a influência da figura do professor-pesquisador, que discutia, em sala de aula, sobre a escrit(ur)a de si e a problemática da exposição exagerada nas redes sociais. Assim, no momento de coleta, após essa oficina, avaliamos que não estariam tão influenciados diretamente pela figura desse outro (o professor-pesquisador).

Logo, o confronto desses dois caminhos é fundamental para assinalarmos as contribuições desse trabalho pedagógico, nos revelar o que pode ser melhorado ou o que pode ser aproveitado no trabalho de práticas e de linguagens que emergem no ciberespaço.

Nesse sentido, essa seção está organizada da seguinte forma: no primeiro momento trazemos a descrição da oficina e analisamos os comentários feitos em sala de aula e atividades produzidas pelos alunos, que sinalizam as possíveis mudanças levantadas pelo sujeito na prática da escrit(ur)a de si e. Por fim, refletimos sobre os efeitos dessa oficina nas postagens dos seis sujeitos M1, M2, M3, F1, F2 e F3.

4.2.1. A oficina pedagógica

Durante a realização da oficina, *Escrita de si: a autorrepresentação online*, buscamos discutir com os alunos/atores-redes as escrit(ur)as de si que são utilizadas nas redes sociais, pois acreditamos que é papel da escola/do professor não simplesmente discutir as tecnológicas oriundas do ciberespaço, mas também proporcionar reflexões sobre “(...) o que fazemos com ela e como ela pode melhorar as nossas vidas” (GABRIEL, 2013, p. 3).

Gomes (2016) nos chama à atenção para a transformação/inação do trabalho pedagógico, já ultrapassado e falho, afirmando que:

A escola, nos dias atuais, é desafiada a compreender o mundo complexo e caótico das relações humanas no trabalho e na educação e a se reinventar, para continuar mantendo sua importância, que vai além da acreditação e da distribuição de diplomas (GOMES, 2016, p. 89).

Assim, a escola é chamada a compreender e a discutir com os sujeitos imersos na complexidade dialógica e na interconectividade das práticas sociais, que emergem com as (novas) tecnologias, pois não cabe mais ao professor, dessa nova era, reproduzir o currículo já estabelecido e nem olhar para a realidade sem uma lente amplificada.

A emergência desse olhar se volta para a busca de compreender e desvendar o aqui e agora, tendo em vista, que a “relações de poder e disciplinamento” imposto pela sistema educacional “não se coadunam com a liberdade e a autonomia propiciados pelas redes sociais” (GOMES, 2016, p.89).

A escola na era digital não é, pelo menos não deve ser (nem nunca deveria ter sido), constituída por alunos passivos, meros receptores de informações como outrora, uma vez que é formada por alunos atores-redes. Isso significa que o aluno é um ator/produtor/colaborador ativo no ciberespaço, existindo entre ele e a rede uma simbiose intensa, que permite “novas formas de ser e de estar no mundo, de ensinar e de aprender” (GOMES, 2016, p.83).

Por isso que a instituição escolar deve refletir e se inovar com práticas que respondam as necessidades emergentes impelidas pela/cilbercultura. Conforme Rojo e Barbosa (2015), a escola deve abrir espaços para implementar práticas pedagógicas que favoreçam aos multiletramentos, isto é, a valorização da diversidade de linguagens e o reconhecimento da diversidade cultural presente em diferentes gêneros hipermediáticos e no mundo hipermoderno. Assim, a escola poderá qualificar

os alunos/atores-redes para as práticas no ambiente digital, levando-os a refletir e desenvolver um sujeito crítico e criativo.

Entretanto, para mudarmos a prática pedagógica é preciso, antes de qualquer coisa, **planejamento**. E, para que o planejamento aconteça é necessário mergulhar, epistemologicamente, no conteúdo que será o tema central das discussões. Avaliamos ainda, que é preciso se apropriar das tecnologias usadas nesse processo pedagógico, “para que não utilizem métodos convencionais junto com ferramentas modernas” (PIVA JR, 2013, p. 98), isto é, para que não se cometa o erro de fazer o novo revestido de práticas obsoletas.

Cientes que essa é a rota para um educador na cultura digital, planejamos nossa oficina em seis encontros, com o intuito de proporcionarmos discussões sobre nosso tema, a “**escrita de si**”, prática que se torna comum nas redes sociais. Imbuídos desse propósito, mostramos e refletimos sobre os problemas que podem surgir com a exposição de si na rede de relacionamento *facebook*.

Ressaltamos que esse trabalho não tinha por objetivo promover a punição ou a imposição de valores éticos e morais, mas, de problematizar o tema, gerando neles a sensibilidade para enxergar que somos responsáveis pelo que dizemos e fazemos, tanto na vida *offline* quanto na *online*, haja vista, que os aprendizes-adolescentes/atores-redes precisam saber que “(...) o mundo digital não gera um vida a parte, sem intercomunicação com o restante de nossas vidas. A internet pode ser uma ferramenta formidável, mas também pode ser um instrumento de desgraça” (GABRIEL, 2013, p. 204) irreparável e devastador nas mãos de quem não usa com responsabilidade.

Segue o desenho da oficina, *Escrita de si: a autorrepresentação online*, em que sinalizamos as temáticas, os objetivos, as atividades, os materiais utilizados e a duração de cada encontro:

QUADRO 02: Sistematização da Oficina *Escrita de si: a autorrepresentação online*

ENCONTRO / (TEMA)	OBJETIVOS	ATIVIDADES	MATERIAL	DURAÇÃO
<p>1º- Facebook: olho mágico digital Percurso histórico da criação e desenvolvimento do <i>facebook</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar o conhecimento dos alunos sobre o a rede social <i>facebook</i>. Expor um panorama histórico do <i>facebook</i>, da sua criação até a atualidade. Propor um debate sobre a popularização dessa rede. 	<ul style="list-style-type: none"> • Questões exploratórias sobre o <i>facebook</i>. Leitura da definição do <i>facebook</i>, dada pela Wikipédia. Debate a partir da seguinte pergunta: <i>Como o Facebook ficou "maior" que a Internet e como isso afeta você?</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Websites</i>, trechos do filme <i>A rede social</i>, placas simbolizando curtir e não curtir e <i>Datashow</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Uma aula de 90 minutos.
<p>2º- Espelho, espelho meu. Diga-me quem sou EU? Perceber com os alunos-participantes da rede se veem e veem suas práticas na rede.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Explorar a visão que cada um tem de si com relação às práticas desenvolvidas no <i>facebook</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Solicitar aos alunos que falem/discorram como eles se veem na rede, elencando as suas práticas nesse espaço público. Leitura e discussão de uma crônica. Pedir para cada participante criar o seu infográfico a partir do aplicativo <i>What about me?</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Websites</i>, espelho, fotocópias e <i>Datashow</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Uma aula de 90 minutos.
<p>3º- Eu no outro. O outro em mim Discutir sobre a influência do Outro nas postagens do <i>facebook</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Despertar nos alunos o senso crítico para perceber o "poder" do Outro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e discussão de um poema. Exibir o vídeo e propor que os alunos escrevam comentários sobre a influência do outro em na escrita que tecem nas redes. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Websites</i>, fotocópias, vídeos e <i>Datashow</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Uma aula de 90 minutos.
<p>4º- Postou na rede. É da rede? Sensibilizar os participantes no sentido de mostrar que o que se posta na rede é da rede.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Explorar e discutir sobre o poder de posse do <i>facebook</i> sobre as postagens dos sujeitos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e discussão de uma reportagem. Construção de um depoimento sobre algum fato em que a privacidade foi ferida nos espaços da rede. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Websites</i>, fotocópias e <i>Datashow</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Uma aula de 90 minutos.
<p>5º- Penso. Logo publico. Atente! A sua vida online não pode ser um livro aberto Por que a escrita de si é mania na rede? A escrita revela quem você é de verdade? Explorando a publicação de <i>post</i> sem critérios e os perigos por trás dessa instantaneidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar e discutir postagens do <i>facebook</i> em que a prática da escrita de si se faz presentes. Analisar escritas de si com o objetivo de traçar o perfil do usuário. Estabelecer critérios para a publicação na rede. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura de postagens do <i>facebook</i>. Leitura e discussão de notícias. Visualização e discussão de um vídeo em que o jovem dar um depoimento sobre uma publicação sua que trouxe sérios problemas para sua vida. Estabelecer critérios conjuntamente para a publicação ou não de <i>post</i> na rede 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Websites</i>, fotocópias e <i>Datashow</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Uma aula de 90 minutos.
<p>6º- O equilíbrio entre a vida online e offline. <i>E, aí: é possível enxergar mudanças nas suas postagens?</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir os limites ente o <i>online</i> e <i>offline</i>. Esboçar um panorama das postagens dos participantes, do início do curso até o último encontro, com o objetivo de constar mudanças ou não nas postagens. 	<ul style="list-style-type: none"> • Visualização de vídeo. Leitura e discussão de uma charge. Produção de comentários sobre a temática. Leitura e discussão de um artigo de opinião. Resolução de um questionário sobre a escrita de si na rede. Análise do seu perfil, com o objetivo de verificar se houve mudanças. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fotocópias, vídeo, <i>websites</i> e <i>Datashow</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Uma aula de 90 minutos.

A oficina, de forma geral, teve uma aceitação entre os aprendizes-adolescentes da escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irineu Joffily. Acreditamos que essa receptividade se justifica pela inovação temática, haja vista que 100% desses alunos participam ativamente das redes sociais.

No primeiro encontro, cujo tema foi *O facebook: o olho mágico digital*, exibimos o vídeo *A dominação do facebook: como isso muda a sua vida todos os dias*²² e que mostra o controle que essa rede tem sobre os nossos dados e as nossas postagens, e como essa rede de relacionamento tornou-se maior que a própria internet. Alguns alunos pensam, ainda, que estar conectado no *facebook* significa “não estar na internet”, pois, para esses aprendizes-adolescentes, essa rede social é vista como se fosse um ambiente privado.

Diante da visualização do vídeo, apresentamos questionamentos aos sujeitos: *Como o Facebook ficou “maior” que a Internet e como isso afeta você?* Uma dos participantes, disse: “às vezes a gente conversa coisa íntima pensando que é **seguro**”. Isso nos revela que os jovens têm a ideia de que as suas informações estão totalmente seguras, daí a liberdade de dizer e estabelecer relações dialógicas com todos os sujeitos instantaneamente, sem ao menos refletir sobre o que se pretende publicizar. O fato é que, parece ser comum “coisas que muitas vezes são ditas em um espaço privado, entre amigos, tornam-se públicas, coletivas e visíveis” (RECUERO, 2015, p. 31).

Isso se comprova pela observação da quantidade de amigos e seguidores que esses aprendizes-adolescentes mantêm na rede. Sobre isso, uma das participantes em um dos encontros nos revelou que tinha amigos de países estrangeiros. Perguntada se eles “conhecia”, ela afirma que **não**. Logo, o que importa é a quantidade de redes/amigos que o sujeito está conectado, e não se é conhecido ou não, como nos diz Bauman (2005) as relações na pós-modernidade são marcadas pelas superficialidades, representada em números de seguidores o que reflete diretamente na visibilidade do sujeito “eu”.

²² Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=Gl2qAA3kww4> .> Acesso em: 20 de março de 2016.

Ainda no primeiro encontro, um dos alunos nos revelou “**eu posto para ter curtidas**”. Depreendemos a partir disso que os atores-redes “estão mais interessados na manutenção de suas redes de relacionamento, na expressão de seus pensamentos, ideias e sentimentos” (GOMES, 2016, p.82). Vemos, portanto, que a manutenção ocorre por meio do *feedback* do(s) outro(s), o qual é representado em curtidas, cutucadas, reações que expressam amor, raiva, surpresa, compartilhamentos e marcações. Porque é pelo olhar do(s) outro(s) que o “eu” se constitui enquanto sujeito, confirmando o que advoga Bakhtin (1997[1979], p. 378):

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo.

No segundo encontro intitulado “*Espelho, espelho meu. Diga-me quem sou Eu?*”, buscamos perceber como os alunos se viam em relação as suas práticas no *facebook*. Assim, aplicamos uma atividade em que um espelho deveria passar de mão e mão, e cada sujeito deveria responder a pergunta “Quem sou eu na rede social?”. À medida que o espelho ia percorrendo entre os alunos, algumas afirmações emergiam, tais como: “**eu sou eu**”; “**eu sou a modelo, adoro postar fotos**” e “**eu sou aquele que adora ver a vida dos outros**” e “**eu só uso para falar com amigos**”.

Olhando para essas afirmações, verificamos a diversidade de maneiras de se instaurar e de ser, que esse espaço torna possível aos sujeitos. Por outro lado, não podemos negar que estamos diante de um sujeito complexo, fluído e híbrido, dado que alguns aprendizes-adolescentes/atores-redes se acham tão autênticos a ponto de dizer “**eu sou eu**”, negando a influência do(s) outro(s), na constituição de sua própria identidade. Vemos, ainda, que outros alunos dizem, abertamente, que adoram postar fotos de si (*selfies*) e alguns afirmam que preferem utilizar a rede para fins mais restritos (olhar o perfil do outro e conversar com amigos). Na verdade, essa compreensão de si

parece desconsiderar que, enquanto usuários (ator-rede) de uma rede, as pessoas acabam, também, se constituindo um “nó” da grande rede, pois nas e pelas interconexões que estabelecem “a distinção entre sujeito e objeto não se aplica” (BUZATO, 2016, p. 46).

Esses encontros também foram utilizados para sanar dúvidas, a exemplo de algumas abreviações que encontrávamos no período da coleta netnográfica (p. ex.: abreviação “pprt” e “tmj”). Nesse momento, os próprios alunos, sujeitos da pesquisa, ajudaram a esclarecer, explicando que “pprt” significava “papo reto”. Quanto à “tmj” é representado para significar “tamo junto”, variação linguística comum nas trocas interativas escritas e é usada no lugar de “estamos juntos”.

Para Dias (2010, p. 180) abreviações desse tipo são

“(...) formulações que deslocam o sistema linguístico normativo, que passa a ser regulado por outros imaginários, reestruturando a língua em função de uma necessidade do espaço-tempo tecnológico”.

Em defesa a pesquisa e de uma discussão sobre linguagem online, Barton e Lee (2015) alegam a necessidade de se compreender a escrita *online*²³ para se estudar a linguagem escrita e, conseqüentemente, o sujeito que a produz. Porquanto, é demasiadamente relevante em tempo de novas escritas, visto que é papel da escola discutir e refletir as práticas sociais em que as linguagens se fazem presentes.

Assim, é importante que o docente acompanhe as inovações tecnológicas e, sobretudo, as de língua materna, observe e compreenda as escritas que estão sendo utilizadas pelos discentes em redes sociais, pois manter-se distante significa, não apenas, excluir-se socialmente, mas também, revelar-se sujeito que contribui para práticas sociais excludentes.

²³ Sobre essa questão é interessante mencionar o estudo em andamento, Steinmüller Pimentel, intitulado “A escrita na internet: de post em post o twitter se configura enquanto espaço discursivo”, sobre a orientação da Profa. Dra. Rossana Delmar de Lima Arcoverde (POSLE/UFCG)

No terceiro encontro, centramos nossa discussão na temática “Eu no outro/ O outro em mim”, que teve por objetivo discutir as influências do(s) outro(s) no “Eu”. Inicialmente, propomos a leitura do poema “O outro”, de Mário de Sá Carneiro. Em seguida, abrimos espaço para a discussão, a partir do seguinte questionamento: “quem é esse outro que me afeta?” Dentre as repostas apresentadas, constatamos que alguns alunos preferiram o silêncio, não expondo sua opinião, e outros se arriscaram a dizer: “**o meu colega**” e “**a minha família**”. Avaliamos que nem sempre é fácil reconhecer e admitir o “outro” em “mim”, pois esse imbricamento, muitas vezes, se dá de modo inconsciente. Por isso, acreditamos que essa seria um excelente caminho a ser investigado²⁴.

Com o intuito de levá-los a conhecer ou reconhecer esse(s) outro(s), exibimos o vídeo “*Facebook e nossas vidas?*” e solicitamos que os alunos escrevessem um comentário a partir da discussão feita pelo vídeo e pela leitura e discussão do poema, feita no primeiro momento da oficina. Vejamos dois comentários:

²⁴ Essa questão está sendo discutida na pesquisa “O “outro” em “mim”: as escrituras na era da hipermodernidade”, por VALENTIM-ARAÚJO; ARCOVERDE (em preparação).



CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino

OFICINA "ESCRITA DE SI: A AUTORREPRESENTAÇÃO ONLINE"

Responsável: Maraiza de Moraes Valentim Araújo.

VAMOS REFLETIR!!!

A partir da discussão do vídeo *Facebook e nossas vidas?*, autor desconhecido, escreva um comentário sobre a influência do Outro na escrita ou nas postagens que você posta nas redes sociais.





CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino

OFICINA "ESCRITA DE SI: A AUTORREPRESENTAÇÃO ONLINE"

Responsável: Maraiza de Moraes Valentim Araújo.

VAMOS REFLETIR!!!

A partir da discussão do vídeo *Facebook e nossas vidas?*, autor desconhecido, escreva um comentário sobre a influência do Outro na escrita ou nas postagens que você posta nas redes sociais.





Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kEK3c0CZZnM>
Acesso em: 02 Fev. 2016

*influência, porque na pessoa
semos proibido em que
o autor não permite, eu
deixa de pensar. hoje em
dia, nossa vida é um
sempre aberto por que
as pessoas querem e
procuram popularidade,
e o reconhecimento mesmo
de outra pessoa.*



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kEK3c0CZZnM>
Acesso em: 02 Fev. 2016

*Quase sempre vencemos 99,9%
de tudo que postamos é
pensando nos outros,
comentários, elogios e etc
mesmo que eu veja eu
mesma no sentido das
minhas postagens, eu sempre
penso mais que os meus
amigos vão fazer o quê,
no que eles vão comentar.*

Figura 12: Produção de comentários feita pelos alunos

De acordo com os comentários, dos aprendizes-adolescentes, vemos que eles escrevem sobre si na rede para ser visto e ser notado, por isso a busca pela “**popularidade e reconhecimento de outras pessoas**”, como aponta um dos participantes. Desse modo, quando postam parecem só pensar em “**curtidas, comentários, elogios etc.**”, como declara um outro aluno. Assim, a escrit(ur)a de si na rede é pensada para o(s) outro(s), nos seus possíveis julgamentos, aceitação e reações. É a alteridade que permite ao “eu” o acesso à visibilidade na era da virtualidade.

De fato, estamos vivenciando a sociedade do espetáculo, que segundo Gomes (2013, p. 52) é marcada por um paradoxo, pois

“ao mesmo tempo em que elas têm o poder de acentuar o espetáculo e a alienação, por outro lado elas também têm o poder de iluminar e permitir o “viver diretamente”, ampliando o contato direto do indivíduo com a realidade”.

Portanto, as práticas no *facebook* são ações que se encaminham para o “ser visto”. E o espetáculo só acontece, porque o olhar alheio entra em cena na constituição do sujeito “Eu”, narrador de si.

No quarto encontro, “*Postou na rede. É da rede?*”, o objetivo era sensibilizar os alunos em relação ao fato que, ao postar no *facebook*, as informações já não pertencem a ele, apenas, é também da rede. Inicialmente, proporcionamos aos alunos a leitura de uma reportagem em que mostrava que dados expostos na *timeline* de uma jovem foram usados por terceiros, e, tal fato, acabou provocando o seu suicídio. Os alunos ficaram impressionados com a história da garota, e afirmaram que isso era *ciberbullying*.

Para que eles pudessem observar os perigos relacionados à exposição íntima, exibimos um vídeo em que mostra alunos, sendo massacrados por colegas nos intervalos da escola, por causa de imagens sexuais publicadas no *facebook*. Por fim, solicitamos que eles escrevessem depoimentos relatando algum fato, que tenha acontecido consigo ou com algum conhecido, em que a privacidade foi ferida nos espaços da rede e prejudicando sua vida fora da tela.

Nos depoimentos, percebemos que quem mais vivencia esse tipo de constrangimento são as garotas. Segundo elas, isso acontece porque ao publicarem imagens de si/ escrit(ur)as de si mais ousadas e sensuais os meninos acreditam que elas estão dispostas a qualquer tipo de relacionamento.

No penúltimo encontro, a temática discutida foi “*Penso. Logo, público*”, o objetivo nesse encontro era discutir e refletir sobre as razões que levam a escrita de si ser mania no facebook, bem como, discutir se essa escrita revela a identidade real do sujeito ou se o sujeito utiliza-se dela para criar uma nova identidade no ciberespaço. Inicialmente, começamos a aula propondo um debate, a partir das seguintes perguntas: porque a escrita de si é mania na rede? E, a escrita revela quem você é de verdade? Alguns falaram que escrevem sobre si para informar aos seguidores o que estão fazendo e como estão se sentindo. Outros, disseram que têm outra identidade na rede, isto é, são “um outro”, aparentemente para ser diferente e ter mais liberdade na rede.

Com o intuito de esquentar o debate, exibimos fotos, usando um *datashow*, de atores-redes que publicaram escritas de si e que tiveram uma grande repercussão na mídia, a exemplo do caso de uma jovem que postou uma foto sentada no vaso sanitário, fazendo o teste de gravidez. Eles riram bastante com as publicações, acharam que era loucura da jovem, mas também disseram que esse comportamento era comum, porque não pensam muito antes de publicar.

Em seguida, mostramos uma reportagem em que um policial, especialista na área de crime do ciberespaço, diz os erros presentes em publicações e os perigos em dar muitas informações na rede. Uma das práticas evidenciadas na reportagem era o *sexting*, são *selfies* em que os sujeitos se apresentam seminus e em poses sensuais. Logo após, perguntamos aos alunos se eles sabiam o que era *sexting*? Ninguém sabia o que era.

Quando mostramos fotos retiradas dos *facebook*, *selfies* em que os sujeitos estão quase sem roupa. Perguntamos: Vocês fazem isso? Que imagem vocês fazem desses sujeitos? Muitos afirmaram que postam esse tipo de imagem. E, sobre, a possível

identidade dos sujeitos que se apresentam dessa forma, disseram: **“querem só aparecer”**, **“são pessoas furteis”**, **“só que ser a gostosa”**. Finalizamos a discussão, afirmando que essa prática era o *sexting* e que muitos deles praticavam em suas *timelines*, sem ter a dimensão dos problemas que essa prática pode trazer para sua vida.

Por fim, expomos o vídeo “Pense, antes de postar”, buscando possibilitar uma reflexão sobre a necessidade de se pensar antes de postar, tendo em vista que não temos domínio da rede.

No último encontro da oficina, intitulado *“E, aí: é possível enxergar mudanças nas suas postagens?”*, os alunos tiveram a possibilidade de avaliar as suas postagens, durante os dois meses de oficina, para isso utilizaram os seus *smartphones*. Depois dessa avaliação, solicitamos que eles respondessem uma atividade, o qual tinha por objetivo os registros de mudanças (caso houvesse) na prática da escrit(ur)a de si no *facebook*, os efeitos dessa prática pedagógica na (re) construção da identidade deles e, por fim, a avaliação da temática abordada pela oficina.

Trouxemos as respostas de dois aprendizes-adolescentes, para vislumbrarmos e analisarmos suas respostas, tendo em vista a relevância desse último encontro, em especial, para responder nossa segunda questão de pesquisa. Segue o quadro:

QUADRO 5: Houve mudanças?

ATIVIDADE – FECHAMENTO DAS DISCUSSÕES		
	APRENDIZ-ADOLESCENTE 1	APRENDIZ-ADOLESCENTE 2
<p>1. Com base nas discussões realizadas durante o encontro sobre a escrita de si presente nas redes sociais e observando suas postagens durante esse tempo da oficina, avalie e compartilhe conosco se houve mudanças em suas publicações?</p>	<p>“Houve, postava sempre muitas coisas e curtia também sem nem pensar, ou melhor, pensava assim é só uma foto mesmo, mas depois do projeto, entro no face curto fotos e tal, mas primeiro procuro ler a legenda, porque como foi relatado no projeto, as vezes saímos curtindo tudo e não tem sentido a legenda, ou é ofensivo e passamos despercebidos. Agora analiso bem minha fotos antes de postar, para não ser vulgar e não ter risco”.</p>	<p>“Sim, eu nem ligava postava foto no istagran normal e vieram comentários sem futuro pedindo números do watss. agora não posto mais deixei pra lá”.</p>
<p>2. Os encontros ajudaram a você a refletir sobre a escrita de si que tem feito nas redes sociais? Se, sim, justifique sua reposta apresentando exemplos.</p>	<p>“Sim, às vezes postava coisas sem pensar que não achava que não ia dar em nada e dava, agora faço bem as escolhas para não ver coisas desagradáveis”.</p>	<p>“Sim, me ajudou a não falar com pessoais estranhas e também não publicar coisas tipos fotos nua de calcinha”.</p>
<p>3. Você acha importante a escola trabalhar com temáticas voltadas a discutir assuntos relacionados às redes sociais?</p>	<p>“Sim, super importante porque a escola não é para abordar somente as matérias que são necessárias, mas sim todo o contexto, principalmente as redes sociais”</p>	<p>“Sim, porque a juventude está cada vez mais inocente de seus atos e essas temáticas ajudam a refletir mais sobre si”.</p>

Observando as respostas do primeiro questionamento, notamos que os aprendizes-adolescentes evidenciam que antes da oficina eram tomados pelo imediatismo (“**sem nem pensar**” e “**eu nem ligava postava**”), eram marcadas pela instantaneidade imposta pelo espaço digital. Também, pudemos perceber que a escrit(ur)a de si para eles está muito relacionada à publicação de imagens de si - *selfies*-

(**“pensava assim é só uma foto”, “postava foto” e “fotos nua de calcinha”**), recorrência evidenciada, nas postagens dos sujeitos, na análise que apresentamos na seção anterior.

Numa perspectiva pedagógica, observamos que a apreciação dos alunos foi positiva, pois, a princípio contribuiu não só para as discussões sobre a temática da escrita de si nas redes sociais, mas possibilitou aos alunos uma oportunidade para pensar e refletir sobre essa prática, pois conforme esses dois aprendizes-adolescentes: **“agora faço bem as escolhas para não ver coisas desagradáveis” e “(...) me ajudou a não falar com pessoas estranhas e também não publicar coisas tipos fotos nua de calcinha”**.

A priori podemos pontuar, a partir dessas declarações, que um trabalho de formação para uma educação linguística, na contemporaneidade, pode ocasionar mudanças na (re)construção da identidade do ator-rede, instigando-o a ter o devido cuidado com informações de natureza pessoais e íntimas. Isto é, oportuniza o desenvolvimento de responsabilidade, preconizado por Rojo e Barbosa (2015) ao afirmarem que é preciso desenvolver nos alunos um sujeito crítico, que se coloca além de um mero usuário do ciberespaço.

Portanto, acreditamos que práticas que valorizem as vivências social, (ciber)cultural dos sujeitos, devem ser implementadas, de modo que incentivem o desvelar das **“(...) capacidades analítica e crítica [...] para que consigam discernir sobre o que essas tecnologias representam em nossas vidas” (GABRIEL, 2013, p. 127)**. É relevante que se ofereça aos nossos aprendizes-adolescentes situações de ensino-aprendizagem, as quais devem prepará-los para serem analistas críticos da/na rede, isto é, sejam capazes de transformar suas práticas, os discursos e os significados que circulam na ciberesfera.

4.2.2. Após a oficina pedagógica

Não satisfeitas com as contribuições levantadas pelos aprendizes-adolescentes, com relação aos efeitos da oficina pedagógica na (re)construção de sua identidade como atores-redes, uma vez que, estavam sob o efeito imediato e direto da professora-pesquisadora na oficina, portanto, decidimos voltar a observar a prática dos seis sujeitos, acompanhados no período em que a oficina foi ministrada, no *facebook*, depois de um mês do término do último encontro.

Entendemos que eles, ao fazerem a avaliação da oficina, estavam sob nossa influência (pois assumimos o lugar do outro), e, como, sabemos e defendemos nessa pesquisa o(s) outro(s) é/são os que contribuem para o acabamento do sujeito.

Assim, reservamos o mês de agosto para observarmos e coletarmos as escrit(ur)as de si que os aprendizes-adolescentes estavam praticando no *facebook*, levando em contas as três estratégias discursivas de escrit(ur)as de si: *revelação/encontro de si*, *captura de si* e *voo de si*. Sendo assim, com objetivo de confrontarmos os achados com as mudanças elencadas pelos sujeitos na avaliação final da oficina, para só assim averiguar se os discursos deles após a oficina repercutem na prática de *facebookiano* deles, atores-redes, confirmando ou não o que apresentaram na avaliação final. Vejamos, a seguir, o quadro que sinaliza a quantidade de escrit(ur)as de si registradas durante o mês de agosto e o gráfico comparativo entre as escrit(ur)as de si publicadas durante e após a oficina:

QUADRO 6: Números referentes às postagens dos aprendizes-adolescentes no *facebook*

QUANTIDADE DE POSTAGENS DOS APRENDIZES-ADOLESCENTES					
SEXO	SUJEITO	NÚMERO DE POSTAGENS POR CATEGORIA			TOTAL DE POSTAGENS
		Revelação/ Encontro de si	Captura de si	Voo de si	
MASCULINO	M1	9	4	3	16
	M2	<i>Nenhuma publicação durante o mês de agosto.</i>			
	M3	<i>Nenhuma publicação durante o mês de agosto.</i>			
Subtotal		16			
FEMININO	F1	63	16	6	85
	F2	4	3	0	7
	F3	5	3	0	8
Subtotal		100			
TOTAL GERAL (M E F)		116			

Ao observarmos o Quadro 06, verificamos que os aprendizes-adolescentes M2 e M3, no período após oficina, não fizeram nenhuma atualização em sua conta pessoal no *facebook*. Se compararmos com a quantidade de postagens apresentadas no momento da oficina constatamos que os mesmos dentro os seis sujeitos foram o que menos escreveram sobre si, M2 teve o registro de 11 e M3 de 10 (Quadro 3, p. 70).

Inferimos com isso que esses sujeitos estão utilizando suas *timelines* para acompanhar as publicações dos seus amigos, isso pode ser comprovado nesta declaração feita no momento da avaliação final: **“Antes eu já não gostava de postar coisas, e agora mim incentivou mas, para eu não postar sobre mim e etc, eu uso mais para olhar o que o povo posta”** (Declaração do aprendiz-adolescente). Como podemos ver o aluno diz que já não tinha o hábito de escrever sobre si no *facebook*, e depois da oficina utiliza-se apenas para observar os outros. A partir disso, podemos dizer

que as mudanças apontadas no momento avaliativo se confirmaram na prática desses dois sujeitos, M2 e M3, no momento pós-oficina.

Contudo, ao observarmos os sujeitos M1, F1, F2 e F3, sobretudo, F1, averiguarmos que os aprendizes-adolescentes continuam a práticas a escrit(ur)a de si a partir das três construções discursivas, principalmente, da *relelação/encontro de si* e da *captura de si*. A categoria *voo de si* só aparece em M1 e F1. Vale ressaltar que nunca foi nosso propósito fazer com que os alunos/sujeitos atores redes deixassem de escrever sobre si. As discussões feitas na oficina pedagógica, sempre foram pensadas para possibilitar a esses alunos a oportunidade de refletirem sobre essa prática, buscando com isso desenvolver um uso mais responsável e crítico da rede. E, certamente, resultou na reflexão que eles apresentaram no momento da avaliação da oficina.

Assim, ao voltarmos para o espaço virtual verificamos que os adolescentes-aprendizes, exceto M2 e M3, continuam com a mesma prática e com a mesma identidade assumida durante do período da oficina. Para representarmos essa afirmação escolhermos o recorte de três sujeitos, sendo um masculino, representado por M1, e dois femininos, F1 e F2, tendo em vista que há mais publicação desse gênero. Vejamos abaixo:

24 de agosto · 🌐

Ooh Que Importa Eeh Ooh SorrisoOh 🥰🥰🥰



👍 Curtir · 💬 Comentar · ➦ Compartilhar

👍 🥰 🥰 e outras 257 pessoas

Ver mais 23 comentários

👤 -Lindaaa ❤️ 🥰
Curtir · Responder · 1 · 6 de setembro às 14:08
↳ 📩 - 1 resposta

👤 Sexxe girl
Ver tradução
Curtir · Responder · 1 · 24 de agosto às 15:35
👤 Lindo 🥰🥰🥰
Curtir · Responder · 6 de setembro às 14:15
Escreva uma resposta...

👤 Tá linda com este decote?
Curtir · Responder · 1 · 24 de agosto às 15:38
👤 Obrigado Meu LindoOh 🥰🥰🥰
Curtir · Responder · 6 de setembro às 14:15
Escreva uma resposta...

👤 Eita vidão
Curtir · Responder · 1 · 24 de agosto às 15:50
👤 Num eh 🥰🥰🥰🥰
Curtir · Responder · 6 de setembro às 14:18
Escreva uma resposta...

👤 Linda
Curtir · Responder · 1 · 24 de agosto às 15:54
👤 Lindo Eh Voc Meu Anjuh 🥰🥰🥰
Curtir · Responder · 1 · 6 de setembro às 14:18
👤 Ond linda 🥰
Foto nova vai lá ver 🥰🥰
Curtir · Responder · 6 de setembro às 14:38
Escreva uma resposta...

👤 Lindos
Curtir · Responder · 1 · 24 de agosto às 16:02
👤 Ksks Obrigado Lindo 🥰🥰🥰
Curtir · Responder · 1 · 6 de setembro às 14:17
Escreva uma resposta...

FIGURA 13: Recorte do aprendiz-adolescente F2

Na avaliação o sujeito F2 diz que as discussões feitas na oficina a ajudou a não publicar mais “fotos sexuais”. Contudo, encontramos no período após a oficina escrit(ur)as que ainda revelam essa identidade. Como podemos ver na Figura 13, a aprendiz-adolescente utiliza-se da escrit(ur)a de si como captura de si. Talvez com o mesmo objetivo de apreender a atenção do(s) outro(s) – seus interlocutores – F2 usa, então, um editor de foto, para dar ênfase aos seus seios, como podemos ver na Figura 13. Ela captura aquilo que quer mostrar ser²⁵, mais reluzente aos olhos do outro. Inferimos, portanto, que esse(s) outro(s) é/são o público masculino, observamos isso nos comentários: **“Sexxe girl”**, **“Tá linda com este decote”**, **“Lindos”** (comentário que fazem referência aos seios).

Inferimos que F2 que ser reconhecida a partir da construção de discursos sensuais, pois ao capturar a imagem de si e manipulá-la, foca no corpo, e, em especial, na parte que representa essa sexualidade. Nessa Figura 13, além de focar os seios, o sujeito, talvez, para dar ênfase ao sua personalidade *sexy*, puxa a blusa para a lateral do braço esquerdo, o que a deixa mais sedutora. Ao permanecer com essa identidade ela F2 vai de encontro a sua declaração na avaliação da oficina: **“Agora, analiso bem minhas fotos antes de posta, para não ser vulgar e não ter riscos”**.

Vejamos, agora, um recorte do aprendiz-adolescente M1:

²⁵ Posso afirmar isso, porque conheço pessoalmente o sujeito.



FIGURA 14: Recorte do aprendiz-adolescente M1

Na Figura 14, notamos que o sujeito M1 utiliza-se da escrit(ur)a de si como revelação/encontro de si, posto que sinaliza para o interlocutor o local em que se encontra ou, possivelmente, será seu destino “ **Clube Campestre Campina Grande**”, e escreve dois *hashtag* “**#AnittaCG**”. Inferimos, da análise dessa postagem, que a

cantora Anitta está fazendo show em Campina Grande e M1, provavelmente, se fará presente no show; o segundo é **#BangTour**, nome da turnê da cantora, a qual dá ênfase a sua música de sucesso *Bang*; revela seu *snapchat* e, ainda, para dar mais ênfase a revelação, M1, acopla a materialidade verbal a uma imagem de si (*selfie*).

Notamos que M1 também permanece com o desejo de construir uma imagem de si que o represente como um sujeito que tem poder econômico, posto que ele continua sinalizando em suas postagens os lugares frequentados, sempre evidenciando a estética da riqueza em suas vestimentas ou na marcação dos lugares que frequenta, a exemplo do Clube Campestre e show da cantora.

Observe abaixo um recorte de F1:

 em **Esperança City**
 30 de agosto às 17:21 · Esperança · 🌐

Cobra pra me picar, tem que ser mais venenosa do que euuu ... 🤩🥰



Curtir · Comentar · Compartilhar

 e outras 283 pessoas

Ver mais 39 comentários

 uuuuuuuuuuuuuu ❤️
 Curtir · Responder · 1 · 30 de agosto às 17:24

 Uyy 🤩🥰
 Curtir · Responder · 1 · 30 de agosto às 17:40

Escreva uma resposta...

 gostosa ❤️❤️
 Curtir · Responder · 1 · 30 de agosto às 17:24

 você dlç 🤩🥰
 Curtir · Responder · 1 · 30 de agosto às 17:41

Escreva uma resposta...

 delícia ❤️❤️
 Curtir · Responder · 1 · 30 de agosto às 17:24

 Goxtosa 🤩🥰
 Curtir · Responder · 1 · 30 de agosto às 17:41

Escreva uma resposta...

FIGURA 15: Recorte do aprendiz-adolescente F1

Ao observarmos a Figura 15, depreendemos que F1 utiliza da escrit(ur)a de si como *revelação/encontro de si*, e para compor sua escrit(ur)a declara: **“Cobra para mim picar, tem que ser mais venenosa do que euuu (mais emoticons de uma cobra e uma carinha)”**, acompanhada de um *selfie*, tirado dentro do quarto e em frente ao espelho. No enunciado percebemos que a aprendiz-adolescente diz ser uma “cobra”, que no sentido do cotidiano compreendemos que ao se afirmar como cobra, o indivíduo é mal e vingativo, fazendo referencia ao animal “peçonhento e nocivo”. Também, podemos deduzir que esse enunciado tem um possível destinatário, talvez seja um(ns) outro(s) que a feriu ou a machucou em outra situação.

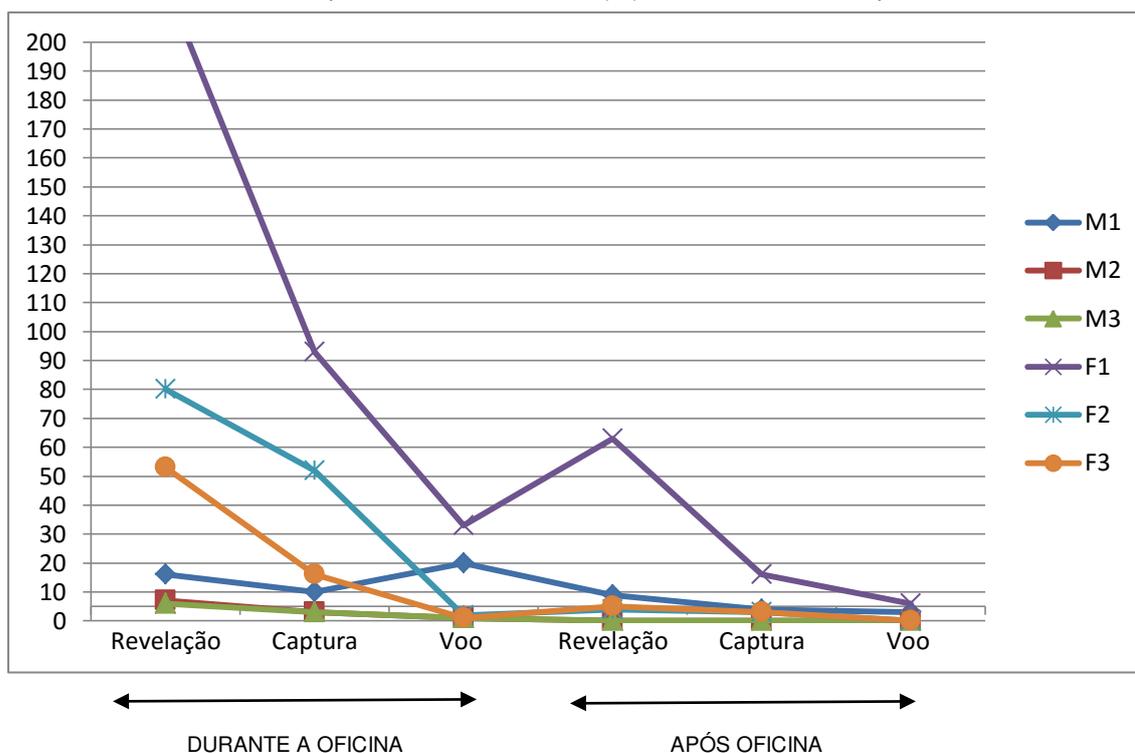
No entanto, avaliamos que a imagem de si é o que se sobressai aos olhos do outro, pois constatamos essa responsividade nos comentários sobre o *post*: **“gostosa”**, **“delícia”** etc. Logo, o enunciado, parece ficar apagado, mesmo sendo um recado para um outro e o que ressalta aos olhos é o corpo, vestido com poucas roupas, e demonstrando sensualidade estampada nos olhos, por razões éticas, tivemos que desfocar.

Ao perguntarmos ao sujeito F1, se houve contribuições da oficina na sua escrit(ur)a de si na rede social *facebook*, ela nos disse: **“Sim, pois em uma rede social “o outro” pode te definir em uma pessoa boa ou ruim, barraqueira ou santinha, daí e preciso ter cuidado no que se posta”**. Verificamos que esse sujeito, assim como outros, do mesmo modo que os outros foram influenciados, diretamente, por nossa presença na oficina. Eles responderam pensando no que nós, enquanto pesquisadores-professores, desejaríamos ouvir e ver. Estaríamos, aqui, no momento de relação assimétrica entre o professor e o aluno, pois nossa figura representa poder sobre os alunos.

Vemos, portanto, que ao se distanciarem, ganham a liberdade desse outro (pesquisador-professor) e voltam a ser “escravos” do aqui e do agora, da visibilidade escancarada e da superficialidade da rede social. Os sujeitos continuam com as práticas

de escrit(ur)as de si que mostram durante a oficina, no entanto, diminuiu a frequência ou param com a prática de narrativização de si, como é caso dos sujeitos M2 e M3. No entanto, mesmo com a diminuição, há alguns sujeitos que continuam apresentando os mesmos rastros que desvelaram durante a oficina. O gráfico, a seguir, esclarece nossa análise:

GRÁFICO 1: Comparativo entre as escrit(ur)as de si durante e após a oficina



Talvez todas as mudanças apontadas na avaliação da oficina não tenham se concretizado, porque apenas seis encontros de 90 minutos não foram suficientes para refletir sobre essa prática tão imbricada na cibercultura do sujeito dessa era. Ou, talvez, o desejo de romper os padrões, as regras e os valores, como bem aponta Bauman (2005), esteja tão impregnado nessa sociedade pós-moderna, que ir de encontro a ele seja a morte para o sujeito, ator-rede da cultura digital, porque uma identidade mais retraída e recatada não alcança a visibilidade tão almejada por eles.

Nessa direção, postulamos, ainda, que de modo tímido, à luz do processo vivenciado em nossa oficina, que é preciso sim educar o cidadão da era digital, oportunizando uma formação integral, no sentido de uma convivência harmoniosa e saudável entre a vida *online* e *offline*, duas dimensões que se integram e se fundem na construção social e cultural do sujeito contemporâneo.

Entretanto, estamos cientes de que, para que essa prática educativa chegue às comunidades escolares, é preciso formação profissional para os professores. É fato que os desafios são grandes. O mundo digital transforma-se e inova-se a todo instante e no campo da pedagogia, nem sempre percebemos o acompanhar das inovações tecnológicas e das mudanças sociais oriundas do universo digital de pessoas interconectadas. Desse modo, negligenciar as (novas) práticas da cultura digital e os (novos) sujeitos da era das redes sociais é, sem dúvida, colaborar para o fim da educação.

Os educadores precisam insistir e persistir, visto que não é um trabalho fácil, pois, como podemos ver em nosso estudo, os alunos são adeptos e produtores da cultura da exposição e da espetacularização do eu. Ademais, é relevante que a escola oportunize, frequentemente, debate/discussões e ações pedagógicas que tenham como foco práticas sociais do ciberespaço. Talvez assim, possamos contribuir para a (re)construção da identidade do sujeito/ator-rede, de forma que ele se transforme, efetivamente, em analista crítico das práticas multiletradas nessa era da desenfreada cultura de redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo procuramos investigar as estratégias discursivas referente a escrit(ur)a de si nas postagens de seis aprendizes-adolescentes de uma escola da rede estadual, que participaram da oficina, intitulada “Escrita de si: autorepresentação online”, juntamente com os outros 12 alunos. Além disso, averiguamos os efeitos dessa oficina pedagógica na (re)construção da identidade dos sujeitos na rede social *facebook*. Destacamos que compreendemos a escrit(ur)a de si como uma prática social da cultura digital, tendo em vista as multissemoses envolvidas na construção da narrativização de si na cibercultura.

Avaliamos que o trabalho netnográfico foi de grande valia para termos a dimensão dessa prática de escrita, na rede social de relacionamento *Facebook*, visto que o desejo de estudar esse objeto surgiu das discussões que travávamos nos encontros pedagógicos, na escola em que a pesquisadora, também, é professora. Assim, ao mergulharmos, nas *timelines* dos sujeitos, tivemos a certeza que estávamos diante de uma prática social já estabelecida no *Facebook*, porém ainda pouco estudada. Principalmente, porque o próprio site leva o indivíduo a narrar sobre si, ao estimular o sujeito a responder a pergunta que aparece no *status* “no que você está pensando?”.

Percebemos que os aprendizes-adolescentes/atores-redes buscam participar de forma efetiva da cultura digital na busca do instantâneo, da sociabilidade, do reconhecimento e da visibilidade do(s) outro(s). Logo, a escrit(ur)a de si está sempre voltada para outro(s), não o(s) Outro(s) da história, mais um(ns) outro(s) do imediato, posto que, ao observamos as postagens, desses sujeitos, e os comentários, em suas publicações, notamos que eles desejam a apreciação efêmera e súbita do(s) outro(s) que está(ão) por trás da tela.

A análise das escrit(ur)as de si na rede social *Facebook* evidenciou que estamos diante de aprendizes-adolescentes que narram sobre si, mediante construções

discursivas da *revelação/encontro de si*, a mais recorrente entre as outras (*captura de si e voo de si*). Utilizam desse recurso discursivo para informar ao(s) outro(s): os lugares que frequentam; como estão se sentindo; o que gostam de fazer e os rastros da sua personalidade. Isto é, os sujeitos passam uma imagem mais próxima do real ou talvez transgridam a verdadeira realidade, tendo em vista que há o predomínio da menção, nas escrit(ur)a de si, às ações e sentimentos bons e desejáveis pelo(s) outro(s) e à marcações de lugares que revelam um certo poder econômico etc.

Nesse ambiente, notar e ser notado são a chave para se manter em audiência ou promover a audiência do outro, que em outro momento pode ajudar a promover o seu espetáculo pessoal. Vivemos uma relação de “troca” em meio ao no universo multissemiótico.

Comprovamos o que já imaginávamos com relação ao uso da multimodalidade na escrit(ur)a de si, pois observamos que os usos de imagens, principalmente do *selfie* (*autorretrato*) e de emoticons se sobressaem diante do material linguístico. O que comprova que vivemos no mundo cada vez mais semiotizado.

O *selfie*, nova forma de (ins)crever na cibercultura é, sem dúvida, fundamental no ambiente em que o exibicionismo é exacerbado e instantâneo. Talvez, estejamos diante de uma linguagem que seja a extensão do corpo físico, visto que a imagem em si dispensa o contato físico, pois o sentido está posto nas cores, na forma, nos contornos, nas poses e nos lugares que servem de cenário à imagem, esses elementos possibilitam ao outro penetrar na vida do eu em tempo real.

Nessa direção, o trabalho desenvolvido na oficina “*Escrita de si: autorepresentação online*” nos permitiu discutir com os aprendizes-adolescentes as práticas sociais efetuadas por eles no *Facebook*, sobretudo, a da escrit(ur)a de si, elucidando os motivos que conduzem à exposição da vida privada e aos perigos por trás dessa prática, buscando com isso desenvolver analistas críticos, “responsáveis” pelo seu dizer no ambiente digital.

Além disso, tivemos a oportunidade de conhecer esses atores-redes no espaço *offline*, o que comprova o que Bauman (2005) nos diz sobre a identidade dos sujeitos, na pós-modernidade, visto que, no momento em que possibilitamos aos aprendizes-adolescentes a avaliação da oficina, em que tiveram a oportunidade de pontuar as mudanças ocorridas ou não em sua prática de escrit(ur)a de si na rede social, tivemos a priori o registro de várias mudanças tais como: não revelar informações ou dados pessoais abertamente na *timeline*, não expor o corpo de forma nua ou seminua etc.

No entanto, quando voltamos para o *Facebook*, um mês após o término da oficina, percebemos que pouca coisa havia mudado em relação a essa prática. Apenas dois adolescentes não haviam publicado nada, porém os mesmos confessaram que utilizavam o seu perfil para ver as publicações dos outros colegas. Os outros continuavam a se revelarem a partir de um discurso de si sensual e da valorização do poderio econômico.

A partir disso, percebemos que a identidade dos adolescentes-aprendizes na cultura digital está inserida dentro do diagnóstico feito por Bauman (2005) sobre a identidade dos sujeitos na pós-modernidade, pois estamos lidando com sujeitos que desejam, acima de tudo, o reconhecimento e a aceitação do(s) outro(s). Logo, transgredir valores ou orientações pedagógicas, mesmo que essas orientações, como as quais oportunizamos na oficina, sejam no sentido de propor a discussão para que os aprendizes-adolescentes construam os seus próprios valores, é algo natural para o sujeito da contemporaneidade.

Percebemos, ainda, que no momento em que assumimos o lugar do Outro, analisando de forma crítica a historicidade discursiva da escrit(ur)a de si, apresentada nas postagens dos alunos, ocupamos o lugar do outro punitivo e refreador da visibilidade de um sujeito, que quer romper constantemente com o anonimato.

Logo, ao analisarmos as discussões e efeitos da oficina na (re)construção da identidade deles, notamos que, no momento de avaliação da oficina, o discurso que eles

fizeram de si está próximo da função que a escrita de si tinha na era do cristianismo, pois eles mascararam o seu discurso, talvez como forma de resguardar a sua face, com o intuito de dizer apenas o que outro desejaria ouvir. No entanto, quando há o distanciamento eles voltam para o espaço do *facebook* e permanecem sendo atores-redes, de identidades multifacetadas, versáteis e narcisistas.

Entretanto, ainda que de modo tímido, à luz do processo vivenciado em nossa oficina, acreditamos que nós, educadores inseridos na cibercultura, devemos proporcionar mais diálogos sobre temáticas e práticas sociais do mundo digital, pois se faz necessário oportunizar uma formação integral, no sentido de uma convivência harmoniosa entre a vida *online* e *offline*, duas dimensões que se integram e se fundem na construção social e cultural do sujeito contemporâneo.

Entretanto, sabemos que para que essa prática chegue às comunidades escolares é preciso formação continuada para os professores. É fato que os desafios são grandes. O mundo digital transforma-se e inova-se a todo instante e no campo da pedagogia nem sempre percebemos o acompanhar das inovações tecnológicas e das mudanças sociais oriundas do universo digital interconectado. Desse modo, negligenciar as (novas) práticas dos discursos digitais e os (novos) sujeitos da era das redes sociais é, sem dúvida, colaborar para o fim da educação.

Diante disso, concordamos com Coulmans (2014) ao afirmar que, em um mundo que requer multiletramentos, se faz necessário estudar o comportamento *online* dos sujeitos/atores-redes, pois só assim iremos compreender a escrit(ur)a dessa nova sociedade. Por isso, há muito ainda a ser pesquisado, compreendido e apontado.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso. **Etnografia e o estudo da prática escolar cotidiana**. In: Etnografia da prática escolar. São Paulo: Papirus, 1995, p. 35-48.
- ARAÚJO, Júlio. Reelaborações de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 49-64.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997[1979].
- _____. O discurso no romance. In: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2002[1975], p. 71-210.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. – São Paulo: Cortez, 2012, p. 32-45.
- BARTHES, Roland; MAURIÉS, Patrick. Escrita. In: **Enciclopédia Einandi**, Volume 11; oral/escrito/argumentação. Imprensa nacional- Casa da Moeda. 1987, p. 146-172.
- BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. São Paulo: Editora UNICAMP, 2004, p. 108.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. Três concepções para o estudo de redes sociais. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 33- 47.
- CARNEIRO, Mario de Sá. **Poesia**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2ª. Ed., 2001.
- CARVALHO, Christine. Práticas de letramentos e a construção discursiva das identidades no contexto virtual de ensino do português. In: MAGALHÃES, Izabel (org.) **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas: Mercado de Letras, 2012, p. 227-268
- CELANI, M. A. A. "A relevância da Lingüística Aplicada na formação de uma política educacional brasileira". Fortkamp, M. B. M. e Tomitch, L. M. B. (orgs.). **Aspectos da Lingüística Aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Ignácio Bohn**. Florianópolis: Insular, 2000.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CORACINI, Maria José R. F. A escrita de si na internet: histórias ao acaso e o acaso das histórias. In: SCHONS, Carme Regina; ROSING, Tania M. Kuchenbecker (Org.). **Questões de escrita**. Passo Fundo: Editora UPF, 2011, p. 42-54.
- _____. Discurso e escrit(ur)a: entre a necessidade e a impossibilidade de ensinar. In: ECKERT-HOFF, Beatriz Maria; CORACINI, Mª José Rodrigues Faria. (orgs). **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira**. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 17-20.
- _____. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

COULMANS, Florian. **Escrita e sociedade**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

DESLAURIES, J-P; KÉRISTIT, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POUPART *et al* (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 127-153.

DIAS, Cristiane. A escrita de si em tempos de chat: a narrativa do fragmentário. In: ECKERT-HOFF, Beatriz Maria; CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira**. São Paulo: Mercado de Letras, 2010, p. 167-255.

DIONISIO, Ângela Paiva e VASCONCELOS, Leila Janot. Multimodalidade, gênero textual e leitura. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 19-42.

DIONISIO, Ângela Paiva. Multimodalidade, Convenções Visuais e Leitura. In: DIONISIO, Ângela Paiva; VASCONCELOS, Leila Janot; SOUZA, Maria Medianeira de (orgs). **Multimodalidades e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais**. Recife: Pipa Comunicação, 2014, p. 41-77.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua Portuguesa**. 5ª ed. Rio de Janeiro: FNDE/PNLD, 2004.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

_____. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Vega: Passagens, 1992, p. 89-128.

_____. Técnica de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Ética, estratégia, poder-saber. V. 4. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1070**. 24. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREIRE, Maximina M; LEFFA, Vilso J. A auto-heteroecoformação tecnológica. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org). **Linguística Aplicada na modernidade recente**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 59-78.

GABRIEL, Martha. **Educ@r a revolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

GERHARDT, T.E, SILVEIRA, D.T. (Orgs.) **Métodos de Pesquisa**. UAB/UFRGS - Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Série Ensino a Distância. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. A etnografia como paradigma de construção do processo de conhecimento em educação. In: _____ **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 179-208.

GHIRALDELO, Claudete Moreno. Escritas de si e identidades profissionais de professores. In: ECKERT-HOFF, Beatriz Maria; CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira**. São Paulo: Mercado de Letras, 2010, p. 231-255.

GOMES, Luiz Fernando. Redes sociais e escola: o que temos de aprender? In: LEFFA, Vilson; ARAÚJO, Júlio. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 81-92.

GREEN, Judith L.; DIXON, Carol N.; ZAHARLICK, Amy. A etnografia como uma lógica de investigação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 42, p.13-79, dez.2005.

HATHERLY, Ana. A idade da escrita e outros poemas. São Paulo: Editora Escrituras, 2005.

KATO, Mary A. A natureza da linguagem escrita. In: KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística.** 5 ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 10-41

KEISERMAN, Boris B. **Significados das mensagens publicadas no mural do facebook: uma análise temática.** 2012. 74 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2012.

KOMESU, Fabiana Cristina. Blogs e as práticas sobre si na internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org). **Hipertexto e gêneros digitais.** Rio de Janeiro: Lucena, 2010.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas.** 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, Maria Zélia Versiani. Ensinar Português hoje: novas práticas na tensão entre o escolar e o social. In: MARINHO, Marildes. CARVALHO, Gilcinei Teodoro (orgs). **Cultura escrita e letramento.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 418-437.

OLIVEIRA, Mariangela Rios; WILSON, Victoria. Linguística e ensino. In: **Manual de Linguística.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 235-242.

PAIVA, Vera Lúcia Meneses de Oliveira. Facebook: um estado atrator na internet: In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 65-80.

PALFREY, John; GASSER, Urs. Identidades. In: **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais.** Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 27-47.

PIRES, Álvaro P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; LAPERRIÉRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 127-153.

PIVA JUNIOR, Dilermano. Sala de aula digital: uma introdução à cultura digital para educadores. São Paulo: Saraiva, 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. Discurso mediado por computador nas redes sociais. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 17-32.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane (org). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs.** São Paulo: Parábola, 2013.

_____. Pedagogia dos Multiletramentos. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.

_____. Letramento(s): Práticas de letramento em diferentes contextos. In: **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 95-121.

RUIZ, Eliane Maria Severino Donoio. Escrita de si no *Orkut*: identidade e (pós)-modernidade. In: CORACINI, Maria José; UYENO, Elzira Yoko; MASCIA, Márcia A. Amador. **Da letra ao pixel e do pixel à letra: uma análise discursiva do e sobre o virtual: identidade, leitura e escrita, formação de professores e ensino-aprendizagem de língua.** São Paulo: Mercado de Letras, 2011, p. 79 -112.

SALES, Shirlei Rezende. Etnografia + netnografia + análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: MEYER, Dagmar E.; PARAÍSO, Mar Lucy A.(orgs.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p.111-141.

SAMPSON, Geoffrey. **Sistemas de escrita.** São Paulo: Ática, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano.** Ponto Alegre: Revista FAMECOS. Nº 22. Dez. 2003, p. 23-32.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

SANTIAGO, Ilana Eléa. **A escrita dos nativos digitais.** 2010. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

SCHERER, Amanda Eloisa. A escrit(ur)a de si: uma história do sujeito pela alteridade. In: ECKERT-HOFF, Beatriz Maria e CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Orgs.) **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, língua materna e estrangeira.** Campinas; SP: Mercado de Letras, 2010, p. 107-119.

SIBILA, Paula. **Celebridade para todos: Um antídoto Contra a solidão?** Revista Ciência e Cultura. Vol. 62 no.2 São Paulo, 2010, p. 52-55.

_____. **Show do eu: a vitrine da própria personalidade.** Rio Grande do Sul, **IHU On-Line, 23 de Nov. 2008. Entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos.**

_____. Autenticidade e *performance*: a construção de si como personagem visível. **Fronteira: estudos midiáticos,** Rio Grande do Sul, Vol. 17, Nº 3, p. 353-364, setembro/dezembro, 2015.

SIBILIA, Paula; DIOGO, Lígia. **Vitrines da intimidade na Internet: imagens para guardar ou para mostrar?** Estud. sociol., Araraquara, v.16, n.30, p.127-139, 2011

SIGNORINI, Inês. Bordas e fronteiras entre escritas grafocêntricas e hipermediáticas. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org). **Linguística Aplicada na modernidade recente.** São Paulo: Parábola, 2013, p. 197-209.

SOBRINHO, Patrícia Jerônimo. **'Meu selfie'**: a representação do corpo na rede social facebook. Rio de Janeiro: Artefactum, 2014, p.120-133.

STREET, Brian. **Letramentos Sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Top 10 das redes sociais mais acessadas do Brasil. Portal R7. Adriano Lopes, maio, 2014. Disponível em: <http://top10mais.org/top-10-redes-sociais-mais-acessadas-do-brasil/>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento sistêmico**: O novo paradigma da ciência. 2. Ed. Campinas: Papyrus, 2002.

VOLOCHINOV, V.V.; BAKHTIN, M.M. **Marxismo e filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006[1929].

APÊNDICES

- **APÊNDICE A: TCLE**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da pesquisa *A escrita de si nos emaranhados das redes sociais*, sob a responsabilidade da pesquisadora Maraiza de Moraes Valentim Araújo, a qual pretende investigar a escrita de si que jovens usuários fazem na rede social, buscando compreender os sentidos que eles atribuem a essa escrita e as possibilidades de ensino dessa prática social da cultura digital. A participação é voluntária e se dará por meio da participação da oficina ministrada pela pesquisadora, bem como a permissão para vistoriar e utilizar postagens da conta na rede social *facebook*. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são exposição das suas postagens. Caso aceite participar, estará contribuindo para desenvolver o senso crítico do aluno-usuário da rede e para a construção de um ensino voltado para a construção de um cidadão responsável pelo seu dizer. Se depois de consentir a participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Em caso de uso de postagens com imagens, as mesmas serão desfocadas para que a identidade física não seja revelada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Rua Juviano Sobreira, pelo telefone (83) 3361-2539, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFPA, na Rua Dr. Carlos Chagas, s/ nº, edifício do Hospital Universitário Alcides Carneiro, Bairro São José, Campina Grande – PB, telefone (83) 2101 – 5545.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, responsável legal pelo(a) aluno(a) _____, fui informado sobre os objetivos da pesquisa pela pesquisadora e porque precisa da colaboração do referido aluno, e entendi a explicação. Por isso, eu autorizo a participação do mesmo, sabendo que não ganhará nada e que poderá sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do Responsável

Data: ____/____/____

Assinatura do Pesquisador Responsável

- **APÊNDICE B: TA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

TERMO DE ASSENTIMENTO PARA ADOLESCENTE

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **A escrita de si nos emaranhados das redes sociais**. Seus pais permitiram que você participe. Queremos investigar a escrita de si que os jovens usuários fazem na rede social, buscando compreender os sentidos que você atribui a essa escrita e as possibilidades de ensino dessa prática social da cultura digital. Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm entre 14 a 15 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será feita na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irineu Joffily, onde os adolescentes serão submetidos a encontros que irão refletir e discutir sobre a linguagem online utilizada na rede social *facebook*, as aulas serão expositivas e dialogadas. Para isso, serão usadas cópias digitalizadas de textos sobre a temática em foco (redes sociais); slides com postagens, imagens e vídeos de domínio público; quadro branco etc. Sempre há risco de constrangimento quando as pessoas conversam e fazem atividades juntas, isso pode acontecer nesta pesquisa também, porém tudo foi planejado para que não aconteça. Caso ocorra algo errado, você deve avisar os seus pais ou me procurar pelo telefone (83)98820-8128/99684-3108. Mas há coisas boas que podem acontecer trocar de experiências, discussões e reflexões sobre a linguagem utilizada nas redes sociais e muita aprendizagem. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não contaremos para outras pessoas, nem daremos para estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os adolescentes que participaram. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito participar da PESQUISA **A ESCRITA DE SI NOS EMARANHADOS DAS REDES SOCIAIS**. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso. O pesquisador tirará minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma via deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do menor _____

Assinatura do(a) pesquisador(a) _____

Ciência do pai ou responsável:

Nome do pai ou responsável: _____

- **APÊNDICE C:** questionários para aprendizes-adolescentes



CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino
Escrita de si nos emaranhados das redes sociais
Mestranda: Maraiza de Moraes Valentim Araújo
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Rossana Delmar de Lima Arcoverde

QUESTIONÁRIO

Os dados serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Linguagem e Ensino- UFCG, intitulado por *Escrita de Si nos emaranhados das redes sociais*. **Não é necessária a sua identificação.**

1. Data do preenchimento: ___ / ___ / ___ Município: _____ /PB
2. Quantos anos você tem? _____
3. Você faz uso ou participa de redes sociais? Se sim, qual(ais)?

4. Com que frequência você acessa o *facebook*?
 uma vez por semana
 mais de uma vez por semana
 todos os dias
 raramente
5. Quantas horas por dia você costuma permanecer no *facebook*?
 menos de 1 hora
 mais de 1 hora
 mais de 3 horas
 mais de 5 horas
6. Quais os motivos que levam você a ter um perfil no *facebook*?

7. Quais as atividades que você realiza com mais frequência no *facebook*? (Pode marcar mais de uma)
 curtir

- comentar
- compartilhar
- publicar textos
- publicar fotos
- publicar vídeos
- conversar
- enviar mensagens

8. O que você escreve (publica) com frequência na sua linha do tempo do *facebook*?

9. Você publica textos ou fotos pessoais no *facebook*? Por quê?

10. Que publicações você curte, comenta ou compartilha com maior frequência?

11. Você já vivenciou algum mal entendido ou algo mais sério devido alguma postagem feita na sua página do *facebook*? Se sim, compartilhe o(s) motivo(s), caso deseje.

12. O que você espera de uma oficina que tem por título a *Escrita de si: a autorrepresentação online*?
